

TENTATIVAS POETICAS

REGISTRO SETORIAL

Serção Obras Raras

N.º 254

Data 20/12/19

POR

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

SEVERIANNO ANTONIO DE AZEVEDO

Humilde Musa minha, se agora
Erguer a debil voz jamais ousaste,
Por quanto a Lyra harmonica e sonora
Dos celebrados Vates escutaste
Que são junto ao Xantho Tibre outr'ora,
E seus divinos cantos envejaste,
Não temas musa minha, a voz levanta,
Aos Vates venia pede, humilde canta.

1866

MARANHÃO—1866.

Typ. de FRIAS da Palma n.º 6.

TENTATIVAS POETICAS.

OR
869.9
A994

UM ANJO E A RECOMPENSA D'UMA ACÇÃO BOA.

Quique sui memores alios facere merendo.
Omnibus his nivea cinguntur tempora vittâ.
Virg.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Sobre os verdejantes cumes,
Dos elevados outeiros
Dardejando o sol no occaso
Os seus raios derradeiros.

Bem como a meiga tristeza
Da virgem na solidão,
Tal era brando e mavioso
Esse palido clarão.

Como o gemer da saudade,
Terno, triste... até findar;
Assim languida, esvaindo-se,
Essa luz ia expirar.

Em denso bosque ali perto se via
Isolada choupana: o humilde tecto,
Cobriam da palmeira as pardas folhas.

A miseria talvez ali morava,
 Q' em seu mesquinho aspecto isso dizia
 A pobre habitação, talvez—virtude,
 Sim, virtude, tambem ali se achava,
 Brilhar a vemos sempre pura e nobre,
 Tal como o sol radiante em seu parello:
 De espaço a espaço lugubres resoam
 Dolorosos gemidos—que ao fim perdem
 Seu som no som da brisa que folhea
 Com brando ciciar o immenso bosque.
 São notas que a dor tira do imo d'alma
 Ao infeliz que ali—prostrado enfermo;
 Sem recurso qualquer ao desamparo
 Se extingue pela dor, miseria, fome...

Subito ouve-se

O rodar de uma sege: eil-a que para
 Á porta da choupana;

Desce gentil donzella, svelta, maga,
 Q' airosa traja roçagantes roupas,
 He um anjo, talvez o céo o envia;
 Um socorro será, nem n'este pensa
 O triste que o recebe. Oh quem diria
 Q' esse rosto tão bello e seductor,

Tão senhoril tão grave

Não é d'um anjo d'esses que lá moram
 Nas ethereas mansões, e que apparecem
 Para livrar do vortice do crime
 A innocencia no instante de perder-se!?
 Mas não: dos anjos é que a terra habitam
 E á sua vista tudo olvida o homem!
 Graças, Eterno Deus! Que fôra o Mundo
 Si anjos tão bellos n'elle não creasses?!...

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

N'um aspero, tosco, rasgado colchão
Estava estendido
Um pallido, magro, enfermo ancião
E desfallecido.

No acesso de febre voraz e afanosa
Seus membros ardiam ;
E languidos, debeis, convulsos, tremendo
Na cama jaziam.

Com ancia oppressiva, cansado, offegando ,
Seu peito arquejava :
Para um e outro lado seu corpo volvia
Que não socegava.

De tempos em tempos do peito arrancava
Profundo gemido :
Linguagem de dor, que exhala o seu peito
De dor opprimido.

De tempos em tempos os olhos abria ,
Tornava a fechar :
E d'um moribundo já bem parecia
Seu languido olhar.

.....

Mas já o doente os febris paroxismos
Deixou de soffrer ;
E em brando lethargo ficando engolfado
Pausava o gemer.

Em tanto na porta chegara uma sege,
 Nem elle isto ouvira;
 Entrara uma linda garbosa Donzella,
 Nem elle o sentira:

Tão doce, tão meiga uma voz lhe fallara;
 Nem elle a escudou:
 « Fileno » uma voz, duas vezes chamara,
 « Fileno, aqui estou. »

Ali—um menino pasmado observava
 A linda Senhora;
 Ali—um cão-zinho, que á entrada latira,
 Rosnava ind'agora.

Ainda uma vez chegou-se ella ao leito:
 « Fileno » chamou;
 Porém o ancião que mais não gemia
 Dormindo já achou.

Então em grosseira poltrona ao seu lado
 Sentou-se a Donzella;
 Contempla o doente—qual anjo da guarda,
 Assim era ella.

Sua alma sensivel, e candida e pura
 Então se annunciava;
 De dó, de piedade sympathica e terna
 A virgem chorava.

III

Uma hora—outra correra. A branca lua,
 Ergueo a sua face no horizonte,

Seus raios vaporosos diffundindo,
 Qual encantado vèo de fina prata.
 Somente o brando respirar do enfermo,
 O resonar opresso do lacaio,
 E o pastar dos cavallos interrompem
 A solemne mudez da natureza.
 Da fadiga vencido ha muito gosa
 Esse menino a placidez do somno,
 Dessa quadra feliz que breve passa.
 Vela somente a Dama juncto ao leito,
 Attentiva aguardando que desperte
 O adormecido enfermo. Lua morticã
 Illumina este quadro interessante,
 Grave, consternador—

Q'ali reune em singular contraste
 A infancia, a juventude co'a velhice;
 Uma entrando no mundo timorata,
 Ignara das paixões,—candida, pura.
 Outra—brilhante no verdor da idade,—
 Tão cheia do futuro, tão altiva,
 Tão de poesia cheia—e seductora.
 Outra—desenganada olhando o mundo
 Com desprezo e pesares—já bem perto
 Dos martyrios da vida o termo antolha,
 Que lá no horror da campa cessa tudo
 Amor—prazeres—dor—sonhos, co'um sopro
 Nos abysmos do nada desaparecem....

O velho entanto acorda,
 Solta um suspiro, geme e volve os olhos
 Em derredor na rustica morada,
 E vê sem crer em tal junto da cama
 A Donzella gentil de cujos labios
 Realçava o carmim brando sorriso:
 Mudo e pasmo a contemplava o pobre enfermo,
 « Perdoai, meiga lhe diz, a jovem Dona,
 Perdoai-me se entrei n'esta morada

Sem vossa permissão.»—«Quem sois, Senhora?
 Que a pobre habitação honrar quizestes,
 A jazida de um pobre moribundo. . . .
 Entraste o immundo albergue em que se hospeda
 Tanta miseria sem temer manchar-vos?! »
 « Não, a moça lhe diz, jamais o asilo
 Em que a virtude habita manchar pode. . . »
 «—A virtude, Senhora, é van palavra,
 Diz elle em tom solemne, bem que fraco, »
 É van palavra, sim, porque entre os homens
 É rara, é muito rara! . . . Ai quantas vezes
 Com suas formas não se encobre o crime!
 Quantas o peito d'esses, que nós vemos
 Que exemplos de *virtude* o mundo aponta,
 Pelo negro remorso è lacerado!
 « Virtude—felicidade—ah! cousas raras!
 E nada mais commum do que seus nomes
 Vós porem sois feliz, ó Dona linda
 Tão joven, opulenta, bella, nobre,
 Que mais heis de mister? »

Do intimo peito

Um suspiro escapou á ingenua virgem;
 A cabeça inclinou pensando um pouco.
 « Ah! feliz eu não sou. . . . Illusões tudo. . . .
 Riquezas, mocidade. . . . isso que importa? »
 «—Porem eu sou feliz, sabeis Senhora? . . .
 Eu tambem tive sonhos tão brilhantes!
 Com elles desvaneci horas da vida;
 Entretive gostoso vans esp'ranças. . . .
 Tambem riquezas tive. . . . nada tenho. . . .
 Vivi; que me ficou da vida agora?
 Acerbo desengano em fuscas lettras
 Indeleveis gravado no meu peito
 Onde me pulsa a vida ha quinze lustros
 Que cobriram de cans esta cabeça. . . .
 Hoje miseria e fome peno, soffro. . . . »

E aqui da enfermidade a mão ferrenha
 N'esta casa de dor sobre mim pesa...
 Com tudo eu sou feliz!... Diversas plagas...
 Por mar e terra vi... com grandes somas
 No commercio lidei, por mar e terra...
 —Nesta tosca choupana e ermo bosque
 Meus dias vão findar... mui pouco resta
 Porem eu sou feliz!... Já na campanha
 A patria defendi, já tive nome...
 Projectil matador roubou-me um braço...
 A patria me olvidou—tambem me olvidam
 Meus cidadãos... vivo inda par'amal-os:
 Basta, inda sou feliz!... Jámais da vida
 Os azares, prazeres ou trabalhos,
 Fizeram-me esquecer acções de graças
 A Quem os bens e os males nos envia...
 A Deus, sim, que nos ouve... Não me resta
 Do meu antigo mundo nada... nada...
 Tambem remorsos não... Tranquillo espero
 O instante de descer à terra fria.
 E temo a Deus, porem não temo a morte:
 Eis porque sou feliz...

Vós ali vedes.

Que dorme em paz o somno da innocencia
 Esse que com voz flebil por mim roga
 Á caridade um óbolo mesquinho
 Para mim, para si, que eu ja... não posso...»
 A Donzella o interrompe enternecida,
 «—Declarai-me vos pesso o vosso nome.»
 «—Um homem, inda o sou, e um muribundo,
 Após breve silencio o ancião lhe torna.»
 «—Bem, ella diz, o nome pouco importa,
 Quando eu sei que soffreis... assás conheço
 Quem sois, porque m'ò dice esse menino
 Que no arrabalde achei pedindo esmola
 «—Para o velho Fileno, pobre, enfermo...»

Lembraí-vos que a meu Pae salvaste a vida,
 Arrancando-o das garras d'um tyrano...
 De Carlos vos lembrae...do mais prescindo.
 Venho o dever cumprir que me impozera
 No seu leito de morte o ancião virtuoso.
 Em fim achei-vos...Podeis negar-m'ó?...
 Aos ceos erguendo os encovados olhos,
 Que affectuosas lagrimas rociam
 Prorompe o Velho em tom solemne e grave:
 «—Omnipotente Deus, Bondade Summa,
 Do coração, Senhor, vos rendo as graças!
 Nas minhas amarguras vem trazer-me
 Doces consolações um anjo vosso!...»

I V

Em branda liteira se vai conduzindo
 O enfermo ancião
 Que os olhos saudosos tristonho dirige
 À antiga mansão.

Seguindo a liteira se vê n'um carrinho
 Donzella gentil:
 Seu todo tão bello, garboso, insinuante,
 Seu ar varonil.

Sentado ao pé della se vê um menino
 Que faz conhecer
 No alegre semblante qual vai a su'alma
 Banhado em prazer.

Atraz—adiante ondêa um concurso
 Dè gente curiosa;
 Applausos se rendem de todos os lados
 À jovem donosa.

Erma fica e solitaria
 Essa triste habitação ;
 Hontem hospicio á miseria ;
 Hoje um pouso—á solidão.

No grave rosto do Velho
 Abatido macilento
 Transluz, expressivo e franco
 Sincero contentamento.

Sem pensar em que recebe
 O premio do bem—fazer,
 Pensa só que o bem—fazendo
 Cumprio sagrado dever.

Recolhido adora humilde
 A bondade do Senhor ;
 E sua alma é toda um hymno ;
 Seu coração um louvor.

Quando grato volve os olhos
 Para o rosto da Donzella
 Não sei que, só do Ceo proprio,
 Julga ver no sorrir della.

Por outra parte pensava
 O seu anjo protector
 Que no bem que lhe fazia
 Não lhe fazia um favor.

— o —

A UMA ROSA DESFOLHADA.

Tu, linda flor, das flores soberana,
 Q'entre espinhos nasceste,
 Os teus primores ostentaste, ó rosa,
 N'um só dia e morreste.

Sobre a brisa da manhan, meiga amorosa
 Te beijou te afagou;
 À tarde um euro sobre os murchos restos
 Desdenhoso passou...

Hontem por entre as flores deste prado
 Te erguias magestosa,
 Tão louçan! tão altiva! a flor das flores
 Eras, ó linda Rosa!

Mas hoje... só de ti reliquias tristes
 Desparzidas se vêem:
 Foi breve o teu viver... e nem saudades
 De ti o prado tem...

Ai mallograda flor! porque nasceste
 Tão bella e seductora?
 Si das graças e mimos que te ornavam
 Nada resta já agora.

Taes deste mundo as pompas, os prazeres
 Tem a vida de flor.
 E como a rosa que os espinhos cercão,
 Os cerca sempre a dor.

Tal nasce e como a flor vegeta, morre
 Uma belleza humana:
 Assim tracta as bellezas como as flores
 Do tempo a mão tyranna!

À MORTE DE FLORINDA.

Roubastes, ó dura morte,
 A joven bella Florinda,
 Que já pallido cadaver
 Ter sido flor mostra ainda.

Viveu qual viveu no prado
 A flor graciosa e linda;
 E qual flor que em breve morre
 Tal em flor morreu Florinda.

Que vida tem a belleza
 Si a vida tão breve finda?
 Si os annos erão minutos
 Junto á formosa Florinda?

Ai de mim! que vivi tanto
 Para que não morro ainda
 Depois que a vida roubou-me
 A morte tua, ó Florinda!

O AMOR DE DÉLIA.

Eu ando cego d'amores ,
 Delia os meus olhos tem lá,
 Nada vejo se a não vejo ;
 Tudo vejo onde ella está.

O amor de Délia me cega ;
 Délia o remedio me dá ;
 Quanto é doce esta cegueira ,
 Quando um tal remedio há !

— — —

A CEGUEIRA DO AMOR.

Amor é menino
 Sagaz e maligno ,
 Esperto e travesso :
 Eu bem o conheço ;
 Porém nego, nego,
 Qu'amor seja cego.

Amor não é cego , não ;
 E si o é , como acertou

Quando tão certo atirou
 E ferio meu coração :
 O mal todo que eu padeço
 Me provem deste travesso :
 Si elle não me viu
 Como me feriu ?

Todos nós gostamos
 De olhar p'ra Bellas :
 E como amor sabe
 Que si olha p'ra ellas ;
 Porque o atrevido
 É logo punido !
 Por isso é que eu nego,
 Que amor seja cego.

BIBLIOTECA PUBLICA
 do
 ESTADO DO MARANHÃO

A QUEM ME CHAMAR FEIO :

La vai :—

MOTTE.

Quem desdenha quer comprar.

Si eu sou feio, isso que monta,
 Pois não é crime o ser feio ;
 E si é crime é crime alheio ;
 Do qual não devo dar conta,
 Quem tal defeito me aponta
 Para que quer-me aggravar ?

Si é homem deixe-me estar
 Que interesse pode ter ?
 Si é mulher, que hei de dizer ?
 Quem desdenha quer comprar.

A UMA SENHORA

QUE SE QUEIXOU DE NÃO SER BONITA.

Perdoae minha Senhora,
 Não haja bulha entre nós :
 Bem vedes que eu sou bem feio,
 E inda mais feio que vós.

Pois, Senhora, consolai-vos
 Vingai-vos no mal alheio
 Não sois bella minha dona,
 Mais achais outrem mais feio.

Quando eu topo algum sujeito
 Mais do que eu mal amanhado ;
 Que prazer min' alma sente ? !
 Digo logo, estou vingado !

Não vos queixeis de ser feia,
 Que isso remedio não tem :
 Deixai que ninguem vos ame ;
 Não ameis vós a ninguem.

Deixai ir andando o tempo,
 É conselho que vos dou;
 Talvez logo venha amar-vos
 Algum feio como eu sou.

A UNS OLHOS AZUES MUITO LINDOS.

Vossos olhos scintillantes
 De bello azul sombreados,
 São d'Amor armas sob'ranas
 A vencer já costumados.

Os raios que elles despedem
 Ferem mais do que os farpões
 Que o filho da Cypria Deusa
 Atirava aos corações.

A cor é como a dos ceos;
 Os raios o são também;
 Dos raios do céu se escapa,
 Mas ao ver os vossos, quem?

Quando a abobada celeste
 Ostenta essa linda côr,
 Está serena; e ninguem
 Dos seus raios tem temor.

Mas no azul dos vossos olhos
 Os raios não faltam, não:

Promettem a paz, serenos,
E a guerra de morte dão.

Lá do céu cahem os raios
Entre os trovões temerosos,
Mas vós fulminaes co'a vista
Com sorrisos graciosos.

Porém se taes raios lança
Um vosso amavel sorrir;
Si ao volver de olhos tão meigos
Ninguem pode resistir.

Que será se enraivecida
Lançaes um iroso olhar;
Si se vê raios tão brandos
Em relampago mudar?!

A ELYNTHA AMBICIOSA.

Si eu tivera, ó bella Elyntha
Outros thesouros que dar-te
Te os daria;
E por pobre que eu ficasse
Mais feliz e mais contente
Ficaria.

Porém que posso offrecer-te
Si um coração que eu tinha
Já te dei,

Si com elle um amor puro
Meu tão terno amor primeiro
Te offertei.

Si um amor qual eu te voto
Tratas tão injustamente,
Com desdem;
Vai, procura em outros peitos,
Amor verás. . . mas tão puro
Não, meu bem.

Mas ai ! que o meu coração
Alguma estima não pode
Merecer-te !
Meu coração nada vale,
Não é prova sufficiente
De querer-te.

Triste de mim ! que não tenho
Para offertar-te as riquezas
Que quizeras ;
De ti só espero despresos :
Pois de mim ouro nem prata
Não esperas.

Vai, procura algum ricaço
Que te franquêe o segredo
Mealheiro ;
Mas em vez de amal-o eu julgo
Que sò lhe amarás os saccoes
De dinheiro.

—r—

AO AMOR DAS VELHAS.

Ha dias como sabisse
A passeio na Cidade,
Quiz o acazo que eu visse
Com a masc'ra da mocidade
A carranca da velhice.

Quinquagenaria Velhina
Posta em frente de um tremó
Pintando as cans se entretinha
Com unto de negro pó,
Do pó já'stando visinha.

A pobre Velha enganada
Queria enganar Amor,
Que com Velhas não quer nada;
E é menino e tem temôr
D'uma lata avelhantada.

Ha muito tempo qu'eu tenção faço
E sempre farei tenção,
De quando... eu já for velhaço;
Por Velhas não ter paixão
E de ternuras escaço.

Mas se for moça formosa e bella
O mais certo é qu'eu aceite
Sua expressão amorosa:
Ma's qu'eu p'ra Velhas m'enfeite?!
Salta que é brucha feioza.

Mas Amor bem que é menino
 Não é facil de lograr ;
 È velhoço, esperto e fino :
 E antes da setta apontar ,
 Mira da setta o destino

E assim deve proceder ,
 Porque das velhas o amor
 É muito para temer ;
 Que importuno e sem sabor
 Esse amor costuma a ser.

Pois ficam de todo tontas
 E mui rabujentas são ,
 Sempre a atormentar-nos promptas ;
 E quando Amor lhes cahe na mão
 Adeus devoções e contas.

Tal comigo aconteceu
 Co'uma Velha impertinente
 Que me chamava *Amor seu*.
 D'ella escapei felizmente ,
 N'outra não cahirei eu !

Ora eu vendo que a tarasca
 Bastante dinheiro tinha ,
 Quiz ver se pilhava lasca :
 E a velha me poz na espinha ,
 Que eu quasi que dou a casca.

Irra ! que importunos zelos
 A Velha tinha de mim !
 Que denguiçes que arrepêlos !
 Em pouco mais tempo , emfim ,
 Brancos me punha os cabellos !

Bem que com grande pesar
 Pois que o dinheiro bom é:
 Não pude mais tolerar,
 E fui-me sciando á ré;
 Sem mais tal rumo buscar.

Rapazes, dae-me attenção,
 Do amor das Velhas fugi;
 Que é temivel; e si não,
 O mesmo que eu já soffri;
 Soffrereis sem remissão.

Quando do Velho Sileno
 A calva luzente vejo,
 Parece-me ver um queijo
 Que exposeram ao sereno.

Para nascerem-lhe os cabellos
 Mil remedios uza o tolo,
 E metteu-se-lhe no miolo
 Que não morrerá sem vel-os

Tem em caza uma botica,
 Todo o dia a calva esfrega
 Mas quanto mais se arrenega,
 Mais liza a calva lhe fica.

A UMA SENHORA,

QUE TINHA O NARIZ GRANDE E CURVO.

Os vossos labios, Senhora,
De pura e mimosa cor,
Me fazem ter um desejo
Mas tambem tenho um temor.

Quem beija-flor me fizera
Para poder dar um beijo
Nas rosas de vossos labios:
Eis, Senhora, o meu desejo.

Quando por sentirdes calma,
Fizerdes uzo do leque;
Olhae não quebreis a ponta
De tão importante beque.

ACILIBU ACENTICA PUBLICA
ESTADO DO MARANHÃO

A UM MORTO.

LEOPILOTTI
EPICEDIO.

...Quasi flos, egreditur e conteritur...
Job.

Ao longe eu ouço os tristes sons funereos
Com que, rompendo os ares, annuncia
Do erguido campanario o bronze rouco
Ter morrido um homem....

Que deixou de existir...e sobre a terra
É como si não fora...a luz deixando
Lá nas trevas da morte o cahos, o nada
Em seu seio o recebem.

Eil-o cadaver frio, inerte, immoto...
Não mais no coração lhe pulsa a vida...
Não mais dos labios gelidos resôa
O som da voz humana...

Onde o sopro de vida que gosava?
Onde essa aura tão doce da existencia?
Fugio... e esse composto bello e nobre
Tornou-se immovel massa!

Mas si o malvado, em meio dos remorsos,
Horrido vê teu cenho, o justo antolha
Em ti—soltura das terrestres penas,
Um vôo à paz celleste.

Um vôo á eternidade, a nova vida
 D'uma alma á eterna vida destinada ;
 Deixando á terra o misero despojo,
 Que á terra pertencia.

E que importa que a não entre as tormentas
 O nauta visse quasi soçobrada,
 Si transpondo o perigo ancóra alegre
 No desejado porto ?

BIBLIOTHECA PUBLICA
 do
 ESTADO DO MARANHÃO

REMORSOS DE CONSCIENCIA.

CONFISSÃO.

Não pode haver sobre a terra
 Um homem mais peccador,
 Si são peccados as loucuras
 Que se fazem por amor.

Por palavras, e por obras,
 E por pensamentos mil,
 Pecquei desde aquelle instante
 Que vi Marilia gentil.
 Mas vendo Marilia bella
 Quem não peccará por ella ?

Ai quem deixará de ser
 Tão peccador como eu sou,
 Si Marilia—anjo na terra
 Foi quem assim me tentou ?
 É Marilia com rasão
 Angelica tentação.

Não sei como possa um homem
 Como Christão viver bem,
 Por um lado os diabos tentam
 Por outro os anjos também!

Um rostinho feiticeiro,
 Senhoril e vencedor,
 Tenta mais do que os demonios;
 É temivel tentador.

Si neste mundo de Christo
 D'esses rostos ha milhões,
 Rostos d'anjos tentadores
 Meu Deos! quantas tentações!

CONFISSÃO.

Pen.—Meu Padre, tende a bondade
 De me ouvir em confissão,
 Escutai os meus peccados,
 Que em grande numero são.

Meu Padre, desde que eu vi
 Um angelico semblante,
 Pequei, pequei muitas vezes
 Peccados, de louco amante.

Meu padre de tantas culpas
 É me custoso emendar:
 Porque quanto mais eu pecco,
 Mais vou teimando em peccar.

Se vós virdes a Marilia
 Com tantos encantos seus;
 Direis que são taes peccados
 Determinados por Deus.

Mea culpa, mea culpa,
 Maxima culpa tambem:
 Alto e máo que eu já não sei
 A somma que as culpas teem.

Porque de perfeições tantas
 Quiz a Marilia cingir;
 E não me quiz dar as forças
 Para as poder resistir.

Por isso, Padre, vos peço
 Que me deis absolvição;
 Pois Deus, que dá causa ás culpas
 Tambem dá dellas perdão....

Pad.—Estás louco filho meu?
 Tal blasphemia não digaes;
 Porque Deus não é quem manda
 Que essas culpas commetaes

Pen.—Perdão, meu Padre, Marilia
 Das obras de Deus primor;
 Faz que fique cego d'alma,
 Quem cego d'olhos não fôr.

De Deus o perdão merece
 Nossa cegueira e fraqueza;
 E que valente haver pode
 Que o não vença uma belleza?

Pad.—Tens razão, irmão, é certo:
 Que assim David, Salomão,
 E outros mil vencidos foram:
 Eu te dou absolvição.

—

ELYNTA PERJURA.

Elyntha ingrata, inconstante,
 Que é feito do teu amor?
 Teus juramentos guardaste?
 Deste-lhe todo o valor?

Quem conhecer-te
 Antes de amarte
 Não ha de as juras
 Acreditar-te.

Eu te amei, Elyntha ingrata,
 Quando te não conhecia,
 Hoje em dia me arrependo
 De ter-te amado algum dia.

Ao menos pude
 Bem conhecer-te
 Foi este o lucro
 De bem querer-te.

Quem da mulher o caracter
 Com toda attenção notar,
 Verá bem que ao prometter
 Segue n'ellas o faltar.

Desta verdade
 O exemplo em ti,
 Á minha custa,
 Com magoa vi.

Mas tão tolo fui
 Que acreditei
 Os juramentos
 Que te escutei.
 Paguei bem caro
 Minha leveza
 Mas de ser tolo
 Tive a certeza.

Pobre d'um homem
 Que peso der,
 Às horriveis juras
 D'uma mulher.
 Um juramento,
 Mil juramentos
 Que a mulher forma
 Lá vão co'os ventos.
 Suas promessas
 São como o mel;
 E alfim nos trazem
 Amargo fel.

EPICRAMMA.

No seculo dezenove
 Cupido uza de lunetta,
 Já faz guerra com dinheiro,
 E não gasta uma só setta :
 Não anda nù como outr'ora
 Veste casaca e jaqueta :
 Que o pintem á moda antiga
 Que eu não comerei a petta.

DESENGANO DO AMOR.

Amor, palavra tão doce
De que
Usa
Gente
Lusa

Que exprime prazeres,
Que loucura—paixão
Que pesares—tormentos
D'um coração.

Amor
Tyranno
Delirio
Insano.

Quem nunca sentira os supplicios da dor
Pezares—angustias—que trazes, amor!
Caprichos—enganos—com que tu maltractas
Os pobres humanos—que afagas e matas.

Já fui n'outro tempo—escravo d'amor,
Já hoje estou livre—d'aquelle senhor;
Em quanto fui moço—jámais me deixou
Depois que sou velho—fugiu e aqui estou!

Este é de cupido—o usual galardão,
As cans aborrece—receia o bordão.

Co'os moços
Soberbo
Co'os velhos
Poltrão.

O mundo e amor
Que assim me deixaram,
Um bem me fizeram
No qual não pensaram.

Commigo os pesares
Cuidosos levaram;
O doce socego
E apoz me ficaram:
Que aquelles estultos
Mil vezes turbaram.

Adeus mundo, Adeus amores,
Vão-se embora e a vapor:
Amigos loucos e falsos
Longe longe o mais que for.

BIBLIOTHECA PÚBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

ENTRUDO D'AMOR.

Saiba quem por namorar
Joga o entrudo como eu,
Que o tal jogo tem azares ;
E ouça o que me aconteceu.

Já perto do carnaval
Em uma manhan chuvoza
Passando eu nos arrabaldes
Por uma casa vistosa.

Vi uma linda roseira
N'um jarro posta à janella,
A qual só tres rosas tinha,
E cada qual a mais bella.

Subito a janella abriu-se,
E logo vejo assomar
Uma formosa menina,
Uma belleza sem par.

Trazia na mão direita
Um pequeno regador,
Com que regou a plantinha
Talvez seu unico amor.

E tão linda jardineira
Inda em meus dias não vi,
Oxalá me fosse dado
Vir ser jardineiro ali !

Colheu das tres rosas uma
Que no seu pente arranjou
E co'a envergonhada rosa
Os seus cabellos toucou.

Pois pareceu-me que a rosa
Desmaiava a rubra côr
Por a exceder na belleza
Aquella vivente flor.

Mas quando com as mãos de neve
Na cabeça a collocava
Lançou por acaso os olhos
Onde eu extatico estava.

E como se nada visse
Retrocedendo fechou
Sua janella, e comsigo
Os meus cuidados levou

Não levou meu coração
Que com tudo palpitava,
Porque fugir-me do peito
E ir com ella dezejava

Ali parado fiquei
Somente occupado d'ella,
Tendo n'ella o pensamento,
Tendo os olhos na janella.

Meu pensamento, meus olhos
Senti logo embevecer,
Meu pensamento por ella,
Meus olhos só pela ver,

Esse corpinho de fada,
 Esse rosto angelical,
 Si é um mal o ter amores
 Fizeram-me um grande mal.

Oxalá que eu no lugar
 Da rozeirinha estivesse,
 E merecesse a metade
 Dos cuidados que merece.

Embora á manhan e á tarde
 Levasse uma molhadella;
 Mas que fosse, tudo fora
 Favores em mão tão bella.

Um femenil coração
 Quando começa a fallar,
 Palpita amor...e desejos
 De ser amada e de amar.

Um objecto se deseja
 A quem dar o coração
 D'outro coração em troco,
 Afeição por afeição.

Eis porque a donzella timida
 Tracta com tanto carinho,
 A roseira ou a boneca,
 Uma pomba ou passarinho.

Que a roseira ou boneca
 Si a não podem querer bem,
 Ao menos dizer não podem
 Que nenhum amor lhe tem.

E no ar castellos fazendo
 Me fui sem destino certo,
 Phantasiando a maneira
 De a poder ver de mais perto.

Favorecido da noite
 Á janellinha trepei,
 E namorado bilhete,
 Dentro do jarro deixei.

Que assim dizia : « Senhora,
 « Eu sou um vosso captivo,
 « Que d'amores por vós morro,
 « E só para amar-vos vivo.

« A ventura de fallar-vos
 « Muito tenho desejado
 « Mas basta ser meu desejo
 « Para que m'ò negue o fado.

« Mas vós, minha triste sorte,
 « Muito bem mudar podeis,
 « E co'uma palavra vossa
 « Vida a quem morre dareis.

« Leva ditoso bilhete,
 « Ao meu bem uma lembrança,
 « E podesses tu trazer-me,
 « Do meu bem uma esperança... »

Logo na noite seguinte
 Á janellinha tornei,
 Não vi lá resposta alguma;
 Mas nova carta deixei.

Inda terceiro bilhete
 Dentro do jarro ficou
 Mas resposta, por um oculo!...
 Isto muito me zangou.

Vendo que bilhetalmente
 Nada podia arranjar,
 Quiz por fim abertamente
 A fortaleza atacar.

Comprei seis limas de cheiro,
 De verde cera formadas,
 Por mostrar que as esperanças,
 Tinha na côr figuradas.

Quando o sol ia se pondo,
 Junto à casa me fui por
 Onde o meu amor morava,
 Tão esquiva ao meu amor.

Emfim abre-se a janella
 Chega o desejado instante,
 Que o coração n'este peito
 Anhelava palpitante.

O meu sermão estudado
 Do caco se me escapou:
 E ahi tendes, o que eu disse,
 Que foi quanto me lembrou:

« Senhora, eu vi vosso rosto
 « E inda outro rosto não vi,
 « Que em meu peito sentir faça
 « O que em vos vendo, senti.

« Senti que muito vos amo :
 « Mas sinto que o meu amor
 « Que outro premio ter devêra
 « Tenha por premio o rigor.

« Ah ! Senhora , si eu podera
 « Magica lima encontrar,
 « Com que na duresa vossa
 « Podesse mozza formar !

« Mas estas vos offereço
 « Accitae-as por favor ,
 « Não limarão vosso peito
 « Mas darão prova d'amor.

« E dentro tem agua pura,
 « Antes o fogo levasse
 « Que aqui arde no meu peito
 « E o vosso peito abrasasse. »

A Dama ouviu-me suspensa
 Com escarninho sorrir
 E eu fiquei que quasi . . . quasi . . .
 Não podia concluir.

Com força atirei as limas
 Uma apoz outra voaram ;
 E trez no peito da dama ;
 Trez não sei onde quebraram.

E fiz-lhe uma barretada ,
 E logo retrocedi :
 « Está bebado, ou está doudo ?
 Foi o que ainda lhe ouvi.

Bem, quizera responder-lhe
 Que estava doudo por ella,
 Mesmo doudinho varrido
 Porém fechou a janella.

E no dia subseguinte
 Uma pretinha encontrei,
 A qual me trouxe um bilhete
 Com que mais doudo fiquei.

Mandavam-me pois, que á noite
 Do quintal saltasse o muro
 E que ali me fallariam
 Por ser lugar mui seguro.

Apenas a escura noite
 Estendeu seu negro manto,
 Impaciente escalo os muros,
 E fui-me agachar n'um canto.

D'ali se via a cosinha
 E a preta fazendo a ceia
 Eu de barriga vazia
 E alma de esperanças cheia.

D'ali as tardonhas horas
 Oito, nove, dez contava:
 Relojoeiros e relogios
 Todos amaldiçoava.

Amaldiçoava tambem
 A multidão infernal
 Das chamadas moriçocas
 Que eu encontrei no quintal.

Aprendi á minha custa
 E já sei caro leitor,
 Que quem se ver entre as pragas
 Pensará pouco em amor.

Esses damnados bichinhos
 Á longa e mortal espera
 Juntai tudo, e vereis
 O meu estado qual era.

Sem medo não esperava
 O promettido favor;
 Pois de cahir n'algun laço
 Tinha bem grande temor.

Estava assim. Porem antes
 Das onze horas ouvir
 Vejo, com toda a cautella
 Uma janella se abrir.

« É ella! e cheio de gaudio
 Para a janella voei,
 Vi a Deusa. « Adeus, Senhora: »
 Foi com que principiei:

Mas antes que mais dissesse
 As palavras me atalhou
 Uma formosa aguadella
 Que a moça me despejou.

Meu pobre coitado corpo
 Todo ficou alagado;
 E é com agua de um bispote
 Que me tinham baptisado!

Co'os demos! que derepente
 O meu amor me deixou,
 E o incendio que me abrasava
 Com ourina se apagou!...

Dizei vós se já vistes
 Baptismo igual algum dia,
 Mijo velho em lugar d'agua
 Um bispote em vez de pia.

Pois bem d'ali retirei-me
 Sem bulha nem apparato
 Agua na bocca levando
 Ourina velha no fato.

Mas ao Céu fui dando as graças
 Por ser só a molhadura;
 Pois podiam pôr no liquido
 Algum solido ou mistura.

E que tal! nem que eu tivesse
 Uma opilação mofina,
 Para que assim me applicassem
 Cerrada de pôdre ourina.

Mui zangado co'a frescata,
 Me sacudi muito bem;
 A janella se fechara,
 Lá dentro se ria alguem.

Eu mesmo muito me ria
 Depois que a raiva acabou,
 Ao lembrar-me da ratada
 Que a ratona me armou.

Ponde-vos em meu lugar ,
 Meu charissimo leitor ,
 E vereis qual eu ficára
 Com este entrudo de amor.

Quem mais faz menos merece
 Sempre a muita gente ouvi
 Em paga de agua de flores
 Velha ourina mereci !

MOTTE.

Os lindos olhos d'Armia.

GLOSA.

CUPIDO TRISTE.

Amor gemia e chorava
 Por ter perdido os farpões ;
 Com que humanos corações
 Vencedor avassalava
 E pois roubaram a Gava
 Em que as armas conduzia,
 Desconsolado vivia
 Traições e affrontas temendo ;
 Mas cessou seu pranto em vendo
 Os lindos olhos de Armia.

O PASSADO.

Inda na força da idade
 Mais servir a amor não quiz ;
 Pois pagou-me com angustias
 Os serviços que lhe fiz.

Mas como soldado velho
 Que das guerras em que andara,
 Hoje a salvo conta ufano
 Quantas proezas obrara.

Assim eu que tantos annos
 Um soldado fui d'amor,
 Com prazer hoje recordo
 Tranzas de pena e de dor.

Que prodigios, que belleza,
 Que te adornam Natureza!

EPIGRAMMA.

Si no Brazil viajardes
 Sem custo conhecereis
 Que não ha nem lei nem ordem
 Nessas fabricas de leis.

41
BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

O BEIJA-FLORES.

Linda avesinha do prado
Delicado Beija-flores,
Que de cores cambiantes
Tão brilhantes plumas vestes ?!

Quanto és lindo e gracioso
Meu mimoso passarinho
Com carinho e com riqueza
Natureza te adornou !

Tuas plumas iriantes
Radiantes e tão vistosas,
Preciosas pedras semelham
Quando centelham ao sol.

Quando n'um dia sereno
No ameno vergel passêas
E voltêas e esvoaças,
Que graças que garbo tens !

Qual o amante não lascivo
Que no esquivo rosto amado
Anciado beijo imprime
Que amor exprime em si.

Tal tu junto à flor pairando
E adejando brandamente,
Docemente o teu desejo
Terno beijo satisfaz.

BIBLIOTECA PÚBLICA
 Dize-me, meu beija-flores,
 Já as dores de amor provaste?
 Já passaste iguaes momentos
 De tormentos quaes passei?

As torturas do ciume,
 Asedume da saudade,
 Crueldade d'uma ausencia,
 Violencia d'um despreso?

Aos ventos deste suspiros
 Aos retiros vagueando,
 Ais soltando lamentosos,
 Queixosos gemidos tristes?

Por quanto se amor nutriras,
 E sentiras tantas penas,
 Por assucenas e lirios
 Martyrios d'amor acharas.

Não, avesinha inocente;
 Não sente o teu terno peito
 O effeito d'uma paixão
 Que o coração dilacera.

Tua ditosa existencia
 Na innocencia e na candura...
 É tão pura!.. oh! quem me dera...
 Quem me dera tel-as assim!...

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Minha menina chorosa ,
Para que tanto choraes ?
Se perdestes vosso amante ,
Aqui estou , não choreis mais.

GLOSA.

Minha menina formosa ,
Porque razão choraes tanto
Quem dá causa o vosso pranto
Minha menina chorosa ?

Oh ! sim , affligida estaes
Da ingratição do traidor...
Elle não vos tinha amor ,
Para que tanto choraes ?

Em vez de amor inconstante ,
Firme amor em mim tereis ;
Commigo nada perdeis ,
Se perdeste o vosso amante.

E pois si a offerta acceitaeis
Deste meu sincero amor ,
Esquecei-vos d'um traidor ;
Aqui estou ; não choreis mais.



AO ESPIRITO SANTO.

Pomba Divina, que dos Céos descestes,
 E o vosso vôo á terra dirigistes,
 E ao Collegio Apostolico trouxestes
 Sacra flamma que n'alma lhe infundistes.
 Dos beatificos dons puros, celestes,
 D'esse fogo d'amor que repartistes,
 Nossas almas vesti co'os resplandores.
 Pra podermos cantar vossos louvores.

Candida Pomba, Espirito Divino,
 Amor Puro de um Deus Trez Vezes Santo...
 Quem poderá louvar Amor tão fino?
 Quem? si a humana voz não pode tanto?
 Só dos Choros dos Anjos
 A mystica solemne melodia
 Tecer louvor condigno poderia.

Si o coração é pouco para amar-vos,
 E a lingua muda para engrandecer-vos,
 Que tributos podemos dedicar-vos?
 Que louvores podemos off'recer-vos?
 Mas recebei benigno
 Nossas adorações, nossa humildade
 Á Vossa Eterna Immensa Magestade.

La desse Sacro Solio Glorioso
 Da Vossa Divinal Omnipotencia
 Um olhar concedei-nos piedoso,
 Acolhei nossas preces com clemencia.

Da luz da vossa Gloria
 Um raio nos enviae para illustrar-nos,
 E do trilho dos erros apartar-nos.

Soberano Paráclito Amoroso,
 Neste valle de dores visitae-nos,
 A paz nos concedei, Pai piedoso,
 Nas nossas amarguras consolai-nos;
 E al-fim d'este desterro,
 Levai-nos para a Patria venturosa,
 Que a Humanidade anhela sequiosa.

Fonte eterna de vida e de luz pura,
 Nossas almas ornai de dons celestes,
 Dae vigor á vontade fria e dura,
 Como aos doze Varões Sanctos fizestes;
 Para que, como aquelles,
 Guiados n'este Mundo não tenhamos
 As tormentas dos mares onde erramos.

Ó Medico Amoroso e desvelado,
 Nas feridas mortaes que n'alma nossa
 Tem feito tantas vezes o peccado
 Ponde a celestial mesinha vossa
 Confortae, consolae
 Nosso espirito fraco e languescente
 Co'o balsamo do Vosso Amor ardente.

Ó Monarca Immortal do Reino Eterno,
 Que á Vossa Omnipotente Sob'rania
 Tremem céos, terra, mar; e lá no Averno
 Treme a turba Infernal, reprobá, impia,
 Dos communs Inimigos
 Que affligem-nos com horrida maldade
 Dignae de livrar a humanidade.

Vinde ajudar-nos na perpetua lida,
 Contra os ataques seus dae-nos victoria;
 Para alcançar-mos essa Eterna Vida
 Guiai-nos n'esta vida transitoria.

Voae Pomba Amorosa,
 Vinde, inspirar aos tristes, que gememos,
 Dae-nos em fim que ao Céu todos voemos.

E esse novo Levita, que chamado
 Aos altares por vos, ledo obedece,
 E o Divino Cordeiro immaculado
 Em primeira oblação hoje offerece,
 Inspirai-o, acolhei-o,
 E que seja da Igreja Militante
 Soldado forte, defensor constante.

Vai, humilde coração,
 Sobe co'os fumos do sagrado incenso
 Que o Sacerdote off'rece
 Celebrando o incruento sacrificio;
 E tão ditoso sejas
 Que o Divo Amor te acolha mui propicio.

ACABOU-SE O DINHEIRO !

E AGORA ?

Trabalhei 40 dias,
Dezeseis mil reis ganhei :
Não houve parente pobre,
Todo o dinheiro gastei.
O dinheiro se sumiu
E agora ! amigos ? fiu ! fiu !

Quando vi tanto dinheiro,
Pensei que tinha um milhão ;
Viva a alegria ! e agora ?
Nem pataca nem tostão !
Triste de mim ! que farei ?
Que remedio lhe darei ?

Um exercito de amigos,
Me depennava sem dó ;
Tiraram-me as pennas todas
Fiquei e fiquei só !
Hoje só comigo vão,
As penas do coração.

Já não tenho mais amigos,
Já ninguem tracta de mim
Deram fim as amisades,
Quando o dinheiro deu fim.
Tens dinheiro, és adorado ;
Si o não tens excomungado.

Si por meu pouco dinheiro,
 Derigem-me adulações
 Que seria si eu tivesse
 Em vez de vintens, milhões?
 Tem um agradável cheiro
 Este querido dinheiro.

Muito vale n'este mundo
 Quem muito dinheiro tem;
 Mas quem está como eu estou
 Não vale nem um vintem.
 O rico tem alto throno
 O pobre é cara de mono.

EPIGRAMMA.

A pobre constituição
 Bem merece compaixão:
 Pobre mendiga cercada
 De louca rapasiada:
 Que a consultam
 Que a insultam,
 Nem lhe dão dez reis de pão!
 Pobre constituição!

OS AMORES INNOCENTES DE MARILIA.

Junto d'uma clara fonte
 Que verde prado regava,
 Sentada na fresca relva
 Joven formosa cantava.

Bella fonte cristallina,
 Mimosas e lindas flores,
 Emplumados passarinhos
 Só vós sois os meus amores.

Desse cego sentimento
 Não sei prazeres nem dores:
 Nem desejo conhecel-os
 Só vós sois os meus amores.

Assim goso mil delicias
 Mil prazeres seductores:
 Destes que amor dar não pode:
 Só vós sois os meus amores.

Oxalá! nunca eu vos deixe,
 Ó sitios encantadores!
 Fonte, flores, passarinhos,
 Só vós sois os meus amores.

Correi sempre, ó fonte clara,
 Brilhais sempre, ó bellas flores,
 Cantae sempre, ó passarinhos,
 Sereis sempre os meus amores.

Ficou a moça em silencio
 Ficou bem a meu pesar :
 Julgava a canção d'um anjo
 Tão delicioso cantar.

E detraz da espessa moita,
 Onde eu esconder me fôra
 Assim respondi cantando ;
 Á joven linda cantôra.

« Não ameis tanto essa fonte,
 E aos passarinhos e flores,
 Pois quem como vós é bella
 Deve ter outros amores. »

Attônita e admirada
 A joven se levantou,
 « Não fujais, bella cantôra
 (Lbe disse eu) fera não sou. »

Mas sem querer mais ouvir-me
 Deitou a correr ligeira :
 Seu pé lindo e breve a relva
 Mal trilhava na carreira.

Era ali onde ella vinha
 Cantar com terna expansão
 Amores tão innocentes,
 Bem como seu coração.

— Lá voltei por vezes varias,
 Mas não a tornei a ver :
 O prazer de ouvil-a e vel-a
 De novo não pude ter.

Oxalá que pella fonte
 Por passarinhos por flores,
 Ella quizesse trocar-me
 E que eu fosse os seus amores.

BIBLIOTHECA PUBLICA
 do
 ESTADO DO MARANHÃO

MOTTE.

Que vá ajuntar andiroba
 Quem dos outros falla mal.

GLOSA.

Pegue um rabo de pindoba
 Quem a vida alheia affronta,
 Faça o seu cofo de conta,
 E vá ajuntar andiroba:
 Arranje uma tacanhoba,
 Vista o molambo usual,
 Vá para o andirobal,
 Não tracte da vida alheia,
 Pois arrisca-se a uma peia
 Quem dos outros falla mal.

LELIA MORREU.

A minha amada
Já não existe...
Oh! quanto é triste
Viver assim!...

A Parca negra
Desapiedada
Co'a mão mirrada
Lelia ferio.

Que mais me resta?
Que mais me importa?
Si Lelia é morta
Posso eu viver?

Ergue o teu braço
Tyranna morte,
E a mesma sorte
Faz-me ter...

DESENGANOS.

Quem diz—Amor—diz—inferno
 Em que arde um coração
 Pois essa louca paixão
 Faz os tormentos do Averno,
 Com fogo rebelde, interno,
 Consomme, abrasa, lacera,
 Mil malles, mil crimes gera,
 A mil doudices conduz,
 Da rasão extingue a luz
 E ao homem converte em fera.

Ja perdi tempo em amores
 Porem hoje arrependido
 Choro esse tempo perdido
 Esse passado de dores.
 Entre ancias e dissabores
 A mocidade passei,
 Outro fructo não tirei
 De ter servido ao tyranno
 Si não só um desengano,
 Que já bem tarde alcancei.
 Qual veterano soldado
 Que coberto de feridas,
 Deixando as mavoreias lidas
 Tendo-se a custo salvado;
 Assim eu velho alquebrado,
 Choro haver perdido os dias
 Juvenis entre agonias,
 Entre os enganos d'Amor

Soffrendo a insannia o rigor ,
Dessas humanas harpias.

Mas que importa ? um desengano
Sobre esta cega paixão
He prompta e boa lição
Para o coração humano.
É conhecer o seu damno ,
É recobrar o fulgor
Da Rasão , cujo favor
É dom sublime dos Céos :
Lá me vou servir a Deus ,
Adeus , para sempre Amor !

-o-o-

MOTTE.

No fogo d'Amor queimei-me
Ai ! meu Deus que muito doe !

GLOSA.

Bella Marilia , enganei-me
Pois quando mais eu pensava
Que d'amor excepto estava
No fogo d'Amor queimei-me :
Bella Marilia , valei-me
Contra o mal que me destroe

Que esta chama que me roe
 D'esses olhos procedida
 Me quer acabar a vida,
 Ai! meu Deus que muito doe!

Certamente que é toleima
 Chegar-se muito do fogo
 Sabendo que o fogo queima.

BIBLIOTHECA PUBLICA
 do
 ESTADO DO MARANHÃO

CONSELHO AOS INTRIGANTES.

Quem for intrigante por gosto, ou por vicio
 Aceite um conselho,
 Ou deixe esse indigno malefico officio,
 Ou vá para o forno de Pedro Botelho:
 Pois linguas damnadas da paz inimigas
 Que espalham intrigas,
 Que abocanham, com habito immundo,
 Que as leve o Diabo! são peste do mundo!
 Com voraz bocca e venenozo dente
 A vil intriga ataca a toda gente,
 Com refalsado golpe traiçoeiro,
 Não lhe escapa ao rancor o mundo inteiro;
 Honra e vida privada não respeita,
 E sobre tudo o bafo torpe deita:
 Palavras torce, augmenta bagatellas,
 Inventá aleivosias, usa dellas:
 E si a origem do enredo se procura,

Mais se confunde quanto mais se apura.
 Triste do que for victima, innocente
 D'esta Furia infernal, torpe, impudente,
 Que reina no Icatú, com tanta sanha,
 Que inda no mundo não se viu tamanha.

MOTTE.

Oh! meu Deus ninguem se entende
 Co'a chusma dos intrigantes!

GLOSA.

Não se pode n'esta terra
 Viver em perfeita paz;
 Por qu'a intriga mordaz
 Em todos o dente ferra.
 Faz nascer continua guerra,
 Da discordia o fogo ascende,
 Por de traz a todos vende,
 Por diante lisongêa,
 E com desordem tão feia,
 Oh! meu Deus ninguem se entende!
 Intriguinhas para aqui,
 Continhos para acolá;
 Murmuração para cá,

Ruge ruges para ali!
 Taes cousas inda não vi,
 Nem isto é como era dantes;
 Tantos vão sendo os tractantes,
 Que si Deús nos não acode,
 Brevemente ninguem pode
 Co'a chusma dos intrigantes.

BIBLIOTHECA PUBLICA
 do
 ESTADO DO MARANHÃO

MOTTE.

(Já que ninguem me amou lá
 Eide achar quem m'ame aqui.)

GLOSA.

Retirei-me do Pará,
 Onde amantes não deixei,
 Nem com saudades fiquei;
 Já que ninguem m'amou lá.
 Mas desde que cheguei cá
 Mudada a sorte senti,
 Já muitas bellezas vi,
 De um coração mais humano,
 E si não me falha o plano
 Eide achar quem m'ame aqui.

MOTTE.

Nunca gostei do Munim,
Mas Nise me fez gostar.

GLOSA.

Pela vez terceira eu vim
Ao Munim ha mais d'um mez
E até essa ultima vez
Nunca gostei do Munim,
Porem, Sir Amor em fim
Um laço me veio armar
Vi me obrigado a voltar
Pois que a Nise aqui deixei,
Do Munim nunca gostei
Mas Nise me fez gostar.

CONVERSAÇÃO.

Maria.—Ora, priminha, não sabe,
Que o irmão da D. Rita
Hoje disse a minha mana
Que me achou muito bonita?

Você, prima, o não conhece?
Aquelle louro estudante,
Que veio ha pouco d'Olinda,
Tão faceiro e tão galante?

Laura.—Bem conheço o lisongeiro
Não seja tolinha em crer :
Outra cousa a vossa mana
Não podia lhe dizer.

Maria.—Eu bem sei disso, Senhora,
Nem me tenha por tão tonta
Que dê credito a louvores
Dos quaes eu nunca fiz conta.

E si vim lhe contar isto
Não é por vaidade, não ;
Mas porque muito me agrava
Semilhante mangação.

Laura.—Não se agrave, cara Prima ;
Eu sei que sou muito feia,
Mas não queria ser só,
Por isso tambem chamei-a.

Avô.—Ora callem-se, meninas,
Que já estão insuportaveis,
Se desejam ser bonitas,
Sejam modestas e amaveis.

Que a modestia é o realce
Mais brilhante da mulher ;
Nada vale a mais formosa
Que essa prenda não tiver.

ARRUFOS.

Lelio.—Adeus, Senhora Marília,
Passou bem, gosou saúde?

Marília.—Passei bem... não como quiz;
Mas ao menos como pude.

Lelio.—Dizem que na minha ausencia
Outros amores tomou...

Marília.—E o Senhor que tem com isso?
Não sabe que me deixou?

Lelio.—Que eu a deixei? Não Senhora!
Levei-a no coração

Marília.—Obrigado, são lisonjas,
Que eu não acredito, não.

Lelio.—Bem diz a bocca do mundo...
Que a mulher não tem firmeza...

Marília.—É culpa das circumstancias,
Isso não causa estranheza.

Lelio.—Da minha parte houve causa
Para assim me desprezar?

Marília.—Os desprezos com desprezos
Creio se devem pagar.

Lelio.—Mas durante a minha ausencia
Nunca tive outros amores...

Marília.—Mas viveu feliz, pois teve
D'uma bella bons favores...

Lelio.—Isso é mentira, Marília
Pois só á ti tenho amado ;

Marília.—N'outro tempo acreditei-o
Porem hoje, isso é baldado.

Lelio.—Sim, tu me accusas, perjura,
Sendo tu a criminosa ? !

Marília.—Cada qual tem seus direitos,
E eu sou dos meus mui zelosa.

Lelio.—Eu não devia esperar
Tão estranha ingratição ;

Marília.—Nem eu ouvir taes queixas
Sem motivo e sem razão.

Lelio.—Nestes tres mezes d'ausencia
Quatro cartas te escrevi . . .

Marília.—Historias, que nunca cartas
Nem recados recebi.

Lelio.—Então, Senhora Marília,
Dou por findo o nosso amor ?

Marília.—Cá por mim, ha muito tempo,
Que já fazia calor.

Lelio.—Eu tambem ha muito tempo
De soffrê-la ando cançado.

Marília.—E eu as rabuges suas
Não soffria de bom grado.

Lelio.—A mulher quanto mais feia
Tantos mais caprichos tem . . .

Marília.—Isso você não dizia
Quando me queria bem.

Lelio.—Pois fica-te lá, dengosa,
A minha Nise é mais bella...

Marilia.—Eu te troquei por Josino,
E não me troco por ella.

Lelio.—Só assim eu saberia
Quem era o teu adorado...

Marilia.—Era bom que conhecesses
Por quem fostes desprezado.

Lelio.—Eu desprezo a ti e a elle
Eis o que posso fazer.

Marilia.—As invejas e os ciumes
Assim costumam dizer.

Lelio.—Não me rezes pelas costas,
Quando eu por aqui passar:

Marilia.—Viva ou morra, como queira,
Saudades e regalar.

EPIGRAMMA.

Em outro tempo as mulheres
Com densos véos se cobriam;
Por uso não por modestia
Aos curiosos se escondiam.

Os véos sò quadram ás feias,
Que ás bellas não pode ser;
Porque occultar não se deve
O que os olhos devem ver.

CLARA E ALBERTO.

OU AMOR E O DESTINO.

BIBLIOTECA PÚBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

RECORDAÇÃO.

Aqui se esconde misera Donzella
..... que a mesquinha sorte
Fez entre todas por extremo bella.
Deu-lhe a belleza, um throno e deu-lhe a morte.
A seu berço fulgia malina estrella....
Macedo.—Oriente.

Tão bella e graciosa n'essa idade
Em que se abre mimosa, a flor dos annos,
Mas ah! quão desditosa fostes, ò Clara!...
Si a Natureza prouve carinhosa
Dar-te taes perfeições e taes encantos
Teus dias mal-fadou a infausta sorte.
A Parca arrebatou-te n'essa quadra
Em que começam illusões da vida
Em que a sentir o coração começa.
Que sonhos de futuro que tiveste?
Cheios de visões tristes, percursoras
De infortunios fataes que te esperavam:
Cedo libaste o calix d'amargura,
E a grandes tragos o esgotaste todo.

Minha imaginação fiel retrança
Esse composto tão garboso, svelto!...
Ainda julgo ver-te quando á tarde,

Junto ás margens do rio passeiavas ,
 Ou em manhan serena e deleitoza
 Vinhas flores colher no prado ameno.
 E as flores pareciam que folgavam
 De ser collidas d'uma mão tão bella !
 E ou aqui-acolá entre os arbustos
 Seguias a volatil borboleta ,
 Ou buscavas mimosos doces fructos
 A teu Pai destinados : outras vezes
 Sentada à fresca sombra da mangueira
 Festões tecias das mais lindas flores ,
 Cantando ao som do leve murmurinho
 Do fugitivo proximo regato :
 E julgo ainda ouvir o som tão meigo
 D'essa argentina voz , que arrebatava
 Que assim só vibraria a voz d'um anjo !
 Ainda julgo ver teus lindos olhos
 Da cor do céu sereno , que espelhavam
 O candor da tua alma virtuoza
 Joven eu era então e quantas vezes
 Co'um volver d'esses olhos poderosos
 Fizeste palpitar meu terno peito !
 Só respeitar-te nada mais podia ;
 Por dever te fugi ;—não por vontade .

Então eras feliz mas tão depressa
 Tornaram-se em pezares teus prazeres !
 Amor ,—dos corações cruel tyranno
 Teu coração sensível dominava :
 E n'uma larga ausencia correr vistes
 Longe do caro objecto suspirado
 Dias de languidez—noites de insomnia ;
 Nem mais flores colheste , nem seguiste
 Formosas borboletas nas campinas ,
 Nem a harmoniosa voz ouvir fizeste
 Té que , tú mesma flor ,—cortou-te a morte

Breve foi teu viver: eras um anjo,
Os anjos são do céu:—ao céu voaste.

Suster não posso o pranto, ó bella filha
Das margens do Munin!... Eu d'aqui vejo
Debaixo da frondosa cajaseira
O tumulto em que ao mundo te escondeste....
Quando essa arvore altiva perde as folhas
Foi...sim, nessa estação que quiz o fado
Acontecesse o tragico successo....
Ali—às mãos d'aquelle por quem deras
A vida propria—então perdeste a vida....
Mas não foi sua mão,—foi a desgraça
Quem o golpe te deu—desgraça d'ambos...
Quem sabe, o infeliz no seu desterro
A vida triste passa entre amarguras,
De pungentes remorsos lacerado?
Ou succumbindo á dor já não existe?
Seja-lhe o céu propicio—se inda é vivo;
Seja-lhe a terra leve—si é já morto....
Quanto a ti, sob'essa arvore sombria
Nós te vimos sumir-te ao mundo, ó Clara!
Mui grata sombra dêem sempre seus ramos.
Esse verde tapis de branca relva
Nunca se secque, nunca: o duro ferro
Sempre respeite o protectivo tronco!
De dia o vento, e a viração de noite,
Quando agitam-lhe os galhos sussurrando
Pelas flexiveis folhas bem parece
Prolongado gemido com que o genio
Da solidão saudoso te deplora...
Que entre os mortaes não resta quem venha
Offrecer-te uma lagrima, um suspiro,
Nem murmurar um hymno de saudade,
Mas recebei-os de mim, candida virgem
Recebe com um sorriso carinhoso

A sincera hommenagem que te voto.—
 Isto dizendo,—o Ancião dirige os passos
 Para o tumulo ;—esparge n'elle flores ,
 Depois ajuelha—as mãos ajunta e ora. . . .

I.

ADEUS! . . .

Vai : adeus ! . . . Terrivel,
 Amargo adens é este. . . Não importa.
 Parte . . . e jamais te esqueças. . . . >
 Anonym. Camões—poema.

Era noite : a branca lua
 No horisonte erguia o rosto ,
 Succedendo ao Sol brilhante
 Que ha pouco se tinha posto.

E no puro azul dos céos
 Uma nuvem não se via :
 Era uma noite serena
 Bella como um bello dia.

Ouviam-se os lentos golpes
 Do remo do pescador ,
 Que cantava , rio abaixo
 Ternas cantigas d'amor.

E bem proxima se via
 Casa de campo vistosa ,
 Em cujas brancas paredes
 Brilhava a luz vaporosa

.....

Já ali todos repousavam,
 Porem não uma infeliz
 Victima do fado funesto
 Que o céu destinar-lhe quiz.

Sentada junto á janella
 Na mão a testa encostando,
 Anda co'o pensamento
 Ao longe—ao peito vagando.

A hora,—o luar,—o sitio,
 Convidava as reflexões
 A que folgam de entregar-se
 Magoados corações.

Era Clara..... Mas que causa
 Ali a pode trazer?
 E quando todos descansam
 Ella só, triste, a gemer?

A causa? Amor ou desgraça:
 Pois só desgraça ou amor
 Podem n'um peito innocente
 Influir a pena e dor:

Era amor, não a desgraça;
 Pois amorosa paixão
 Germinou, cresceu, e impera
 No seu terno coração.

Os seus labios, que a mentira
 Até'gora não manchou,
 Votos d'amor proferiram
 Que o coração lhes dictou.

E mais era um amor puro,
 Bem como o seu coração ;
 Era o amor d'a innocencia ,
 Era d'alma uma effusão.

E o objecto idolatrado
 D'este amor sincero e fino
 Era Alberto,—cujas prendas
 D'este Amor tornavam dino.

E Alberto correspondia
 Com igual a tanto amor :
 Aos affectos do seu anjo
 Dando o devido valor.

Desd'a infancia começaram
 Seus corações a entender-se,
 E á tanto tempo queridos,
 Mas não podiam querer-se.

Este amor cresceu com elles,
 Já não devia acabar ;
 A desgraça ou a ventura
 Era forçoso esperar.

Mas a Discordia raivosa
 Seu facho accendera então,
 Separou suas familias
 Porem suas almas não.

Alberto ia á longes terras
 Seguir os estudos seus,
 E Clara ali o esperava
 Para dar-lhe o terno adeus.

Sombrio presentimento
 A persuadia a temer
 Ou tornal-o a ver bem tarde
 Ou não mais tornal-o a ver.

—
 Em tanto a pallida lua
 Seu bello disco elevava,
 E do campo azul sereno
 Os seus raios projectava.

Reflectia sobre a moça
 Esse languido clarão!
 Ella em seu morbido rosto
 Mostra do peito a afflicção.

Mas nada afeia o rosto
 Da seductora Donzella:
 Ou esteja alegre, ou triste,
 Ou irosa—é sempre bella!

Embora o peito d'um anjo
 Sinta a mais pungente dor;
 Nunca a magoa desfigura
 Rosto d'anjo encantador.

—
 Rumor de passos que mui perto ouvira
 Attrahiu-lhe a ttenção:
 Era elle...era Alberto—e á triste moça
 Palpitou-lhe appressado o coração.

Adeus, Clara, lhe dice; a mão lhe toma,
 E beija-a ternamente:
 A inflexão de sua voz tremula e fraca
 Annuncia a afflicção que o peito sente.

Não pôde a joven logo responder-lhe
 Começou a chorar :
 Que ás vezes a dor d'alma é tão profunda
 Que só co'o pranto pode se expressar,

« Adeus , querida Clara , intima o joven :
 Amanhan, oh Deus, afflicto triste
 Eu eide ver sumir-se estes logares ,
 Onde a infancia passei entre praseres,
 Apprendi a te amar—e sempre junctos—
 Nossos primeiros annos , tão ditosos,
 Tão bellos tão velozes correr vimos !
 Eu parto e vou , ao submisso mandamento
 D'um inflexivel Pai , vou n'outras terras
 Viver de ti ausente mas um dia
 Um dia eide voltar Dos Céos espero
 Inda tornar a ver os patrios lares ,
 E a ti , meu anjo , a ti Vou resignado ,
 A dura ausencia soffrerei constante
 E mais digno de ti talvez me faça ,
 Menos amante , não Porem eu temo
 D'esta ausencia os effeitos ah ! quem sabe,
 Me riscarás mui cedo da memoria ?
 E o triste Alberto , que no seu desterro
 Seus dias passe a suspirar saudoso ,
 Um só suspiro mais te não mereça ? !
 Ah ! meu bem ; si eu previsse que , tornando
 Co'o peito cheio d'illusões fagueiras ,
 Não acharia a Clara a quem adoro ;
 Mas—por ella—uma ingrata uma perjura ,
 A amante d'um rival—mais que eu ditoso ,
 Essa ingrata os meus olhos não veriam ;
 Nem me veriam mais os olhos d'ella. »

«—Oh ! não sejas injusto , caro Alberto ,
 A moça respondeu , sobre si mesma

Um esforço fazendo, lacrymosa :
 Pois o meu coração assaz conheces...
 Has-de achar-me constante... eu t'ò asseguro...
 Parte... pois que é forçoso... não te esqueças
 Da tua terna irman... da triste Clara...
 Que aqui deixaste entregue ás amarguras
 D'uma ausencia cruel... mas sem remedio,
 A esperança—entretanto ha de assistir-me...
 Adeus, Alberto, adeus...

—
 Assim dizendo, arrebatada ergueo-se
 Da janella fugiu :
 «—Clara! exclamou Alberto, ouve-me... espera!
 Mas Clara o não ouviu.

Ali absorto em tristes pensamentos
 O mancebo ficou :
 Ali do gallo o matutino canto
 Ouviu; e á seu pezar se retirou.

.....
 Cinco vezes aquellas lorangeiras
 Qu'ò pateo povoavam
 Se cobriram de flores e de frutos ;
 E os annos se passavam.

Em tanto muitos jovens pretenderam
 Da joven a linda mão ,
 Debalde—que somente a dera áquelle
 A quem antes já dera o coração.

.....
 Mas seu Pai lhe destina agora esposo
 No imbecil Frederico,

Dizendo: « que este bem convir-lhe deve,
Porque é de *gente boa* e porque é rico. »

Sem consultar a inclinação da filha
A quem só chama *a minha caprichosa*
Manda preparar tudo e elle mesmo
Se prepara a fazel-a desditosa.

II.

NÃO HAS DE CASAR!

Objectos d'alegria amor injoam
Si amor é desgraçado.
Bocage.

Da casa de campo no extenso salão
Vistosa assembléa brilhante escolhida
De guapos Senhores e Donas formosas
Está reunida.

Centenas de luzes na frente da casa
Em taças de vidro dispostas estão,
Que ao longe derramam no pateo espaçoso
Seu vivo clarão.

Debaixo de arcadas de ramos de murta...
Circula animada jovial multidão
Quaes entram—quaes sahem, uns são convidados
E muitos não o são.

Sussurro promiscuo de vozes confusas
De fora e de dentro agita-se ahí:
Conversa-se nisto,—censura-se aquillo
Um canta, outro ri.

Os sons melódiosos que a orchestra despede
 Derramam-se em ondas d'accordes brilhantes
 Que dizem prazer—e aos prazeres convidam
 Festivas folgantes.

Os sons melódiosos que a orchestra despede
 Excitam a dança ruidosa, aprazível,
 Honesto recreio que aos jovens embriaga
 D'encantos invencível.

Entremos? Entremos. Começa-se a dança
 Com fogo e entusiasmo: d'aqui se conversa,
 Ali outros jogam; divertem-se os grupos
 De forma diversa.

E voam as horas—e chega-se o dia
 Em que a triste filha do austero Major
 Vai ante os altares formar esses laços
 A que tem horror.

Assim lhe imposera vontade inflexível
 Do Pai rigoroso que á tanto abusava
 Do imperio paterno,—que victima flebil,
 A filha immolava.

A noiva sòmente parece estar triste,
 No pallido rosto pintados lhe estão
 Mortal desespero, martirios e penas
 Do seu coração.

E vôam as horas e chega-se o dia
 Que a noiva receia—que o noivo deseja,
 Vendo ella a desgraça vendo elle a ventura
 Quão proxima esteja.

Em tanto na porta de subito assoma
 Uma alta, deforme, trigueira mulher:
 E logo um servente lhe diz arrogante:
 —Senhora, o que quer?

Eu? nada, irmão-zinho (responde a estrangeira):
 Tornou-lhe o criado:—Então, despachar!...
 Porém a estrangeira fazendo-se surda
 Deixava-se estar.

O dono da casa que n'isto repara,
 Da estranha os andrajos e o gesto estranhou;
 Iroso a interroga porque da vizita
 Bem pouco gostou.

—Quem busca, Senhora?—A ninguém, Senhor meu:—
 —Então pede esmola?—Quem n'isso fallou?
 Supposto que trapos envolvem meu corpo,
 Mendiga não sou.

Esmolas não peço;—pratico outro officio,
 Que esmolas mesquinhas não dão para o pão:
 Penetro os destinos,—e leio o futuro
 Nas linhas da mão.

Então é sigana? Pois bem veio a tempo
 Pois quero que leia da noiva o destino,
 Si bem que não creio, pois sò crêm tolos
 Em tal desatino.—

E a gélida dextra da filha tomando
 Nas asperas mãos da agoureira a metteu,
 Que apoz breve exame e ridiculos gestos
 Assim prorompeu:—

—Oh! Dona formoza! gentil como os anjos,
 Um outro destino te quiz Deus guardar:
 E's noiva? Debalde.—Não vistas de galas,
 Não has de casar....

Casar sem amor, é viver no deserto,
 Roseira sem culto sem folhas nem flor:
 A c'roa de noiva te põem na cabeça
 O medo, o rigor.

Os olhos do Velho scintillam de raiva,
 Que aquellas palavras o fasem arder;
 Porem a decencia seus impetos manda
 Por ora conter.

Em tanto a cigana, que as mãos nas mãos punha,
 E os olhos nos olhos da noiva mimosa,
 Pequeno bilhete lhe entrega em disfarce,
 Subtil e ardilosa.

Obessa matrona mostrando uma jovem:
 —Esta é minha filha (diz ella a estrangeira),
 Dizei-me sincera qual é a sua sorte,
 Si é má ou fagueira?

—Ó corça formoza....(responde a adivinha)
 Um cervo, de longe, te irá procurar;
 Teus dias ditozos lá n'outras campinas
 Irás acabar.

—Um servo, discestes? (pergunta a matrona),
 Um servo, um escravo?.... —Não digo isso não;
 (Redargue a cigana) que o cervo e a corça
 Sabeis o que são.—

—Dizei nossa sina (lhe exclama uma moça
A quem dava o braço mancebo elegante)

—Que bellos meninos! lhe diz a adivinha
É par bem galante!—

—Tão moços, tão bellos, chegai meus pombinhos,
A mão, minha Dona, e a mão, meu Senhor...
Irmãos ou esposos vos dure p'ra sempre
Reciproco amor.—

—Irmãos ou esposos! . . não adivinhastes?
(A moça zombando, replica) dizei.

—Que haveis ser felizes (conclue a sigana),
Mais nada direi.—

E eis dos curiosos o circulo aperta,
De todos os lados a mão se lhe off'rece;
E a pobre adivinha,—no meio—confusa,
De pedra parece.—

—É uma embusteira! proclama o Major;

—É uma embusteira! repetem d'ali:

—Que vâ nos infernos dizer *buenas dichas*
E fôra d'aqui.

Empurram-na todos por um e outro lado,
E rindo, mofando, rasgando-lhe a roupa,
E levamn'a porta: e a turba do pateo
Tambem não a poupa.

—« Custou-me bem caro (diz a cigana
Em quanto no pateo correndo passou):
Porem que me importa, si a minha embaixada
Segura ficou.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

NÃO!...

Não será livre o coração, ao menos,
Na escolha d'um esposo que amar deve.....
J. B. Gomes.—Nova Castro.

Já a rubicunda aurora o horizonte
De flocos carmezins vem adornando..
Inda ali-acolá brilham no espaço
Com vacillante luz raras estrellas.
Sobre as altivas francas de mangueira
Despede o bentevi silvos agudos,
Com que sauda o alvarar do dia;—
E o negro mocho que a espaços geme
No mais denso do bosque vai coutar-se.

A casa do Major está agitada;
A contigua capella acha-se aberta
E no altar brilham tochas numerosas,
Que tem de illuminar dentro em momentos
Solemne cerimonia religiosa.
No supedanio está rico tapete
De variegadas flores matizado,
Que o seu grato perfume em torno espalham.

Mas eis que assoma á porta
Numerosa companhia!... Vem na frente
Gentil donzella ricamente ornada,
Mancebo svelto d'arrogante porte,
E avançam graves: ella,—os olhos baixos,
Constrangida parece na attitude;

Não com esse ademan que em atos destes,
 Por pejo e temidez as noivas mostram;
 Mas na expansão do rosto do mancebo,
 No sorrir que, — mau grado, — ás vezes abre
 Se lhe percebe o jubilo que sente.
 Contraste singular, que bem revela
 As oppostas paixões das almas d'elles.

São noivos: este o dia em que hade unil-os.
 O laço do hymeneo não contratado
 Sob auspicios d'amor e sympathia.
 É Clara; é Frederico... Entram, avançam,
 Param junto do altar... .

Ah! Quantas vezes
 Ali perante um Deus tremendo e sancto
 Obediencia e temor arrancam votos
 Que esse Deus só pretende voluntarios!

A joven cruza os braços sobre o peito,
 Crava os olhos no chão immovel fria;
 E o noivo em frente d'ella nem parece
 Da triste perceber o triste estado!...

Em tanto, ornado das sagradas vestes,
 O Ministro de Deus se lhes presenta
 Cresce a perturbação da pobre noiva
 No momento solemne—esse momento
 Que lhe vai decidir da vida inteira...
 Uma vez, duas vezes se lhe intimam
 Sacramentaes questões—porèm de balde;
 Como petrificada permanece...
 Só mostra a vida no arquejar do peito.

Eis ligeiro tremor seu corpo agita,
 Ella responde—Não!—

Esta palavra

Que as illusões dissipa de ventura
De futuro d'amor do pobre noivo
Bem parece partir do intimo d'alma
Tão lugubre soou!... Mas certamente.

Recua o Sacerdote, pasma o noivo,
O auditorio se entr'olha estupefato:
E a palavra correu de bocca em bocca
Té que em assombro mudos todos ficam
E em ancia os peitos nem respirar ousam.
Era a expressão sublime da vontade
Que não obstante o labyrintho, a luta,
De sentimentos que a Donzella agitam,
E o coração e alma lhe perturbam,
Energica, prorompeu irresistivel

Nessa palavra!...

Assim d'um tribunal na galeria,
Si se ouve a confissão d'atroz delicto
Propaga-se o rumor, diminue—cessa...

Sobre as pallidas faces da Donzella
Desliza em fios copioso pranto
—Tal como sobre o rosto d'uma estatua
De Pário alabastro correm gotas
De matutino orvalho.—

Quanto sentem

Noivos, padrinhos, sacerdote: todos,
Não se pode exprimir,—julgar se pode.

IV

ANTES MORRER!... MORRER!...

«—Comment peut on être tyran de femmes ?

«—En les mariant sans les consulter, une fille jeune avec un vieillard ; une femme sensible avec un homme indifférent.

Bernardin de Saint Pierre.

Só, no seu aposento a infeliz joven
 Aos transportes da dor se abandonára,
 E sem consolação suspira e chora,
 D'affectos differentes combatida
 E negros pensamentos que lhe occorrem
 Uns apoz outros,—qual nó mar iroso
 As ondas tumultuosas se succedem,
 Na medonha procella assustadora,
 Um futuro horroroso se lhe antolha
 Seguir-se ás agonias do presente ;
 Entre amor e deveres repartida,
 A razão e a paixão n'ella combatem,
 Porfiada é a lucta!... Sobre a mesa
 Vê-se um papel fechado ;—é o bilhete
 Que no baile a sigana lhe entregara,
 Em que Alberto a linguagem desprendendo
 Do amor e do ciúme, lhe reprocha
 O crime de perjúrio : é esse Alberto,
 Que n'uma ausencia d'annos—um só dia
 Não se esquecêra d'ella, e só por ella
 Talvez um so dia não esquecera a patria,
 Nem os paternos lares e lhe pede
 Uma entrevista, lá, no parque á noite.

—« Porque vel-a uma vez inda queria,
 Posto que ingrata, e dar-lhe o adeus eterno :
 E depois n'outro Céu distante deste
 Seus dias ir passar, finar a vida.»

Mas eis, que entra o Major no gabinete.
 No turvado semblante tendo impressos
 Signaes intensos d'ira, que contrae-lhe,
 As rugas da ampla testa. A passos largos
 Passeia no aposento: e quando volve
 Os olhos para a filha, os seus olhares
 Rápidos—transversaes—scintillantes
 Com que assusta, confunde, opprime, esmaga
 A tremebunda, consternada filha.

—« Desgraçada! lhe diz em fim parando :
 Vem cá.... responde, louca, que fizeste?
 Deste modo te mostras filha humilde,
 Filha virtuoza, qual te chamam todos,
 Resistindo á vontade soberana,
 D'um Pai amante.... assaz infortunado
 Por ver assim mal pagos seus desvelos!...
 Quando todos me dizem que eu não tenho
 Por filha uma mortal, que tenho um anjo,
 Só eu devo dizer que és um demonio?...
 Não te fora melhor que antes morreras,
 Que eu te visse expirar?... com gosto o vira!...
 Do que ir alardear nescios caprichos,
 Menos-presando um acto tão sagrado,
 E as ordens de teu pai menos-presando?
 Com extrema vergonha tua e minha
 Fabula d'esta gente me tens feito!...
 Queria perdoar-te como a louca;
 Porem como a rebelde hei de punir-te.
 —« Meu Pai, meu caro pai! exclama Clara,
 E cahe-lhe aos pés, e abraça-lhe os joelhos:
 Perdão á vossa desditosa filha!

Em tudo cumprirei as ordens vossas;
 Em tudo, sim, meu pai...mas dignai-vos....
 —« Nada de condições, replica o Velho,
 E alçando um braço ao ar volta-lhe as costas.
 —« Ah! Senhor, por piedade, torna a joven,
 Não, não queiraes fazer tão desgraçada
 A vossa amada filha, que chamaveis
 Lume dos olhos vossos....é possível
 Querer sacrificar-me?!...eu vos supplico
 Por minha terna mãe, por vossa esposa,
 Que tão cedo perdemos....Oh! se agora
 Ella estivera aqui!...si inda existira....
 — « Ah! sim, se inda existira!..(torna o Velho
 Com ademan sardonico irrisorio)
 Pensas—que por ser mãe, não te infringira
 O castigo que exigem tantas faltas?
 Dispõe-te a reparal-as, eu t'ó peço
 E si não te resolves, eu t'ó ordeno.
 Proseguindo em tom mais brando e doce,
 —« Que falta a Frederico, dize, nescia,
 Para constituir-te venturosa?
 Joven, rico, --eis-ahi quanto lhe basta;
 De tudo pois é digno:—si não sentes
 Por elle inclinação, isso que importa?
 Logo virás a amal-o como esposo:
 Que jovens como tu—só nos casquilhos
 Querem maridos ver que lhes convenham
 Sem os homens julgar pelo que valem:
 Das paixões, dos romances, eis o fructo!
 Assim pois, te prepara a dar-me o gosto
 De ver realisado este consorcio.
 Tão feliz para ti, mais do que o pensas:
 Si é que podem pensar cabeças loucas
 O que mais lhe convem....em poucos dias
 Sem pompas sem festins....d'isto és a causa!
 Se ha de tudo fazer....Que me respondes?

So responde com pranto, a triste Clara;
 Ao irascivel Pai, que attento observava
 E ja pensando tel-a demovido
 Seu insano furor se acalma um pouco,
 E vai a retirar-sê do aposento;
 Porem cobrindo os magoados olhos
 Tremula, Clara, diz balbuciando:
 —« Antes morrer.. morrer!. .meu Deus mil vezes..
 Jamais esse consorcio...detestavel.
 Senhor, sou vossa filha...eis-me aqui prompta...
 Podeis dispor de mim...tirar-me a vida...
 —« Pois bem, replica o Velho a quem o impulso
 De subitanea colera transporta:
 Vem, maldicta, que eu quero ja punir-te...
 Toma-lhe o braço, com furor a abate
 E a mão erguendo, vai...vai já feril-a.
 Solta a infeliz um grito doloroso,
 E eis entram de rondão no gabinete
 Respeitaveis matronas que esta scena
 Do aposento contermino espreitavam:
 E a muito custo embarçar conseguem
 Os excessos que a raiva dita ao Velho
 Que com olhar convulso desvairado,
 Quer devorar a filha. Acaso pega
 N'um papel que encontrára sobre a mesa,
 Abre-o ligeiro, lê...mais, mais se anima
 Se exalta em seu furor—empallidece...
 Feixa e guarda o papel.—

Lançando ainda

No grupo das matronas temerosas
 Um frenetico olhar que horror infunde,
 Precipitado sahe do gabinete.

V.

TU ME MATASTE...ALBERTO!...

Assi como a bonina que cortada
Antes do tempo foi candida e bella.
Camões Lus. III, 154.

A setta fere o peito alabastrino
Que para tanto mal amor ferira.
Sa de Men. Mal. conq.

Vem a noite. E é tão triste e tão medonha,
Que parece trazer negros pressagios
Desenfreado, furioso o vento
Agita susurrando o immenso bosque;
Rolam espessas nuvens na athmosphera;
O longiquo trovão rebomba a espaço;
E o clarão do relampago sinistro
Que a miudo terrífico dardeja,
A cerração retalha no horisonte.

Tudo é consternação, tudo é tristura
Na casa do Major, que ninguem vira
Desd'a afflictiva scena que narramos.
A disolada Clara no seu quarto,
Sentada—immovel na attitude
Aquella languidez que sóe seguir-se
Às emoções violentas—dolorosas.
Junto d'um oratorio aberto ao lado
Arde com chama tremula uma vèla,
Que espalha no aposento luz mortíça,
Contra a qual, penduradas nas paredes
Estão luctando renitentes sombras,

Que volteiam, avançam, e recuam ;
 Assim decorrem as tardonhas horas,
 Que sempre ao infeliz volvem mui lentas,
 Té que dá meia noite. Aos sons pausados
 E argentinos que ferem seus ouvidos
 A moça estremeceu... era o momento
 Que ella esperava tanto e que temia.

Defronte do Oratorio genuflexa,
 Clara levanta as mãos, ora em silencio...
 Ah! Deixomo-la orar!...

Quanto é sincera,
 Solemne, maviosa, intima, ingenua
 A oração da innocencia que padece !
 O céu surri ao recebê-las, essas
 Candidas orações d'uma alma pura,
 Que ao Solio Eterno vão sem queixa egoista;
 Esses suspiros fervidos, ardentes,
 Esses gemidos mysticos profundos
 Que sobem como os fumos recedentes
 Dos sacrificios do sagrado filho.
 Ah! Deixemol-a orar... que breves horas
 A precede a oração aos pés do Eterno...

.....
 A joven já se ergueo, já dos seus olhos
 Não correm mais as lagrimas de fogo ;
 Serenou-se a sua alma,—que não geme,
 Por muito tempo uma alma sem remorsos,
 Nem al pungir-lhe pode a alma singela
 A não ser o pesar de que não possa
 Ao mandô paternal sacrificar-se.

O vento acastellára no occidente
 O fumoso bulção, que lá n'egreja
 As estrellas se ostentam scintillantes
 No orientino céu já limpo e claro ;

E em vez do vento forte que rajava
Se sente bafejar de fresca brisa.

A moça desce ao pateo, cautelosa,
Audaz vai pelas sombras deslizando
Por entre os troncos d'arvores frondosas
Como passa o phantasma entre as columnas
De um arruinado claustro, 'a horas mortas.
Com a mão comprimindo o peito anciado

Ella caminha.

Pára a intervallos—olha em torno—escuta...
Porém não sente que lhe segue os passos
Um vulto que s'encobre atraz dos troncos.
—Assim segue ao noturno viandante,
O scelerado que o momento aguarda
Para cravar-lhe o ferro traçoieiro.

Eis que sahe-lhe ao encontro um outro vulto
Que d'ella se aproxima, a mão lhe aperta,
E com voz magoadá, assim lhe falla :—
«—Em fim, Clara, aquí estou, tornei a ver-te—
Depois de tantos annos... fui constante
Ao amor que te jurei... fui desgraçado,
Porque a perfidia só tive por premio...
Eu que em terras estranhas, suspirando,
Tristonhos dias vi correr saudoso;
Mas confiado em ti... nunca o pensára!
E pois, amor tão mal correspondido
Não deve existir não... Sabe, traidora,
Que eu amei Clara um dia, hoje não amo,
Que já não vive Clara que eu amava,
Em ti só vejo um monstro de perfidia
A esposa d'um rival... Mas é sagrado
Esse titulo... Vai-te feliz sejas
Com esse em quem por fim terás o esposo;
Pois máo grado á palavra que disseste

Hoje em frente do altar...o teu consenso
 Sei que já deste a tudo... És mulher:—basta!
 Eu parto-me outra vez para o desterro
 Esquecer-me de ti...adeus, perjura!
 «—Alberto, diz a jovem soluçando
 Ignoras tú que a ti, e a ti somente
 Desd'a mais tenra infancia tenho amado?
 Não sabes que a meu Pae desobedeço
 Recusando essa aliança detestavel?
 Rigoroso me tracta...mas de balde
 Seus esforços serão.. si não for tua
 D'outro jamais serei...Fomos criados
 Inseparaveis sempre, nesse tempo
 Em que teu Pae e o meu amigos eram:
 Primeiro, como irman te amei, Alberto,
 Depois com outro affecto...bem o sabes.
 Hoje tudo é mudado. E pois não posso
 Minha sorte ligar á sorte tua,
 É força resignar essa esperança,
 Conformar-me ao destino. Embora eu seja
 Maldicta por meu Pai, a Frederico
 Nunca darei a mão... Quanto me pesa
 Que meu Pai me constranja a resistir-lhe
 Sendo só meu dever obedecer-lhe...
 Oxalá que não fora um sacrificio
 Tanto alem do que posso. Irei bem breve
 Minhas magoas passar no sancto azilo
 Na solidão tranquilla d'um convento...
 Inda no mundo restam-me dois entes,
 Dois sós, de quem terei sempre saudades,
 E bem sedo talvez elles me olvidem....
 Não fui perjura, Alberto, não me accuzes
 Eu vim dizer-te adeus, e adeus...p'ra sempre...
 Fallou, e o pranto amargo a voz lhe abafa.
 —« Que me dizes? é certo? tornou elle,
 Esposa não serás de Frederico?!

O teu tyranno Pai é que te obriga
 E ha-de levar a effeito um tal consorcio ?
 O seu plano baldemos. . . . Vem fujamos
 Seremos venturosos. . . não vacilles ,
 Que o coração, é livre e nada pode
 No coração da filha a authoridade
 Do Pai, que o não consulta : é grande o mundo ,
 Vamos ao cabo d'elle . . . virá tempo
 Em que esse injusto Pai abrindo os olhos
 Da rasão que a avareza lhe tem cegos ,
 Te—abrace, te—perdoe. . . oh ! não vacilles. . . .
 Porém n'este momento ao perto sôa
 Uma medonha voz, que aterra os jôvens :—
 —« Detem-te, infame seductor, espera
 O teu justo castigo !. . .
 E o ferro d'um punhal nas mãos lampeja
 D'um vulto, que açodado corre a elles.
 Clara conhece a voz, e a mão que brande
 Esse ferro fatal. . . eis que se arroja
 Entre o amante e o velho Pai. . . mas antes
 Que o susto proferir palavra deixe,
 D'uma pistola o tubo acceso brilha. . . .
 Ai ! é ella que cahe banhada em sangue,
 —« Meu pai, perdão, murmura com voz debil
 Tu me mataste. . . . Alberto. . . . »

Hallucinado o Velho, arde em vingança
 Contra o mancebo investe furibundo,
 Quer cravar-lhe no peito agudo ferro
 Mil e mil vezes—ver jorrar o sangue,
 Banhar-se n'elle com praser—bebel-o,
 Mas co'o favor das sombras lá lhe foge,
 Lá se escapa ao seu braço vingativo:
 O Velho o busca, o segue—em balde o busca. . .
 Espuma e brame junto ao corpo exangue
 Da malfadada filha muribunda.—

BIBLIOTECA PÚBLICA
VI. do
ESTADO DO MARANHÃO
E O PADRE SOU EU....

Hei mihi, qualis erat! quantum muta-
tus ab illo!

Virg.—A En.

Dous annos correram—dous annos bem tristes
Eu passei
Distante da patria, por terras estranhas
Em que andei,

E vi novos climas, e solos diversos
Percorri;
Mas como o que eu tinha na patria adorada
Nada vi.

Nem céu tão sereno, nem prados floridos
Como aqui;
Nem aves, nem plantas, nem rios, nem bosques
Nada vi.

Da patria saudoso, voltei aos meus lares
Felizmente:
E de novo a terra, que o berço me déra
Vi contente.

Em tarde mui bella vagando nas margens
Tortuosas
Do meu patrio rio, por entre as campinas
Deleitosas.

Ali—do passado saudosas lembranças
 Renovava ;
 Ali—commovido os folguedos da infancia
 Recordava.

O sol que se punha lançando os seus raios
 Derradeiros,
 De fraco oiro pallido o cume esmaltava
 Dos outeiros.

Soltava a cigarra o monotono canto
 Impertinente ;
 E os pombos torquazes gemiam queixosos
 Tristemente.

Na encosta e no cimo da verde collina
 Se elevavam
 Esbeltas palmeiras, que as folhas de leque
 Meneavam.

Ao lado, nas margens se viam formosas
 Jussareiras,
 Que as suas umbellas flexiveis balouçam
 Nas ribeiras.

Soltaram seus guinchos os bellos toucanos
 Variogados,
 De bico disforme—à jussara mimosa
 Costumados.

Lá se erguem as francas das andirobeiras
 Majestosas,
 Vergando d'ouricos, que envolvem castanhas
 Amargosas ;

Mas são: doce esperança do activo camponio
 Laborioso,
 Que, em simples processo, d'ali tira oleo
 Copioso.

O terno sabiá, seu canto saudoso
 Desferia,
 E em doces gorgeios seus meigos queixumes
 Exprimia.

Ao longe, a contraste, cantava a guariba
 Dissonante,
 Do centro dos bosques remotos, espessos
 Habitante.

Grasnando passavam, em bandos, aos pares,
 Numerosos.
 Os verdes p'riquitos do arroz inimigos
 Tão damnosos.

Mil aves diversas por entre os caminhos
 Saltitavam,
 Que já preguiçosas, o abrigo nocturno
 Demandavam.

Que encantos, num ermo, não tem essas horas
 Vipertinas,
 Si o coração pode sentir taes bellezas
 Peregrinas!

Meus ávidos olhos na vasta amplitude
 Se perdiam
 Do bosque—do campo—do céu, e de tudo
 Quanto viam.

E os quadros diversos que simples natura
 Me mostrava,
 Absorto—enlevado, de jubilo cheio
 Contemplava.

No fim de dous annos, passados nas plagas
 D'alem mar,
 Pra mim tudo é novo—e admiro, e não canso
 D'admirar.

—
 A noite tomou-me sem que eu advertisse
 Que chegava,
 E o véo estendido; o painel pittoresco
 Subumbrava.

Sobre uma alta pedra na borda do rio
 Me assentei,
 E terras e mares co'o meu pensamento
 Divaguei.

.....
 Passando tres horas. A lua nascendo
 Desparzia,
 Seu languido brilho, que meiga tristeza
 Me infundia.

As aguas do rio deciam serenas
 Espelhando
 Co'o sopro das auras que vinham suaves
 Bafejando.

Já eu me dispunha a deixar estes sitios
 E tornar
 Ao meu pobre alvergue, o repouso preciso
 Procurar....

Um surdo rumor senti ao meu lado
 E eu voltei...
 Bem junto da pedra parado um fantasma
 Divisei!

Medonho no aspecto—medonho no todo
 Bem o vi!...
 E considere-o com susto indezível
 E tremi!

Mais pallido o rosto que os pallidos raios
 Do luar;
 Mais feio e mais triste que o olhar d'um doende
 Seu olhar!

Longa alva vestia que atraz lhe rojava
 Pelo chão;
 E a sua cintura julguei vir cingida
 D'um cordão.

Co'os os braços no peito, mui fito me olhava
 E gemeu,
 E d'um condemnado seu rouco gemido
 Pareceu!

Deu uma risada convulsa e horrorosa,
 Retumbante
 Qual Satan costuma, si a victima empolga
 Triumphante.

E pavido—immovel, eu nem respirava
 Nem sabia
 O que de um spectro ou visão tão estranha
 Pensaria.

« Si é vivo, em taes trajas e a horas minguadas
 Que procura?
 Si já é dos mortos, acaso não teve
 Sepultura? »

Porém o fantasma do peito exhalando
 Um ai doloroso,
 E o nome de Clara tres vezes dizendo,
 Fugio pressuroso.

O nome de Clara! . . . Será d'essa Clara
 Tão meiga, tão bella,
 De cujas desgraças aqui todos fallam?
 Sem duvida é ella.

E aquelle phantasma, que o é do que fôra
 Seu pae miserando,
 Que nestes logares se encontra a dez horas
 Correndo, vagando.

E é elle, oh! desgraça! nem ha quem o ignore
 Por estes logares;
 O doudo—lhe chamam, que doudo o fizeram
 Acerbos pesares!

Então já sem susto, da pedra decendo
 Ao doudo segui
 E ao pé d'uma lage coberta de musgo
 Prostrado eu o vi.

Já proximo a elle: « Silencio! me disse
 Ao ver-me chegar:
 Aqui a encantaram; porém os encantos
 Não cedo acabar.

E assim que ella chegue, lhe está preparado
Feliz hymeneu ;

E todos a esperam, e o noivo com ella,
E o padre sou eu!...»

Calado ficando, seus labios moviam-se
Em modos de orar ;

Os braços abria—cruzava—estendia—
Tornava a cruzar.—

De subito ergueu-se, correu...e depressa
De vista o perdi ;

Mas trez outras vezes o nome de Clara
Ao longe inda ouvi.

EPIGRAMMA.

Magistrados justiceiros
Em um recto tribunal
A crime atrás que julgavam
Calorosos disputavam
Qual seria a pena igual.

Senhores, um delles disse,
Para que bem castigado
Esse malvado se veja,
Devemos mandar que seja
Com surda mulher casado!

AS MINHAS ESPERANÇAS E AS MINHAS QUEIXAS.

Quem passa a mesquinha vida
Sem gosar mimos d'amor,
Vive como vive a flor
La no deserto esquecida.

—
Si uma mulher eu achasse
Que me tivesse afeição,
Que me mostrasse ternura,
Que me desse o coração;

Uma mulher meiga e bella,
Que por mim se interessasse,
Vendo-me alegre sorrisse;
Vendo-me triste—chorasse;

Meu coração, minha vida,
Tudo eu lhe havia de dar;
Ella seria o meu anjo,
Eu viveria para a amar.

Diz-me o coração que um dia
Esse anjo bello acharei
Ha-de mudar-se o meu fado
Que ditoso inda serei.

Passo entretanto esta vida
Como o infeliz desterrado,
Longe da Patria saudosa,
Só queixoso—desgraçado.—

—

A EXISTENCIA DE DEUS.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Les cieus iustruisent la terre
 Á révéler leur auteur ;
 Tout ce que leur globe encerre
 Revele nu Dieu Createur :
 Tout parle, tout nous instruit
 De sa puissance immortelle ;
 Le jour au jour la revéle,
 La nuit l'annonce á la nuit.

J. B. Rousseau.

Corria a minha infancia. . . . Ah ! Quem diria
 Que esse tempo feliz tão breve fora.

Preludio gracioso da existencia,
 Paz e candura hospedam-se em teu seio,
 Como em calix de flor limpida gota
 Do orvalho da manhan. . .

Epocha afortunada de innocencia,
 Ah ! Quanto és aprasivel, quanto és doce !
 Vertem meus olhos lagrimas saudosas
 Quando no extremo opposto da existencia
 Me recordo de ti. . . . Assim se lembra
 Da formosa região onde nascera,
 E do seu grato clima e céu sereno
 O afflicto viajor, que transviado
 Em noite hyberna e feia sobre os Andes
 Vaguêa a um lado e outro, padecendo

As injurias do clima aspero, estranho,
 Temendo a cada passo um precipicio,
 A cada passo a morte....

Tu és, ditosa idade, como a aurora
 Na estação aprazível dos amores,
 Que adorna e abrilhanta os horisontes
 Promettendo a sorrir um bello dia...
 Mas ah! seguio-se um dia tão funesto
 A essa aurora rica de esperança!...

Oh! idade da paz e da candura
 Só maviosa lembrança de ti resta,
 Inda no fundo d'alma ella se abriga,
 Inda ouço a sua voz jamais extincta—
 No meio das memorias de um passado
 De martyrios, de penas, d'amarguras.

Tal por entre os bramidos da borrasca
 Se ouve o meigo gemer das cordas d'ouro
 D'harpa sonora dedilhada ao longe.

Da immensa criação via as bellezas;
 E a criação p'ra mim não tinha encantos,
 Nem eu tinha um sorriso para ella.

Da adolescencia os annos deslisavam
 Não me importava o mundo:—os meus prazeres
 Eram meu mundo—meus desejos tudo.

Assim meu coração ia vivendo
 Como em placido somno vive o homem,
 Estreme d'emoções—paixão alguma,
 Inda em meu peito virgem não trouxera
 Seu imperio,—seu fogo—seu veneno.

Correu veloz o tempo, e eu dei principio
 Á vida de illusões e de chimeras,

De poezia e esperanças—só temores
 No futuro não tinha :—e si eu pensava
 N'uma idade porvir—oh! que brilhante
 Que seductora quadra se entrevia!

A ventura e a paz que em doce amplexo
 Bordavam d'ouro meus ditosos dias
 Deixaram-me, fugiram. . . .

Quando entrei a sentir a guerra crua
 D'uma louca paixão, tyranna, cega,
 Que—Amor—os homens chamam, e se eu devo,
 O Amor considerar um erro, um crime,
 Só da paixão d'amor terei remorsos,
 Impressões indeleveis e profundas
 Neste meu coração gravadas tenho
 Pelo stigma da dor, adunco e negro. . . .

Não mais tranquillos dias vi volver-se,
 Liberdade—socego—tudo a um tempo,
 Tudo de mim fugio!—E tu curvaste
 O teu altivo colo, como a rosa,
 Que se murcha ao calor d'um sol estivo,
 Ó flor dos annos meus que vegetavas
 Tão risonha, tão bella!
 Eras flor—e da flor é breve a historia.

Quão pesada a existencia me tem sido!
 Que serie de infortunios incessantes,
 Que conjuncto de males perseguio-me! . .
 Abatido—decrepito—indigente
 A placidez de esp'rito só conservo,
 Nada me resta que a desgraça roube,
 Até mesmo as lembranças dolorosas
 Hão de apagar-se, quando a terra dura
 Em seu seio hospedar meus frios restos,
 Sim, finalmente ali terei descanso;
 Pois o aguilhão da dor não fere as cinzas. . . .

Mas eis que um raio dessa luz superna,
 Dessa luz da rasão, aos homens dada
 Por um dom especial da mão divina
 Em minha alma luzio—mas tenue, froixo,
 Como o fraco arrebol da alva primeira.
 E quando se expandio, fez-se mais claro,
 E o circulo vizual mais amplo n'alma,
 Olhei em roda . . .

Contemplei pasmado
 Da immensa criação as maravilhas,
 Que então por gradações eu descobria,
 Como se pouco e pouco o véo espesso
 Que até li em penumbra m'as mostrava
 Uma mão mysteriosa fosse erguendo

Vi o quadro magnifico e pomposo,
 Que desdobra Natura aos vossos olhos
 Tão variado, e tocante! tão sublime! . . .
 Ó Céos, ó mar, ò terra! inda vos vejo,
 Mas meus olhos um dia hão de fechar-se
 Não mais vos hão de ver.. Céos, mar, e terra! . .

E contemplei a abobada celeste
 De nitidas estrellas recammada
 Durante a noite silenciosa e bella:
 --E contemplei o Oceano furiozo
 De um polo a outro revolvendo as ondas
 Co'o crespo dorso, co'a espumante coma
 Ameaçando a terra—e quebra as furias
 Nas penedias da fragosa praia
 Beijando a branda areia, onde os limites

Lhe pôz Braço Potente—e retrocede.
 —Escutei o mugir da tempestade
 Sinistro e temeroso como as iras
 De anjo exterminador, brandindo o gladio.
 —Do assustador relampago os dardejos,
 Com o rugir do trovão—que ambos parecem
 Um gesto e voz da colera tremenda
 Com que á terra culpada o Céu ameaça.
 —Vi o curso do Sol que com seus raios
 Vivifica e conforta a Natureza.
 —O levantar da aurora rubicunda,
 Bem como a bella noiva—que se enfeita
 Na manhan do noivado—e espera o noivo;
 O seu sorrizo diz—amor esp'rança,
 Seu coração palpita—amor ventura,
 Alegria e amor dizem seus olhos.
 —O succeder do dia á escura noite;
 —O succeder da noite ao claro dia,
 —A multidão d'organizados entes
 Que n'agua, terra, e ar vivem,—vegetam.
 Campos, rios, metaes, pedras e flores,
 Meteoros, estações, corpos celestes,
 E tudo o que em seu seio a terra cria.
 —Os naturaes phenomenos variados,
 E a ordem admiravel que preside
 A tantas maravilhas....

E eu vagava

Co'o pensamento meu no Céu na terra
 De prodigio em prodigio, transportado
 D'admiração profunda....
 Tal no ameno vergel pequena abelha
 Esvoaça e volteia, embriagada
 Da emanação balsamica das flores.

Vendo taes maravilhas—é possível
 Que argumentos diversos exigisse

O capricho das almas obcecadas
P'ra confessar o que descrever não podem?!

Não, a Causa Primeira eu não negava,
A existencia de um Deus era bem clara;
Uma voz interior em mim ouvia,
E a flux as obras do Oniverso todas
Annunciando um Deus Author de tudo',
Causa, Motor, Regulador, Eterno;
Mas eu desejei ver o Ente Supremo,
Sua face adorar, voar p'ra elle,
Junto d'elle morrer. . . .

Este era o meu desejo hoje o condemno;
Era um desejo estulto;—mortaes olhos,
Só olhos mortaes podem fitar-se.

Sentado á beira da remota praia
Via abrir-se ante mim o campo immenso
Em que o Oceano tumido agitava
Suas ondas Cerulias. Ceos e mares
N'uma linha indecisa terminavam
Pareciam surgir do mar as nuvens,
Que o sol, descendo rapido, tingia
De vivo carmesim. N'esse momento
No azul dos ceos brilhou por entre as nuvens
N'uma abertura oval, e parecia
A pupila d'um olho scintillante.
«—Deus está lá, disse eu erguendo o braço
E apontando o horisonte—ali no centro
D'esse ignifero globo refulgente,
Quem sabe! . . . ali habita a Divindade! . . .
Esse Deus mysterioso inacessivel
Tem ali seu alcaçar e seu throno . . .
Mas si não está lá, onde eide achal-o? . . .

Neste momento o Sol ia escondendo

Seu rutilante disco—e vagaroso
Lá nos confins do mar entrou,—sumio-se.

Na manhan bella—na saudosa tarde,
No silencio da noite vaporosa,
Na magestosa solidão do bosque,
Sobre a margem do rio—ou lá na varzea
Meditai. . . . meditei. . . .

Mas vossa Face, ò Deus! ah! ver não pude
Nem conceber, Senhor, vossa Entidade.

Entrei n'um templo. Ahi se começava
Um solemne apparato religioso
Para louvar o Deus Trez vezes Sancto.

N'um pilar encostei-me, e tão immovel
Como a marmorea pedra, assim eu 'stava:
No aurifulgente altar fitei meus olhos,
Que o brilhar de mil tochas deslumbravam.

A passo grave avançam tres levitas
De sacras vestiduras adornados;
E um outro adoriferos vapores
Do bento incenso em ondas desparzia.
Os fieis aguardavam silenciosos
Que o officio divino começasse:
Eu tocado de mystico respeito,
D'intima devoção, que me infundia
Do logar e do objecto a santidade,
Com ardentes suspiros assim disse:—

Oh! Si vissem os meus olhos
A face do Ser Supremo,
D'esse Deus Unico, Eterno,
Que adoro, supplico, temo!

D'esse Deus, que o Mundo Rege,

Increado e Creador
 A quem o Universo canta
 Canções de infindo louvor ! . . .

Quando o organ desferio os sons argentinos ,
 Quando os cantos do choro se ligaram
 Ao sagrado instrumento prorompndo
 Naquelle hymno eucharistico , solemne—
 —Te deum—

Ah! eu não sei si foi um sonho . . .
 Mas não , sonho não foi ; porque meus olhos
 Eram fixos no altar—bem que não viam
 Mais que um clarão aério , que formava
 Aquem do Altar a luz das tochas todas ,
 Meus joelhos dobraram , e o meu rosto
 Se encostára a columna

Pareceu-me

Uma canção ouvir , suave , aérea ,
 Sobranceira á do coro , e seus accordes
 Dulcisonos , maviosos e sublimes
 Em doce arroubo me enlevavam a alma.
 Não me enganei!—um hymno melodioso
 Que nada tem da musica terrena ,
 Com angelicas vozes concertadas
 No mesmo instante enchera o santuario
 Com seu mago vibrar . . .

Era um côro d'angelicos Espiritos
 Que a Jehovah tecia mil louvores ,
 A Jehovah que talvez descia ao templo
 Receber as humildes homenagens
 Das suas creaturas . . .

E eu já proximo a vel-o a ter a dita
 Que a minha alma anhelava suspirosa ;
 Eu a senti possuida , embriagada
 D'essa unção de ventura inconceptivel . . .

Meu coração pulsava alvoroçado.
 E, absorto, extasiado todo affectos,
 Adorei a Divina Magestade,
 Que eu entrevia já... e assim orava:
 E a oração era ardente e fervorosa
 Como a oração do triste desterrado
 Que suspira além mar a patria terra.

Senhor meu Deus, dae que eu veja
 Vosso rosto Divinal:
 Recebei o humilde rogo
 D'um fraco, triste mortal.

Que uma vez vejam meus olhos
 Da vossa Gloria o fulgir,
 Uma vez—e pode a campa
 Meus frios restos cobrir....

E pouco e pouco os hymnos se esvairam...
 Tornei a ouvir o estrondo dissonante
 Que do côro partia... ah! eu não posso
 Meu pesar descrever, meu sentimento...
 Num ápice descer do céu a terra,
 D'um puro gozo á privação mais dura!....
 A minha alma gemeu—e o seu gemido
 Era queixoso, magoado, afflicto.

Assim o naufragante que fluctua
 Arrimado aos fragmentos do navio
 Vendo sobre o horisonte branca vela;
 Estende os hirtos braços—transportado,
 Ri—chora ao mesmo tempo saudando
 O salvador baixel—mas eis que aquelle
 Tomou diverso rumo—foi... somiu-se....
 Ah! é triste lembrar a dor—a angustia,
 A afflicção—a agonia, que revelam
 Os gemidos do naufrago—e seu pranto.

Por emoções tão fortes abalado,
 Assim eu dice, triste, vacillando:—
 —« Não, meu Deus, não amais a creatura,
 —Porque no valle de miseria e dores,
 —Não lhe dais uma vez—uma somente,
 —A ventura de ver a vossa face. . . .
 —Perdão, Senhor, se digo uma blasphemia. »

—
 Já o officio divino findára
 Os fieis já do templo sahiam:
 Encostado á columna eu ficava
 Onde todos passando, me viam.

E eu fallava comigo, dizendo:—
 —« Sou eu sò quem duvida? é possível
 Que algum d'esses não pense o que eu penso,
 Adorando a um Deus invisível? »

Ao prestar-lhe os humildes tributos
 Do seu rosto eu não veja a expressão,
 E si os votos e preces acolhe
 Favoravel e prospero, ou não?

Recebendo as caricias do filho
 Um bom pai que prazeres não goza?
 E as caricias do filho redobram
 Si a face paterna sorri carinhosa.

Occupado com taes pensamentos
 Vagaroso do templo sahi:
 A alta porta fechou-se rangendo,
 E eu a turba devota segui.

D'uma aurèola diaphana cercado.
 Com benigno sorriso me observava
 Inclinação a cabeça; a mão sinistra
 Sustinha sobre o peito—e pelos hombros
 As longas tranças d'ouro lhe ondulavam
 Da cor da fina tela fluctuante
 Que lhe cingia as formas tão graciosas
 Como as formas dos anjos.

Eu quedo e mudo em frente, então sentia
 Encontrados affectos que o seu gesto
 Temor e confiança me inspiravam.
 Mui cheios de doçura eram seus olhos,
 Mas o seu puro brilho tão intenso,
 Que os meus fitar-se n'elles não podiam:
 Eu queria fallar-lhe mas a lingua
 Senti atada e preza:—fiquei mudo.

Mas elle erguendo o braço assim me dice:—
 —« Insensato mortal o que pretendes?
 Olha este grande quadro e livro aberto
 Que á vista te appresenta o Ser Supremo!
 Contempla, lê, medita, admira, pasma!
 N'elles não vês de um Deus a Omnipotencia?
 N'ella não vês a Deus? Tantos prodigios
 Como existir sem elle? O quadro, o livro
 Sem Pintor, sem Author existir podem?
 Porem, louco mortal, se tú poderas,
 Tu, porção vil da terra ver a Face
 Do Glorioso Jehovah Omnipotente,
 Outras duvidas, dize! outros dezejos
 Teu revel coração não concebêra?

Somente ao Protophasta fôra dada
 Essa suprema dita sobre a terra:
 No seio da innocencia, claro e puro,
 Anjo puro era Adão—homem não era;
 Miseravel cahiu—deixou de sel-o,
 Seu peccado o privou d'essa ventura.

E tú, filho de Adão, tão réo como elle,
 Sabes que em vão desejas, em vão rogas
 Essa graça eminente, em quanto trazes
 No mortal involtorio a immortal alma.
 Humilha-te ante o Deus Tres Veves Sancto,
 Louco filho de Adão, prosta-te, adora-o. »

Dice, e des'pareceu.

O som da sua voz suave, meiga,
 Ind'hoje nos ouvidos me resôa:
 Tão doces inflexões ouvir-se podem
 Só nas boccas dos anjos.

Nesse instante accordei—ah! fora um sonho;
 Porém um sonho vão, não foi, por certo.

IV

E nova luz me esclareceo a mente,
 De então, Senhor Meu Deus, em toda a parte
 Eu vos acho e vos vejo em vossas obras.

Perdão, Senhor, perdão, eu egoista
 Só para mim pedia uma ventura
 Que a todos os mortaes é denegada.

A Natureza toda é hymno infindo
 Que louvores perennes vos entoa,
 E co'os paineis sublimes e fallantes
 Que do—nada—tirou vossa Palavra
 Vosso—Fiat—creador, imperioso,

Sem cessar altamente preconiza
 No Céu, no Mar, na Terra Vossa Gloria
 Vossa Sabedoria e Omnipotencia.

—

Dize, Atheo pertinaz, errado, cego,
 Qu'ao acaso, á materia attribues tudo,
 Que é o acaso, que personalizas
 E fazes intervir nas mil mudanças,
 Combinações e estados da materia?
 Dizei, Atheos, dizei, Materialistas,
 Existiu a materia de si mesma?
 É necessaria, intelligente, eterna?
 Dotada de infinita actividade?
 De essencial, intrinsecca energia?
 O movimento é proprio da materia?
 Ou procede dos *atomos eternos*
 Que ó tú, Epicurista, concebeste
 No *Vasio infinito*, e que arranjaste
 E os *principios phisicos*, soberbo?
 E tú, Spinozista, não confessas
 Como causa Efficiente do Universo
 Uma *substancia universal, eterna*,
Espirito e materia ao mesmo tempo?!...
 Materialista, Atheo, Spinozista,
 Vosso Deus em mil formas se appresenta,
 Mil incidentes soffre, mil mudanças:
 É páo, pedra, agua, fogo; bruto, e homem;
 É metal, terra, vento, nuvem, gelo;
 Duro, brando; alvo, negro; quente, frio!...

Vós todos, ó Sophistas delirantes,
 Sectarios d'absurdissimos systemas,
 Que buscaes infiltrar na Sociedade
 D'essas negras doutrinas o veneno,
 E propagar os vossos desvaneios,
 Em vão subtilizaes—mui alto sôa

O grito da Razão e Natureza.

Não ouvis uma voz que vos crimina,
Accusa, morde, quando enraivecidos
Co'o pé feris a terra, e duvidosos,
Atrevidos dizeis:—« Deus não existe? »—

Negaes, debalde, o Creador do Mundo,
O Ente necessario, Inteligente,
Perfeito, Sabio, Eterno, Indivisivel,
Distincto da sensivel Natureza,
Existente de toda a Eternidade,
Que a materia criou, que deu-lhe forma,
Movimento lhe deu, ordem constante,
Leis immutaveis prescrevendo a tudo;
Que hade reger o Mundo como o rege,
E o bando dos atheos debalde *ladra*.

Uma Sociedade imaginemos

Só composta d'Atheos—e que resulta?
—Sem Deus que distribue a pena, o premio,
Desordem, confusão, somente vejo,
Desespero—tristeza—horror—desgraça—
Que haverá de sagrado e respeitavel?
Que leis se podem dar que se executem?
Que freio ao crime, que remorso ao vicio?

Sociedades sem laços, é chimera;
Sociedade sem Deus—que fundamentos,
Que laços e que apoio reconhecem?

Sem religião, sem Deus, não resta ao homem
Consolação e amor, luz e esperança;
Que esses suaves bens tão necessarios
Só de Deus podem vir—só de Deus nascem.

Vem cá, contempla, Atheo, as maravilhas
Que sobre o nosso Globo se descobrem
Que variado espectaculo, que riquezas!

Contemplaadmira os animaes, as plantas,
 Da bella Natureza segue a marcha,
 Perscruta, indaga os phisicos arcanos,
 As mudanças observa, que padece
 A materia passiva, cega, inerte:
 Nada no mundo existe sem destino;
 Tudo é perfeito em si, tudo admiravel,
 Desde o elephante enorme até á mosca
 Do pequizeiro altivo até ao musgo:

Ergue os olhos ao Céu. No immenso espaço
 Rolam milhões de globos rutilantes:
 Tem cada qual seu curso invariavel,
 Obedecendo ás leis que lhe imposera
 A Suprema Divina Intelligencia.

E quando os ares tolda a espessa nuvem,
 E cahe a chuva que fecunda a terra,
 E a terra co'o calor vivificante
 Que dos raios do sol sobr'ella emana,
 Brota do fertil seio mil riquezas
 E variados dons com que premeia
 O activo agricultor—si tu desfructas
 Esses bens, esses dons, a quem daes graças?
 Para onde ergue as mãos, Atheo ingrato?
 Si esses dons, esses bens tu não creaste?
 E si estoura o trovão e o raio brilha
 Que te pode tornar em cinza, em nada,
 Supplicas ao *acazo* que te livre
 Da ignifera *materia* formidavel?

Penetra nos Sertões d'África ardente,
 E as invias solidões do Novo Mundo;
 Vai ás remotas Ilhas da Oceânia,
 Ao gelado paiz dos Groelandezes:—
 Homens da Natureza ali habitam
 Entre esses homens acharás ideias
 Da Divindade e da futura vida;

Crença geral—irrefragavel prova
 Que Deus deixou no coração dos povos :
 Quererás debellar com teu capricho
 Um sentimento universal, constante ?

Pergunta à tua propria consciencia,
 Ouve a voz da Razão—depois duvida .

—
 Meu Deus, Senhor Soberano, eu vos confesso,
 Creador do Universo, eu vos adoro ;
 Méta sublime d'alma, eu vos desejo.

Si algum dia, Senhor, abrindo a bocca,
 Frias deprecações eram as minhas
 E mudo o coração : fallava a bocca,
 Depois me vi mudado e differente.
 Meu coração se encheu por vós de affectos,
 Fallou e orou sincera, ardente, grato :
 Quand'eu m'elevo a vós minh'alm'eu sinto
 Alegre, prasenteira, jubilosa,
 Como um hymno de amor terno, saudoso ;
 Sinto descer sobr'ella e derramar-se
 Doces consolações que a fortificam.

Meu Deus, Bondade Summa, eu dou-vos graças
 Por me terdes creado á Imagem Vossa.
 Decrepito abatido, eu vejo perto
 E bem perto o sepulchro...venha a morte!... .
 Esse transe fatal, transe terrivel
 Gostozo encararei—com elle espero
 A ventura de ver-vos, pois é certo
 Que á minh'alma immortal guardaste um pouso
 Perto de vós, ó Deus! na etherea estancia
 Quando o meu corpo sob a terra fria
 Desça a dormir o somno dos finados :
 Doce consolação ! doce esperança !

MOTTE.

Amigos, vamos com geito
 Sulcando este mar do mundo,
 Boa viagem tenhamos;
 Não vá o navio ao fundo.

GLOSA.

Nossas velas desfraldemos
 Aproveitemos a aragem
 Emprendamos a viagem
 A bonança aproveitemos,
 Porque ámanhan não sabemos
 O que de nós será feito:
 De tudo tira proveito
 Aquelle que é cauteloso;
 E pois que o ir é forçoso,
 Amigos, vamos com geito.

Este mundo é largo mar,
 Somos todos navegantes
 Co'os ventos sempre inconstantes
 E co'as ondas a lutar;
 Nossa vida é trabalhar
 Neste exercicio injucundo:
 E em viver tão vagabundo
 Sempre entre sustos estamos
 E entre perigos andamos,
 Sulcando este mar do Mundo.

O Céu nos seja propicio
 Que nos livre das procellas ;
 Mas quando chegarem ellas
 Façamos o nosso officio.
 Ao ver-se o funesto indicio ,
 De valor nos revistamos ,
 As mãos á obra mettamos ,
 Ferrem-se os pannos a Não ,
 Passado esse tempo máo
 Boa viagem tenhamos.

Já perto do nosso porto ,
 Que inda não nos fica perto
 Um grande perigo é certo ,
 Mas Deus nos dará conforto.
 Ali o mar não é morto ,
 E surgem mil do profundo
 Rochedos onde iracundo
 Bate e brame viva guerra.....
 Oxalá que ao ver a terra
 Não va o navio ao fundo !....

BIBLIOTHECA PUBLICA
 do
 ESTADO DO MARANHÃO

EPIGRAMMA.

De espertalhões que estudam
 Em viver á custa alheia
 Ha no mercado abundancia
 Delles a praça está cheia.

QUEIXUMES.

Houve tempo em que eu pensava
 Ser objecto d'afeição
 D'uma mulher a quem dera
 Meu sensível coração

Essa mulher que eu amava
 Com puro sincero amor
 Eu a chamava o meu anjo ,
 Meu seraphim , minha flor.

Tem ella o rosto d'um anjo ,
 O meigo olhar , a vós pura ,
 E tem da flor a belleza ,
 A graça , o mimo , a candura.

E essa mulher que fingida
 Meus juramentos ouviu
 Tambem jurou sempre amar-me ,
 Essa mulher me illudio.

Quando eu recebi os seus votos
 De sempre ser-me fiel
 Julguei , em fim , que era amado
 E acreditei a cruel.

A falsidade , a mentira
 Pode os seus labios manchar ,
 Jurando , amante não era ,
 E foi mulher no faltar.

Ingrata ! que em minha vida
 Vêo de tristeza lançou . . .
 Ingrata ! que os meus affectos
 Tão cedo e tão mal pagou !

Nesse peito deshumano
 Julguei amor encontrar ;
 Mas um coração de fera
 Não foi feito para amar.

N'uma illusão eu vivia ,
 Já se desfez a illusão ;
 Quizera esquecer a ingrata
 Mas ah ! que o não posso , não.

Já que a perfida , tyranna ,
 Por outro deixar-me quiz
 Vá . . . os Ceos ouçam meus votos
 Seja ella sempre feliz.

EPITHAPHIO.

Na sepultura de um medico
 Esta lenda se escreveu :
 —Para bem de muitos doentes
 Este medico morreu.

MARIA.

A NOVA SAPHO.

TRADIÇÃO DO MUNIM.

I

Souven telle demeurait immobile sur
le rivage de la mer, qu'elle arrosait
de ses larmes.

Fenelon.

Sobre uma pedra elevada
Que se vê na rebanceira
Do Munim á fresca sombra
Da copada engaraneira ;

Em um logar onde o rio
Rápido vai sussurrando
Entre espantosos rochedos
Espumoso, marulhando ;

Vinha de tarde sentar-se
Moça estrangeira mimosa
Tão interessante e bella
Como triste e desditosa.

Na mão a face encostando
 Em reflexões se abysmava ;
 Da parte da fós do rio
 Seus olhos não apartava.

E immovel—meditabunda
 Uma estatua parecia ;
 Bem que não nas muitas vezes
 Que amargo pranto vertia.

A languidez de seus olhos,
 E do seu rosto o palôr
 Em seu peito annunciava
 Concentrada acerba dor.

Os seus ardentes suspiros
 Continuo se misturavam
 Aos das brandas auras leves
 Que em torno d'ella adejavam.

E traziam-lhe os perfumes
 Das flores campanuladas
 De enredosas trepadeiras
 Sobre a margem debruçadas ;

Ou da candida açucena
 Ou de outras flores vistosas
 Que tornam tão pintorescas
 Essas margens deleitosas.

Porem nunca uma flor d'essas
 A desgraçada apanhou ;
 Nenhuma por mais formosa
 Os seus cabellos toucou.

E nem lhe importava o canto
Do sabiá terno, amoroso
Que junto ao ninho cantava
Sobre o pardo tronco annoso.

Porque indifferente a joven
A tudo quanto a cercava,
Parece que só vivia
Para a dor que a lacerava.

Ais lastimosos frequentes
D'entre os seus labios partiam,
Que amarguras que pesares
Que desgostos exprimiam.

Vozes eloquentes d'alma
Com que a interna paixão
Rompe em suspiros de fogo
Como a lava do volcão.

E nessas horas saudosas
De suave melancolia
Sempre para o terno amante
Cheias de doce magia.

A joven sempre ali estava
Sempre no mesmo lugar :
Uma tarde lá a deixava ,
Outra tarde a vinha achar.

Na mão a face encostando
Envolta em melancolia ,
Immovel, triste, scismando
Uma estatua parecia.

Mas si da fóz para a banda
Barca ou canoa avistava,
Sempre julgando que n'ella
Vinha quem ella esperava ;

Do seu lethargo volvia
A desconhecida bella
E um sorriso d'esperança
Passava nos labios della.

« É elle ! é elle ! » dizia
Com alvoroço e effusão ;
E em seus desmaiados olhos
Brilhava a satisfação.

E perguntava anciosa
Aos passageiros e arraes
Por Mauricio, ingrato amante
Que não devia ver mais.

Mas ninguem lhe dava novas
D'esse Mauricio traidor ;
De novo a triste ficava
Esmagada pela dor.

Muitas vezes da amargura
Seu coração no transporte,
Sentia despedaçar-se,
Sentia visinha a morte.

O seu alivio era o pranto,
Chorava a infeliz, chorava
Esperando era illudida,
Porem de novo esperava.

E quando a copia brilhante
 D'estrellas juncava o céu,
 E a negra noite estendia
 Sobre o rio o denso véo,

Voltava ao tecto hospedeiro
 Do lavrador virtuoso,
 Onde achára um agasalho.
 Dedicado, e caridoso.

Cinco semanas passaram,
 Maria as passou assim.

II

Ergo ubi concepit Furias evicta dolore
 Decrevit que mori.....

Virg. A En.

Dirão os naturaes e os estrangeiros,
 Ali morreo Palemo! Ai triste historia
 Guardae a não dali, ventos Ligeiros
 Camões. Egl.

Mas um dia...oh! que dia funesto!...
 Esta historia é cruel recordar...
 Malfadada...morreste, ó Maria!...
 Ah! não sei como o possa contar.

Já seus pallidos ultimos raios
 No horisonte purpúreo lançava
 Sol d'outono, e atravez da floresta
 Que margina o Munim se occultava.

Eis que em baixo na volta do rio
 Uma barca pequena assomou,
 E Maria, assentada na pedra
 Transportada, em a vendo ficou.

Dous remeiros robustos remavam,
 E a canoa corria ligeira;
 Parecendo que a face das aguas
 Mal tocava na sua carreira.

E volteiando por entre os rochedos,
 Onde o rio espumando mugia,
 Onde em vortices a agua girava
 A Canoa ligeira corria.

E na prôa, mancebo elegante
 Que este quadro pomposo observando,
 Bem mostrava temer o perigo,
 Que o estava em redor ameaçando.

E Maria, que em pé, sobre a pedra
 Ser o Ingrato Mauricio pensou
 Com seu branco lencinho accenando,
 Por—Mauricio—tres vezes chamou.

E elle agita de lá o seu lenço
 E ella, louca, accenava de cá;
 Impaciente em delirio chamando:
 « Ó Mauricio, Maria aqui'está! »

O mancebo respondeu-lhe: « Ó Senhora!
 Sois vós mesma que eu venho buscar! »
 «—Essa voz... oh! meu Deus!... não é d'elle,
 Pois a d'elle, é mais doce ao vibrar... »

«—Não é elle!...» diz ella gemendo,
 E não pode dizer nada mais:
 Recahio da amargura no abismo,
 Na afflicção nos tormentos mortaes.

Junto a pedra já está a canoa...
 Já o joven sobre ella saltou
 E Maria pasmada o contempla
 E elle, mudo, observando-a ficou.

E depois que entre anciados soluços
 Triste pranto copioso verteo:
 Aliviado sentindo seu peito,
 Assim ella o silencio rompeo:—

«—Donde vens, Felisberto, onde vais?
 Si me buscas que vens me contar!—»
 «—Tristes novas, Senhora, vos trago;
 Perdoae, foi mister vol-as dar!—»

«—È notorio que o moço Mauricio
 Vos raptou, vos mandou cá trazer;
 Promettendo de logo seguir-vos,
 Vosso esposo jurando de ser.

«—Vós o amais, e...perdoae-me, Senhora,
 Vós lhe destes taes provas d'amor,
 Que o só nome de esposo podera
 Relevar o seu crime ao traidor.

Mas já ser vosso esposo não pode
 Pois Mauricio ha dous dias casou...
 Vosso Pae jaz no leito de morte,
 Vosso Tio a buscar-vos mandou...

A infeliz oprimida d'angustia
 Um gemido magoado soltou
 Como a corda d'uma harpa sonora
 Que por tensa de mais se quebrou.

E convulsa, com impeto, ergueo-se
 Seus freneticos olhos curvando
 No mancebo assustado, e d'est'arte
 Com a dextra no peito fallando.

«—Eu, ingrata deixei a meus Paes
 Porque amei um perjuro um traidor...
 A meus Paes... que ultrajei... filha indigna
 Eu de vel-os não tenho valor!

Minha historia funesta se saiba,
 Mas meu pejo não veja ninguem...
 Vai-te embora, correio sinistro;
 Vai contar minha morte tambem...

Vai dizer que essa misera filha,
 Que essa amante ultrajada morreu,
 Maldição... maldição sobre o ingrato,
 Maldição... e da terra e do céu.»

Isto disse, e de um rapido salto
 Na corrente a infeliz se arrojou;
 Felisberto na ponta da pedra
 D'horror cheio, assombrado estacou! . .

III.

Dentro do peito geme esta alma minha
 Lastimada e doida do impio caso
 Do successo cruel e fim tão triste
 Que aqui guardado estava a tal belleza.
 Corte Real. Nauf. de Sepulv.

Maria, Maria! tão joven, tão bella,
 Mas tão malfadada!
 Tu victima ingenua do amor e do engano
 Immerita sina te foi destinada.

Humilde nasceste na pobre morada,
 De pais virtuosos
 E a luz de seus olhos, seu mimo tu eras,
 Seus dias cançados fazendo ditosos.

Em quanto ignorada viveste em retiro
 Nos lares paternos crescias donosa,
 E pura, innocente, modesta e sensivel
 Bem como no campo florsinha mimosa.

Amaste, ó Maria! que mais dizer posso?
 Que n'alma sensivel extremo è amor;
 E amor que ameniza embelleza a existencia
 Mil vezes lhe verte lethal amargor.

—
 Novo Phaon seu amante
 Á Maria abandonou,
 Nova Sapho a desgraçada
 Em desespero acabou.

Uma tradição constante
 Esta historia transmittiu
 E sobre essa mesma pedra
 Uma alta cruz se erigiu.

E dizem que em certos dias
 Pouco antes de o sol se pôr
 Se ouviram ali gemidos
 E ais, que causavam pavôr.

Um sitio e casa de campo
 Ali se vem hoje em dia :
 E ainda a cruz se conserva
 Chamada—a Cruz de Maria.

Vós ó corações sensiveis
 Uma lagrima votae
 Á memoria da infelice
 Vendo a Cruz e a pedra, orae.



QUEIXUMES.

Oh! tu que me tens captivo,
 Por quem eu morro,
 Por quem eu vivo
 Dai-me socorro.

E si tens um coração
 Sensivel, terno
 Tem compaixão
 Do meu eterno,
 Meu doloroso penar.

Já vivo magro
Só de chorar
Té me envergonho
De te contar.

Na minha casa
Moro n'um canto ;
Meus olhos seccos
Já não tem pranto.

E quando durmo
Nunca desperto :
Sonhar é certo
Sempre contigo.

Dos instrumentos
Flaúta prefiro
Pois quando toco
Por ti suspiro.

Não visto roupa
Si não gomada
Pois para gomas
És delicada.

Em tudo mostro
O quanto te amo
Se em ti me fallam
Por ti me inflamo.

A MOÇA E A BORBOLETA

Em manhan clara e serena
Por uma vargem amena
 Passeava,
 Divagava
Uma donzella formosa :
Eis vio voando adiante
Borboletinha galante
 E curiosa,
 Cubiçosa
De a colher—lá vai traz d'ella...

Para um para outro lado ,
Vai o lindo insecto alado ,
 Adejando ,
 Volteiando ,
E balda os passos da moça :
Que segue ligeira , ardente
Aqui—ali—deligente
 A esquiva
 Fugitiva
Sem que dar-lhe alcance possa.

Ora a volatil travessa
Se libra sobra a cabeça
 Da donzella ,
 E junto a ella
Paira , gyra folgazan :
E a menina ora correndo
Os seus braços estendendo ,

Ou saltando ,
 Voltas dando ,
 A persegue com afan.

Ora o insecto pousava
 Sobre as flores que encontrava
 E engraçado ,
 Namorado ,
 Seu calix beijar queria :
 Vinha a moça cubiçosa ,
 Pé—ante—pé—cautelosa ,
 E ao tocal-a
 E ao pegal-a
 A borboleta fugia.

Já cançada estava a môça
 D'este continuo lidar ,
 E sobre a mimosa relva
 Se assentou por descansar.

E d'ali saudosas vistas
 Pela campina alongando
 Via a linda fugitiva
 Já n'uma flôr—já voando.

Até que em sombria selva
 D'ali mui visinha , entrou ;
 E a joven que a viu sumir-se
 Co'um suspiro assim fallou.

« Engraçadas borboletas
 N'este prado vejo mil
 Todas trajam lindas cores
 Mais nenhuma tão gentil.

Ah! que se eu azas tivera,
 Tu não zombaras de mim;
 Eu te seguira nos ares,
 Eu te prendera por fim.

Mas que importa? és uma ingrata
 Que vagas de flor em flor,
 Todas beijas, todas deixas,
 Sem saudade, sem amor.»

BIBLIOTHECA PUB
 do
 ESTADO DO MARANHÃO

ODE.

Á AMISADE.

Alter ego.
 Cic.

Celigena Amisade, união suave
 De duas almas genial cadeia,
 És mais um bem que o homem gosar pode
 Neste valle de dores.

Equivocos affectos não inspiras,
 Nobre, pura, e sincera resplandeces:
 Roubar não podem teu character puro
 Simulachros ficticios.

Um verdadeiro amigo! ah! quem me dera
 Esse thesouro achar tão suspirado,

Um irmão pela mutua sympathia,
Pelo affecto sincero;

Um ente que sentisse o qu'eu sentisse,
Que o meu prazer e penas partilhasse.

O CANTO DO SELVAGEM.

■

Minha bella Aynaré, vem: ah! não tardes,
Ha tanto que te espero, amada minha!

O Sol nasceu e eu vejo já seus raios
Que do alto guanandi brilha nas ramas
D'esque cantou saudosa a sururina
E o jacú adejou dentro do bosque
Annunciando a manhan, que alvorecia;
E o picapão bateo no cavo tronco
Com seu bico mais duro do que a ponta
De duro sassafraz de nossas flexas,
Aqui vim te esperar, ó minha amada!
Ninguem nesse arraial ha muito dorme,
Nem mais um passarinho entre esses ramos
Co'a cabeça entre as azas mais repousa,
E nem um só morcego crusa os ares.

Minha bella Æynaré, vem: ah! não tardes,
Ha tanto que te espero, amada minha!
Vem ver o amanhecer como é formoso,
Vem ver como soberbo se levanta
O grande manitú, que gera o dia,
Espalhando seus fogos tão brilhantes
Nos montes, campos, lagos e florestas.
E essas nuvens que ha pouco pareciam
O pardo, espesso fumo que de tarde
Cobre o nosso arraial quando contentes
Cosinhamos a caça—ora parecem
Da côr formosa do urucú tingidas:
As estrellas brilhantes se sumiram
Fugindo ao ver manitú soberbo,
Como o bando de pombas temerosas,
Quando o gavião real ao longe avistam.
Oh! como elle se ri! e o seu riso
É como o do guerreiro victorioso,
Que não vê sobre o campo que ganhara,
Guerreiros que o excedam, e o intimidem.

Formoso manitú, onde deixaste
A bella Esposa tua? Acaso, dize,
Não é digna que a tenhas a teu lado,
E de dia e de noite? Não merece
Um terno olhar, um amoroso beijo
E andar a par de ti pelas campinas
Do ceo por onde vais? Ella somente
E digna esposã de tão bello esposo.
Onde a deixaste pois? Hontem á tarde
Eu a vi melancolica, vagando

Por esse campo azul , de nuve'em nuvem
 Teus passos seguindo , quando havias
 Escondido o teu rosto atraz da selva ,
 E tú della fugias , ó tyranno !
 Como de moita em moita em nossos campos
 Procura a ema o par extraviado
 Ou que a flexa ferira. Assim tua esposa ,
 Ó manitú ingrato ! Ella tão linda , e
 Meiga em sua tristeza ; ella te adora
 Mesmo ingrato como és . . . Ah ! não lhe fujas
 Que si eu *pudera dar* áquella que amo
 Esse nome tão terno , eu não tivera
 Tão duro coração—nunca a deixava.



Minha bella Aynaré , vem ah ! na tardes,
 Ha tanto que te espero , amada minha ;
 Vem , meu primeiro amor , ó mais formosa
 Das cunharés da nossa grande aldeia.
 Esta varzea vem ver como está linda !
 Cobrem o prado mil formosas flores ;
 Colibris e engraçadas borboletas
 Voam em torno a ellas diligentes ;
 Lá por entre o juncal d'aquelle lago
 As marrecas passeiam , brandamente
 Á tona d'agua clara—e pelos ares
 Vão bandos de coráos , buscando alegres
 Esse guabirabal , donde eu te trouxe
 Um cofo cheio de mimosas fructas.
 E estes passaros verdes , galradores ,
 Mesmo no ar os prèa aguda flexa ,
 Que enviou meu certo e forte braço.
 As pardas andorinhas pipitando

Baixando o vôo, molham na agua as azas
 E dão caça aos bichinhos de que gostam.
 Cantam as pequapás, a torcáz geme
 E a nambù lá do matto lhe responde,
 Immitando o borà dos caçadores.
 O brando ventò agita o capim puba
 E os juncos da lagoa, parecendo
 Ondas do grande lago bonançoço ;
 E lá, da parte opposta vêm se os cachos
 De roxo buriti, e as jussareiras
 Que o negro cacho offrece bem maduro
 Para a doce bebida de que gostas.
 Vem, amada Aynarè que em tua ausencia
 Nada me dá prazer.—Vem, ah! não tardes,
 O coração fervente do Guerreiro
 Só pode junto a ti ser venturoso,
 E viver junto a ti somente aspiro ;
 Mas si alguem é contrario ao amor nosso,
 Si alguem se atreve a oppor-se á nossa dita,
 Tenho pesada massa com que affronto
 As feras mais terrives desses bosques ;
 Tenho robusto braço—e bem provido
 Está o meu carcaz : si d'elle a flecha
 Tiro, se a ponho no arco—ai! do guerreiro
 Contra quem se moveo meu braço armado!
 Ai d'elle! que si o vejo alem dos campos,
 Lá onde a emma um jassanan parece,
 Sem urucù, com a ponta d'esta flexa,
 De côr vermelha vou tingir-lhe o corpo!...

I V

Minha bella Aynaré por que me tardas?
 Ha tanto que te espero, amada minha;
 Vem meu primeiro amor, ò mais formoza
 Das cunharés gentins da nossa aldeia.

Eu vou flores colher por este prado,
Para fazer-te uma engraçada c'róa
Que eu mesmo te porei na altiva fronte:
Que te ha de dar a palma entre as mais bellas.
Minha bella Aynaré, não ha quem possa
Meu coração amante disputar-te.
És mais galante e esbelta que a palmeira
Que se ergue magestosa na campina;
Teu andar tão faceiro, tão galante
Como o das jurutis quando passeiam
Entre os boritizaes, no brejo verde.
Tua pequena bocca mais mimosa
Que a flor do mar'cujá quando aljofrada
Do orvalho da manhan: tuas palavras
Mais doces do que o mel que pela selva
Nos ôccos troncos a uruçú frabrica;
Brandas como o sussurro da corrente
Do cristalino placido regato.
E si cantas, Aynaré! ah! eu te juro,
Ainda não ouvi voz como á tua,
Só te pode igualar cantando a virgem
Que si diz encantada em nossa fonte.
Teus olhos são tão lindos como estrellas,
Ferem os corações bem como as flexas,
E as suas flexas tem veneno doce
Que doe, mas sem ferir que mate logo:
Não sei o que em meu peito tenho ao ver-te,
Que só quando te vejo me contento,
E ausente de teus olhos não socego.
Si o guerreiro saudoso a voz desprende,
Ou á sombra sentado, ou pelos bosques,
O seu canto é d'amor—é de saudade,
E o seu canto d'amor a ti somente,
A ti, bella Aynaré, deseja e louva.

V

Minha bella Aynaré, porque me tardas
 Ha tanto que te espero, amada minha,
 Vem meu primeiro amor, ò mais formosa
 Das cunharés gentis da nossa aldeia—
 Vem que te chama ancioso, e te deseja
 Quem de saudade e amor por ti suspira
 Como a rôla pedrez da amena varzea
 Quando ao lado não vê o par querido;
 Como o grande tapis deseja a fonte
 Quando o ferio a rechinante flexa.

VI

Debaixo desta erguida mamoirana
 Hontem me prometteste vir fallar-me
 À hora em que o mutum roncar costuma.
 A morte é um grande bem,
 Essa hora já passou e o sol vai alto
 E quem o contrario pensa,
 E tu bella Aynaré, não appareces,
 Precisas um caustico na nuca;
 Em vão te chamo em vão estendo a vista,
 Porque a loucura é doença,
 Pela varzea, entre os troncos d'este bosque,
 Não te vejo não te ouço!...
 Quando a morte me chegar
 Minha bella Aynaré vem, vem não tardes,
 Alguem nisso hade lucrar;
 Ha muito que te espero amada minha.

Porque todo o mal é bem ,
 Que n'elle aproveita alguém ;
 Talvez a minha seja tão bem cedo ;
 Mas no entanto chuchem no dedo !

— — —

O ADEUS.

Adeus , adeus , ó Lisbella ,
 Que eu me vou longe d'aqui ;
 Deixo a patria e nella deixo
 Tudo quanto possui.
 Mar em fóra , estranhas terras ,
 Novos climas vou correr ;
 Entre saudades gemer
 Pela patria e mais por ti.

Pois que assim o quer meu fado ,
 Minha bella que farei ?
 Eide ser bem desgraçado ,
 Mas meu fado cumprirei.
 Lá me vou por esse mundo ,
 Não sei que será de mim ,
 Talvez não volte á patria emfim
 Ou là morto ficarei. —

Não basta que a desventura
 Me roube a terra natal ,
 Da tua ausencia a amargura ,
 Augmenta a dôr do meu mal

Vou viver em meia vida
 Sem alegria e prazer ;
 Vou no exilio languescer ,
 Na ausencia dura , mortal.

Qual planta , que o viajante
 A estranha terra levou :
 Que no solo não amigo
 Viveu triste e definhou.

Assim serei , ó Lisbella ,
 Quando me vir apartado
 Do meu Brazil tão amado
 De quem já fugindo vou.

Quando olho para esta praia,
 E vejo esse mar immenso ,
 O meu coração desmaia
 De magoa fico suspenso.

Que desolação , que penas !
 Quando a patria se sumir ,
 Quando o navio fugir
 No liquido campo immenso.

Quem sabe si a má ventura
 Já não me está preparando
 Nesse abysmo a sepultura ,
 E a ella me está chamando.

Quem sabe a estranhas praias
 Meu cadaver arrojado ,
 Insepulto e lacerado ,
 Será pasto a negro bando

Si ao deixar-te ó patria amante
 De dôr me sinto estalar ,
 Que será quando distante
 Tantas leguas alem-már ! . . .

Si ao despedir-me , ó Lisbella
 Se me quebra o coração !
 Que dôr , meu Deus ! que afflicção
 Longe de ti vou coar ! . . .

Deixar-te , ó patria querida ,
 E a ti Lisbella é forçoso . . .
 Chegou a hora temida
 D'este adeus amargoso.

Adeus Lisbella querida
 Lembra-te d'um desgraçado
 Ao exilio condemnado,
 E só d'amor criminoso.

—

A INGRATA.

Junto a este claro arroyo ,
 Que murmurando serpêa
 Por entre toscos seixinhos
 Em leito de branca areia ;
 — Á luz argentea da lua
 Que o claro azul ceo vaguêa ,
 E ao tenue gemer da brisa
 Que o bosque umbroso folhêa ;

Venho exhalar minhas queixas ,
 Contra o meu destino ,
 Á doce brisa , á alva lua ,
 Ao regato cristalino ,

Contra a minha estrella infausta,
 Por cujo influxo maligno,
 Amor prendeu-me a uma ingrata,
 Ou—mais que amor,—desatino!

Dos òlhos seus a doçura,
 Meiga, celeste expressão
 Mostrou-me amor por vencer-me,
 Venceo-me sem dilação?
 E quem resistir podera
 Dos seus olhos á impressão?
 Quem do sorriso fagueiro
 Á angelical seducção?

Que pejo pois um vencido
 Si por vencido se deu
 Aos olhos tão lindos della
 Ao terno sorriso seu?
 Vi-os—perdi liberdade,
 A paz desapareceo;
 Meu mais não fui, todo d'ella,
 Nada mais tive de meu.

Mas nessas mimosas formas,
 N'esse todo encantador,
 N'esse rosto d'anjo ou fada,
 Cheio de puro candor,
 Que exhala attrativos e graças,
 Qual grato perfume a flor—
 —Nem flor, nem anjo, nem fada,
 Sim demonio seductor.

Quantos annos pela ingrata
 Entre loucuras perdi;
 Quantas insomnias por ella,
 Quantos desgostos curti!

Entre ais, suspiros, e dores,
 Desdens, despresos soffri,
 Te que—graças á constancia!
 A essa ingrata venci!...

Que eu a venci! Oh! que engano!
 Que dura amarga illusão!
 Que eu a venci! Não; cegou-me
 A louca, infeliz paixão!
 Jamais entrou n'esse peito
 Nem amor nem compaixão:
 Foi seu amor—fingimento;
 Sua ternura—traição.

Ouvi á falsa á tyranna
 Seus juramentos d'amor,
 Antes blasphemia,—mentira
 Essas promessas d'horror:
 Vi-me no cume da dita
 Sem apprehensão ou temor;
 Troquei por ais e queixumes
 Cantos alegres d'amor.

Longa durou a mentira,
 Longa foi minha illusão:
 A perfida emfim mostrou-se,
 Despida a simulação:
 Amor! Sua alma insensivel
 Amor não sentira! Não!
 Tudo perfidia em seus labios,
 Odio no seu coração.

Mulher! para amor formada
 E para objecto d'amor
 Que escondes com teus enganos
 Rosto tyranno traidor;

Despreso eterno em castigo
 Fora o castigo menor ;
 Para punir-te a perfidia
 Digna de todo o rigor.

Não mais sereno Regato ,
 Minhas queixas ouvirás ,
 Nem com meu acerbo pranto
 Teus christaes augmentarás ;
 Não mais pacifica Lua ,
 Meu triste choro verás ;
 Nem mais meus ais meus suspiros ,
 Meiga brisa , levarás .

BIBLIOTHECA PUBLICA
 do
 ESTADO DO MARANHÃO

EPIGRAMMA.

Um criminoso de morte
 Desd'a prisão vio passar
 Um Esculapio famoso ,
 E assim se poz a clamar :

« Por ter feito um homicidio
 Pena de morte me vem ;
 Quantas merecera aquelle
 Por tantos que feito tem ? ! »



MEDITAÇÃO.

O AMOR.

I

L'Amour n'a pas de sons qui puissent
l'exprimer :
Pour révéler sa langue il faut, il faut
aimer.

Lamartine. Meditations.

Amor! Amor! Que és tu? Es van palavra,
Que uma chimera especiosa exprime?
Mimosa criação da phantasia,
Que ella alimenta, que com ella morre?
Ou sonho encantador e fugitivo,
Ou pensamento vago mais brilhante
D'alma do Vate que voando ousada
Por um mundo ideal passeia errante
Fugindo ás nenias e aos pesares d'este?
Não; sonho vão não és, não és chimera,
Amor, somente amor pode explicar-te;
D'alma, e do coração concebo ardente
O que de doce tens, e o que tens d'agro,
Mas o meu coração não te compr'hende;
Nunca o fez palpitar teu mago influxo;
Teus encantos, amor, não hei provado;
Não libei até'gora a taça tua;
Não sondei teus arcanos, teus mysterios.

II

Quando em ti penso, amor, ouvido o amante,
 Que se diz venturoso em teu regaço;
 Que dias vê correr d'ouro, e de seda,
 Gosando premios teus, em ti seguro;
 Então te vejo co'as risonhas côres
 D'um prisma encantador maravilhoso:—
 —Poesia da vida, e seu feitiço;
 Do humano coração necessidade;
 Magnetismo suave, irresistivel,
 Celeste emanação, gostoso enlace
 Que duas almas—para amar nascidas,
 Unes por uma sympathia doce,
 Seu existir ligando em laços d'ouro,
 Cifrando n'uma só suas vontades,
 Que embellezando a flaccida existencia,
 Nova existencia estabeleces n'ella,
 Na aspera senda disparzindo flores.

Mimosa sensação d'alma do Vate,
 Que o arroubas, ameigas—que o inspiras,
 E que as intimas cordas vais vibrar-lhe
 Fazendo soar as notas mais tocantes,
 Expressivas, patheticas, sublimes,
 Que, si não foras tu, ficavam mudas.

Symphathica emoção da alma da virgem
 Timida e duvidosa—que a deleitas,
 Attrahes e tocas, punges e transportas,
 E no singelo coração lhe vertes
 Maviosas effusões, extasis doces,
 Que elia recebe e saborêa a medo.
 E dessa alma sensivel, innocente,
 O primeiro amoroso pensamento

É qual mimosa flor que a terra planta
 Entre os seus ramos vio nascer primeira,
 Debil, sim; mas tão linda e graciosa!
 Inda sem espinhos ao redor do caule....

«—Quem não sente d'amor o doce jugo,
 Vive; mas sem sentir da vida os gozos:
 Sua alma è harpa muda; e no seu peito
 Languido o coração palpita apenas:
 E a existencia vivida là se some
 No cáos do passado, e nem lhe ficam
 Doces recordações do que passara;
 Nem sonhos do futuro no presente
 Lhe virão afagar a mente ignava.
 E quem d'um puro amor não foi objecto
 No mundo vive só... triste isolado,
 Sem que seus soffrimentos e prazeres,
 Comparta, e que por elle se interesse,
 Morre!... e só bronzeo mercenario sino
 Hade em pesados sons chorar-lhe a morte!...
 Nem terá uma lagrima de saudade
 Para ir depositar-lh'a sobre a campa....
 Viveu; mas nem amou, nem foi amado;
 Morreu... lá jaz no olvido e sob a terra...

Eis o que ouvi d'amor-- e quem não o crêra,
 Como eu o cri, porque o ouvi mil vezes?

Paixão, affecto, ou extasi, ou delirio,
 Mystério fundo ou illusão e engano,
 Que ou ennobreces, ou aviltas o homem,
 Que a extremos de heróe ou louco o levas;
 Amor, não sei o que és; mas si em ti penso,
 D'essas formosas cores adornado,
 E de influencias tão fascinadoras,
 Ah! com prazer meu peito se dilata,

Meu coração alvoraçado pulsa,
 Phantasiando um porvir fagueiro e ledô;
 Eu entrevejo a aurora da ventura,
 E saborêa minha alma doce esp'rança...
 Eu te contemplo, amor, anjo descido
 Das ethereas mãsões cingindo ufano
 Uma aureola fulgente, vindo á terra
 Dar lenitivo á mizera Humanidade:
 Sem ti felicidade haver não pode,
 Pois do Eden os deleites reproduzes,
 E sob os passos teus pullulam flores:
 E tornas doce o mal, doce a tristeza,
 E a mesma dor contigo tem delicias...

Oh! então a existencia breve, fraca,
 Não é somente dor, soffrer somente,
 Nem só miserias, nem somente pranto:
 Deus, a virtude... e amor restam ao homem...

E si em meu existir eu vejo, eu sinto
 Um vacuo, oh! não importa, ind'has um dia,
 Has de occupal-o, amor, porque eu sou homem,
 Homem que tenho o coração sensível,
 Formado para amar... Esses momentos
 Que só tú dás, ainda não m'os deste,
 De gratas sensações e d'alma gozos,
 Não gozos materiaes, com que se aprazem
 Corações baixos, vis. Oh! dos que eu peço,
 Que cioso eu serei e avaro d'elles!...

Homem secco, insensível não blasfemes,
 Não desprezes o amor, não n'ô maldigas,
 Que elle crime não é—vai-te e prosegue
 Nessa existencia sem sabor, sem força,
 Que isolado e mesquinho a arrastras
 Como o espectro que passa no deserto!...

III

Eu te dssejo , amor , como o viajante
 No arido ermo d'Arabia , fatigado
 Deseja o fresco deleitoso oasis ;
 Qual planta que vegeta entre penedos
 Deseja a doce bemfaseja chuva.

A Deus pedi quizesse deparar-me
 Uma mulher sensivel , meiga e bella ,
 D'elevado pensar , de alma nobre ,
 Que este meu coração bem compr'hendesse ;
 E no seu coração , candido , virgem ,
 Inda estreme d'amor , dado á virtude ,
 Eu impulsos d'amor causar podesse ;
 Não fervida paixão—mas brando affecto ;
 Não fogo abrasader—mas doce chama ;
 Não profana affeição—mas tantos laços ;
 Que eu lesse o seu amor grave , mas terno ,
 No volver de seus olhos ,—que seus labios
 Me fallassem d'amor , e os não manchasse
 Negra mentira—enfim que respondesse
 Ao amor nobre , puro do meu peito
 Um amor como o meu no peito d'ella.
 Ella fora o meu anjo ,—a minha vida
 Seria toda sua e não passara
 Tão monotona e triste qual tem sido.

Resta o futuro ; eu me arremeço n'elle ,
 Por entre a densa treva entrever julgo
 Scenas mais animadas , mais tocantes ,
 Paineis mais gratos onde amor se ostente.
 Meu coração se apraz co'essas ficticias

Concepções bellas, e co'a esp'rança doce.
 Logo o futuro não será mysterio,
 E então? Prazer! Ventura! Ah! Quem podera
 Romper o véo impenetravel, denso,
 E avido ás fruições anticipar-se!...
 Mas que digo?!..Insensato! E se pesares,
 Só pungentes pesares me estiverem
 Em vez d'essas chimericas venturas
 Nesse porvir obscuro reservados! ?

I V

Amantes corações, sensiveis, ternos,
 Si paga um puro amor vosso amor puro,
 Vossa dicta cantae, que sois ditosos;
 Para vós é mais rica a Natureza,
 Seus quadros mais fallantes, mais sublimes;
 Mais seduções, encantos tem a vida.
 De mais galas a aurora se apavona,
 Tem mais bellezas a manhan serena;
 Tem meiguices a saudosa tarde;
 Do Sol fulgente os raios tem mais ouro,
 E mais graças nas flores esplandece,
 Mais suave é seu odor, mais aprazivel.
 É mais saudoso o suspirar da brisa;
 Mais queixoso o gemer da clara fonte;
 E mais solemne a solidão do bosque;
 Mais festivo o cantar dos passarinhos,
 Mais amorosa a musica profana,
 Mais solemnes os canticos sagrados,
 E mais mystica-uncção vos verte n'alma
 A oração que enviaes aos pés do Eterno.
 É mais formosa a lua que divaga
 Melancolica em céu limpo de nuvens,

Mais magestosa a noite , muda e grave ,
 Que veste gala e luto—o seu silencio ,
 Meditações mais ternas vos suggere ,
 Mais harmonia achaes , mais dulçor n'elle.
 Té as adversidades , a pobreza ,
 O exilio , a miseria , o soffrimento ,
 Perdem do seu agraz , e se amenisam ;
 Tudo emfim para vós tem novo aspecto
 E aspecto lisongeiro—aos vossos olhos
 E aos mais sentidos vossos , dominados
 Do magico prestigio que vos cerca ,
 Tudo radia amor , e o fala , e o canta.

v

Mas, si em ti penso, amor, havendo ouvido
 O philosopho rigido severo ;
 Ou o amante infeliz que só desgosto ,
 Em teu jugo encontrou então te creio
 Boceta de Pandora simulada ;
 Inflamado volção , voraz abutre ,
 Que o humano coração devoras , queimas ;
 Mel venenoso , amigo fementido ;
 Indomavel paixão , tyranna , cega ,
 Que a luz benigna da razão envolves
 Em negro espesso vèò ; que offusca , apaga.
 Que de gosos faminto para obtel-os ,
 Fera sedenta , calca aos pés tudo ,
 Destroes a paz serena e preciosa ,
 Atropelas a candida innocencia ,
 Assassinas a honra , sacrificas ,
 Religião e fê , pudor , virtude.
 Essas horas de goso—tão precario ,
 —Essa felicidade , momentanea

—Exhalação que mal brilhou se extingue.
 Perfido simulachro de ventura
 Que ceva o coração semacial-o,
 Sempre é d'acerbas dores precursora.
 Que te aprazes reinar entre os estragos,
 E com ais e gemidos te deleitas,
 E em lagrimas e sangue só te cevas,
 Quê te acompanham sempre por ministros
 A pallida tristeza, o frio, o susto,
 O mirrado ciume; a magra inveja,
 As suspeitas, os odios, a malicia. . . .
 Que és finalmente, origem de mil males! . . .

Meu Deus! meu Deus! fugio a feição bella
 Que eu criei, que eu amei, que eu contemplava
 Abstrahido em transporte tão jucundo! . . .

Paixão, affecto, ou extasi, ou delirio,
 Mystério fundo, ou illusão e engano,
 Amor, si és tú assim! . . . despido o ornato
 Que escandecidamente te emprestaram,
 Te apresentas terrivel realidade! . . .
 Meu coração se aperta e desfallece,
 Eu sinto o sangue meu gelar nas veias,
 E balbucio ao proferir teu nome,
 Teu nome que me abraza, e cresta os labios,
 E amargôr só meus labios n'elle encontram.

Si amôr não pode dar felicidade,
 E as suas fruições tão caro vende,
 Detesto os gosos seus e tremo d'elle,
 Renuncio aos desejos, á esperança,
 Atègora vivi tranquillo—ao menos.

Fugi d'amor, ò corações sensiveis;
 Si amor é como dizem, por vós temo,
 Pois deve ser extremo em ternos peitos!

Em vez d'anjo benigno, n'elle vejo,
 Genio de bello aspecto, mãos influxos,
 Um veneno lethral, em taça d'ouro,
 Perfume matador em flor mimosa...

Basta! basta! oh! quão duro, e quão amargo,
 Ver desfazer-se as illusões queridas,
 Do nosso coração—tão seductoras;
 Ver dissipar-se o sonho lisongeiro,
 Que queremos reter, gosar mais tempo;
 Ver desfolhar-se a flôr, que cultivamos,
 Com carinho e desvello—e só espinhos,
 E só espinhos—alfim; restar-nos deve!...

EPIGRAMMAS.

Si Qualquer crime de furto
 Devesse a lei castigar,
 Todo o papel fora pouco
 Para os ladrões processar.
 Apenas chegára a terra
 Para prisões fabricar.

« Tem poder um escrivão
 De em verdades converter...
 As cousas que petas são: »
 —Mas como isso pode ser?
 —Passando uma certidão.

A ESMOLA.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Ruidosa multidão se aperta e gyra,
 Á larga porta de grandioso templo:
 Lá está pendente roxo reposteiro,
 Que, agitado, ora se ergue, ora se abaixa,
 Fluctuando sobre innumeradas cabeças,
 Dos que de dentro, uns após outros surgem,
 Ou dos que, através, entrando somem-se.

Promiscuas vozes sussurrantes se ouvem,
 Que a impaciencia da devota turba,
 Não dá reprimir: braços erguidos,
 Do confuso apertão chapéus defendem,
 E leques, barretinas:—té crianças
 Avante vão,—caladas ou chorosas:
 Ali somente os pés não se defendem
 Que os pisem outros pés tão numerosos.

Magestosa harmonia enchia a igreja,
 D'essas notas que a magoa concertára,
 Que profunda tristeza infunde n'alma:
 Eram os Threnos que entoava o coro
 Com retinentes vozes:—une o organ
 Suas notas metalliticas e vibrantes
 De timbre melancolico, saudoso,
 Ao concerto das vozes...

Homem que raras vezes, muito raras,
 Te lembras do Senhor—ouve esses cantos:
 E elles não ferem como aos teus ouvidos
 Tua alma indifferente? não suggerem
 N'esse teu coração affectos doces?
 Não te sentes constricto, não tocado
 De funda devoção? ah! não te enganes,
 Material sentimento enche tua alma:
 Igual sentiras tu se aqui ouviras
 Profana melodia,—mas agora,
 Dentro do templo estás:—o fanatysmo
 Quem sabe, é que te cega? Quando mudos
 Esses hymnos repousam no teclado
 E em silencio os fieis oram no templo,
 Vai entre elles orar—sonda tua alma,
 Seu fervor ou frieza:—então dirige
 A Deus tua oração pura, ingenua;
 Não com o emprestado affecto ataviado,
 Oração—coração, elle quer juntos.

Dentro deslumbra a vista, o refulgente
 Clarão das tochas que ardem nos altares,
 E em lustres de christal sobre as paredes,
 Dos quaes reflecte a luz—nas mil facetas,
 E o symbolico triangulo eis no centro,
 Onde inda tochas tres apenas brilham.

Ali sobre o altar se eleva a imagem
 Do Redemptor que genuflexo curva
 Os hombros sobre o peso fatigante
 Da cruz que a culpa do homem lhe pozera.
 No rosto do Homem Deus se vê pintada
 Meiga resignação com dor profunda:
 Sua cabeça magestosa inclina
 Terna, suave expressão brilha em seus olhos,
 —Os fieis uns apoz outros os pés lhe beijam

Humilde ajoelha em frente della!...

Orar! é doce o orar! Quão sois sublimes,
 Pensamentos do Cèo que desceis n'alma,
 Qual brando orvalho á ressequida terra
 Fez dôr suave as doloridas chagas!
 Orar, orar do coração,—orar sincero:
 A alma a Deus voa—o coração offerece,
 E desse sacrificio o sacerdote
 Co'os sentimentos compungido falla.

Deus—está ali—bem perto, quanto perto
 Nol-o traz seu amor, amor excelso:
 Todos são filhos seus, e não desdenha
 Os andrajos do pobre, e nem prefere
 As galas do opulento—quer seus filhos
 Iguaes perante o Pae,—iguaes no affecto,
 No mutuo amor fraterno, na humildade.

Vae ó rico orgulhoso ante os altares
 As galas ostentar com que te vestes,
 Desdenhoso e soberbo,—e com desprezo
 Olhar esses irmãos, que libré trajam
 Da humilhada miseria:—quantas vezes
 Sem lembrar-te de Deus, que te lê n'alma,
 Insultar a Deus, vaes coberto d'ouro,
 Não offerter-lhe a oração singela,
 Porque a vaidade só te leva ao templo!...

Era o dia em que Deus, d'amor extremos
 Todo aos homens Se Deo¹ amor sublime!
 Em banquete lhes Deo Seu Corpo e Sangue
 Inefavel amor! Amor Immenso!
 Um véo material somente encobre
 Para que os olhos materiaes o vejam!...

¹ Quinta Feira Santa.

II

Estava lá , junto a porta ,
Velho mendigo esmollando ,
Um socorro á caridade
Por amor de Deus rogando.

O malfadado era cego ,
E chaga antiga, cancerosa ,
O rosto lhe devorava,
Nojenta e mui dolorosa.

Elle, co'a mão estendida ,
Á multidão que passava ,
Lamentoso e voz em grita,
Uma esmola supplicava :

E a multidão era surda ,
Era cega a multidão ,
Que nem sua voz ouvia
Nem via a supplice mão.

D'esse painel de desgraça
Ninguem se compadecia ,
E o triste, talvez com fome ,
Desconsolado gemia.

«—Si ninguem hoje uma esmola
Lhe dá,—de Deus pelo amor,
Ah! quem sabe se entre tantos
Um só não ama ao Senhor?—»

Talvez bem má noite o pobre
 Vá faminto passar !
 E sobre o dia seguinte
 Tristes discursos formar !

Mendigar ! Oh ! Quanto é duro
 Este mister exercer !
 A escaça, mesquinha esmola,
 Supplicar para viver !...

Estava junto ao mendigo
 Um joven mui bem trajado,
 Que o contemplava em silencio
 De compaixão penetrado :

O seu imberbe semblante
 Meiga tristeza exprimia
 E pelo desventurado
 Franco interesse sentia.

Talvez se em sua attitude
 Alguem notasse ao passar,
 Nos seus grandes olhos negros
 Visse lagrimas brilhar.

Emfim na mão do mendigo
 Muito de manso largou,
 Valiosa esmola e depressa
 Desse lugar se apartou.

O pobre aos dez reis affeito,
 Cheio de pasmo ficando,
 Esmola tão desusada
 Vir-lhe do cèo sò julgando.

Com vozes entre-cortadas
 Alegre emfim prorompeo,
 Graças ao Céu e mil benções
 Ao anjo que o soccorreo.

E pôde ainda o mancebo
 As gratas vozes ouvir,
 Doces lagrimas vertendo
 Que as não pôde reprimir;
 Sentindo os almos prazeres
 Que o bem-fazer faz sentir.

III

Em ampla sala ornada ricamente,
 Sobre um sofá magnifico acostado
 Stá idoso Senhor:
 Entra bello mancebo, a elle corre,
 As mãos lhe toma, respeitoso e terno,
 E as beija com ardor.

Bemvindo (o ancião lhe diz) pois tão depressa,
 Já todas as Igrejas visitaste,
 N'uma hora somente?
 Divertiste-te bem? tambem resaste?
 Onde estão teus collegas? em que Igreja
 Viste junta mais gente?

Baixa o mancebo o rosto, não responde,
 Que os soluços a falla lhe interceptam,
 Nada pode dizer.
 E pasmado o ancião, e quasi em sustos,
 Pondo-lhe a mão na testa, ergue-lhe o rosto,
 Vê-lhe o pranto correr.

Que tens, meu filho, diz-me, que sentes?

Quem offendeo-te? estás doente acaso?

Porque choras emfim?

—Meu Pae, vi um mendigo (torna o jôven)

Era tão desgraçado! e eu lembrei-me

Que já fostes assim. . .

Uma esmola lhe dei! todo o dinheiro

Que n'algibeira tinha, e mui depressa

Retirei-me d'ali.

Ó quantas cousas, disse o desgraçado

Quasi em choro,—que bens me desejava,

Que benções que lhe ouvi! . . .

Meu filho! ah! vem. . .vem a meus braços,

Deixa apertar-te ao coração. . . eu sinto

Banhar-me o pranto o rosto. . . Bom Deus graças,

Eu sou feliz! e mais dizer não pode

Pois a effusão e o pranto o embargava,

Mas, que doçura n'essas ternas lagrimas,

Que não a dor, pesando sobre o peito,

Com pungir, seu agro, seu incendio

Lhe fez saltar nos olhos, mas o goso,

A felicidade, que transborda n'alma. . .

Meu filho, disse emfim—tuas palavras,

Esse passado recordar-me vieram

De cruel padecer de amargas dores. . .

Soffri muito—soffri! . . . porem que importa?

Se apprendi a soffrer? provando os males

Com a desgraça luctando, com a indigencia,

Lentamente sorvendo acerbo calix

Formei meu coração. Fora-me a vida,

Sob o tecto paternal te'li passada,

Suave como o curso d'um ribeiro

Que por florido prado se deslisa.

Não compre'ndia os duros soffrimentos
 Da importuna miseria :—ideia alguma
 Das suas afflições, dos seus penares,
 Viera anuwear te'li meos gostos.
 Uma alma endurecida fora a minha
 Como a pedra, e como ella tambem fria,
 Se os fados, o contrario não quizessem.

Oh! quanto tem de nobre, e de sublime
 E de heroicos instinctos generosos
 Da virtude e honradez, gemendo oppressos
 E a lutar sem succumbir entre os martyrios
 De dura precisão, pobreza extrema!!!
 —Ali pois mais exalça-se a virtude
 A braços com os embates da desgraça
 Por alvo da insolencia, e dos despresos,
 D'esses que a não conhecem; mas opinam
 Que a pobreza só pode embrutecer-nos,
 E às virtudes hostile, só vicios nutre:
 Que só suspeitam negros pensamentos
 Rolar na mente aos pobres, e só crimes,
 Si o soffrimento lhes carrega a fronte:
 —Que ouvem a voz do misero pedinte
 Com ira e aversão, como se ouviram
 Lugubre maldição, entre os seus gosos,
 Da humanidade lhe exprobrando o olvido!.

Proscripto, em terra estranha lá na patria
 De que o oceano immenso me apartava
 Nessa patria saudosa eu já não tinha
 Nem o amado pae, nem o irmão terno:
 Em dissensões civis victimas foram,
 Aquelle do desgosto, este das guerras;
 Restava-me porem, pesar do fado,
 Um ente que eu amava, que amor terno
 Sempre me consagrou; mão grado á ausencia,

Inda m'era fiel... E quando á tarde,
 Quando o Sol baço e froixo se escondia
 Detraz do extenso alcantilado monte,
 Não coberto de nitida verdura
 Como os montes da minha bella patria,
 Sentado n'alva praia sobre a areia,
 Em quanto os olhos meus errando andavam
 Sobre as inquietas, sussurrantes ondas,
 Meu pensamento á patria revoava:
 Meus ais com o som das vagas confundia,
 Meus suspiros com os ventos;—e os meus labios
 Dois nomes adorados—Patria! Luiza!—
 Nomes do meu amor, da minha terra,
 Saudosos e queridos, proferiam!.....

Saudade! doce companheira minha,
 Eu te compr'hendo bem!... não, tu não matas,
 Com agridoce pungir:—és dor mais branda,
 Que pouco e pouco o coração maceras
 Sem consumir-lhe, mas que dor lhe agravas,
 Si nutres o coração, amor ingeneo,
 Saudade, lá estás, que és delle filha,
 E nem amor sem ti, nem tú sem elle.

Succumbi aos continuos soffrimentos,
 Grave molestia esqualida cingiu-me....
 A miseria já muito perto estava
 E bem cedo chegou!—A caridade
 Um tecto me off'receo; mas a pobreza
 Nada mais permittiu á caridade.
 Ah! junto á cama em que eu gemia enfermo,
 Em pranto muitas vezes vi banhada,
 Essa pobre mulher que me acolhera.
 Importante piedade!... A pobresinha
 Que havia de fazer?...

Força era mendigar...ó dura prova!
 Eu mendiguei...Meu filho, inda não sabes,
 Quanto soffre essa classe que mendiga,
 D'ess'outra para quem as mãos estende!...
 Soffri! muito soffri!...

De porta em porta
 Esmolas não pedi; porem soccorros
 Aos ricos implorei, contando a historia
 Da minha vida, ou antes infortunio.
 Achei almas sensiveis e generosas
 A quem fazer o bem é prazer doce;
 Raras, porem, bem raras!
 Por uma destas quantas eu vi diffrentes
 Que com repulsas me tractavam duras,
 Com grosseiros signaes de seu desprezo!
 Quantas vezes meu rosto contrahia-se,
 E esta minha alma contra as almas gélidas,
 Sem compaixão, sem dó,—se revoltava....

Emfim, tornava ao meu misero albergue,
 E após mil negras reflexões sombrias,
 No auge do desespero, muitas vezes
 A constancia senti desamparar-me...
 Cada lembrança da ventura antiga,
 Junta ás idéas do meu triste estado,
 Qual punhal me rompia os seios d'alma;
 Seccos os olhos, tinha o peito oppresso,
 A pathica a razão...negras idéas
 Me ferviam na mente... e embrutecido,
 Com mãos convulsas procurava um ferro!...
 Ah! meu filho, que horror!...um ferro!...um ferro!...
 Para o proprio existir cortar-me os fios!

Porem, nestes momentos, qual relampago
 Que o denso seio do bulcão retalha,
 Eu sentia uma luz brilhar nas trevas

Do desespero meu, mostrar-me o crime...
 A Religião que não nos deixa,
 Si em seus dictames fomos educados.

Podia durar muito um tal combate?
 É mui fraca a razão quando a assoberbam
 Assaltos tão terríveis—meu estado
 Mais triste se tornava—e mais asedos
 Com elle os males meus... porem piedoso
 O justo céu que sempre nos socorre,
 Quiz a tantos martyrios por um termo.

Eis pois que um dia, dia sempre grato,
 Que abriu na minha vida a epoca nova,
 Entra em meu pobre hospicio, a linda Luiza,
 Essa que o ser te deu,—e que tão cedo,
 A morte, a dura morte, arrebatou-nos...
 A meus braços se lança—quem podera
 Em circumstancias taes crer em seus olhos?
 Pensei um ser dos que no excesso
 De violenta febre tantas vezes
 Minha imaginação entreter vinham:
 Sim era Luiza, emfim, era o meu anjo.
 «—Luiza serás tú?—

«—Eu mesma, Affonso;
 Nada na patria tens, somente a patria,
 Ingrata para ti. Si inda conservas
 Para mim teu coração, fiel e amante,
 Minha mão aqui tens—»

Meu Deus, que dizes?
 Eu, sem fortuna, misero, mesquinho,
 Em situação tão triste, merecer-te?
 A ti, minha Luiza, rica, e nobre?...

Com lagrimas somente ella responde;
 Era o seu coração que me fallava...

Meu filho, a terna mãe, não conheceste,
 Não choraste o perdel-a... eras tão tenro!
 Mas eu ainda choro a cara esposa.

Eis minha historia, é triste, sim, bem triste,
 Hoje eu devia toda relatar-te
 Pois te lembrás-te do que fui outr'ora
 Fazendo a bella acção que hoje fizeste.

Meu filho, eu sou feliz; possues, bem vejo,
 Sensível coração:—nunca suffoques
 Generosos impulsos da alma tua.
 Da caridade o universal preceito,
 Base da lei divina, e fonte pura,
 De doces fruições de mil bens solidos,
 A christan caridade observa e cumpre.

Quantos prazeres puros; duradouros
 Co'o dinheiro podiam adquirir-se,
 Em vez d'esses prazeres transitorios
 Frivolos, ou vazios, que acarretam
 Após si tanto mal, tantos desgostos!
 Si os Céos te deram bens, mais que seu dono,
 Depositario ser te considera:
 Foi para o bem-fazer que os Céos t'os deram:
 E quem faz bem faz honra á Providencia,
 E se assemelha a Deus que os bens reparte,
 E si a uns mais que a outros, são segredos
 De sua incomprensivel Providencia,
 Desigualdade que aos seus fins releva.

Nunca de balde se erga lamentosa
 A vós do mendigante á porta tua,
 Nem o repillas desdenhoso, e rispido:
 Mais esse insulto doe que a negativa,
 Mais que os tormentos da cruel miseria.
 Trapos que os pobres vestem não desprezes,

Porque um teu semelhante sempre envolvem,
E muitas vezes alma nobre escondem,
Bem como ao diamante a tosca crusta.

Em qualquer condição, qualquer estado,
Respeita os homens, sê com elles justo.
Fazer-te nascêr n'ella o Céu podia,
Ou pode, si quer, lançar-te n'ella.

Oh! si esses ricos duros, um só dia
Soffressem os martyrios da indigencia,
Por um só dia... um só!—tão indiffrentes
Não olhariam da miseria os quadros!

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

ODE SAPHICA.

Omnia vincunt amor.

Eliza bella, tu não sejas tola,
Os meus carinhos porque causa enjeitas?
És surda, és muda, si d'amor te fallo;
Fazes-me raiva.

Não sejas nescia, alem de tão ingrata,
Cede ao amor os seus tributos doces;
Cede ao amor na tempestiva quadra,
Bella louquinha.

Lembra-te, Eliza, que a maior belleza
 Subjeita aos annos, seus encantos perdem,
 E que essas graças que te divinizam,
 Rápidas fogem.

E quando velha, abandonada estejas
 Das graças, que ora no teu rosto brillam,
 Amor que agora tem por ti disvelos,
 Hade fugir.

Amor! Nem feras resistir-lhe podem,
 Leões e tigres seu poder conhecem,
 Tu que de leões ou tigres não nasceste,
 Como resistes?

A vida é breve, voa, e foge o tempo;
 A mocidade é uma só na vida,
 Amor da mocidade, amor faz todo encanto,
 Toda a delicia.

De amor os gosos faz sentir tua alma
 Colhe de amor e da belleza os fructos:
 Seja eu o objecto d'esse amor, que imploro,
 Eu muito prompto.

EPITHAPHIO.

Aqui jaz um pobre louco
 Que a si mesmo assassinou;
 Não fará mais essa asneira,
 Pois della gostou mui pouco,
 E si assim o praticou
 Foi por ser a vez primeira.

CONSELHOS.

Quem diz—mulher—diz enganos,
Inconstancia e falsidade,
Na verdade.

E por isso alguns conselhos,
Para com elles guiar-te,
Quero dar-te.

Si a mulher diz que te adora,
Si diz que por ti suspira,
É mentira.

Si diz que na tua ausencia,
Não acha prazer em nada,
Cassoada.

Si a quem lhe falla em casorio
Faz a cara muito feia,
Não a creia.

Si mais que as outras se julga
Discreta formosa e bella,
Fugir della.

Se de achaques de denguice
Tem queixas continuadas,
São palhadas.

Si te põe em duras provas,
Sempre está te amofinando
Vai-te andando.

Si pede em secreto cousas
Que a bolsa soffra contigo,
É perigo.

Si mui de leve a acreditas,
Si a tens por muito discreta,
És pateta.

Si ficas muito contente
Com as finezas que te disse,
Que tolice!

Si não andas prevenido
Contra os artificios della,
É mazella.

Não lhe teças elogios,
Não lhe gabes a belleza,
Que é fraqueza.

Por quanto assim que ouviu isto
Sabe logo que o madraço
Stá no laço.

E quando elle está seguro,
A qualquer capricho é prompto
Pobre tonto!

Si acaso estes meus conselhos
Extinguires da memoria,
Palmatoria!

Si cahires n'algum laço,
De pimenta, alguem te accuda
Com uma ajuda.



LETTRAS.

Como pode um infeliz
Ter prazeres em viver ;
Como pode um infeliz
Esta vida amar ?
Si a desgraça que o persegue
Faz-lhe a vida aborrecer ;
E a existencia amargorosa
Deseja acabar ?

Quem no peito nutre amor ,
Os signaes nos olhos tem ,
Quem no peito nutre amor ,
Não tem discrissão ;
Porque os olhos logo mostram
Quando está junto a seu bem ,
Porque os olhos logo mostram
Do peito a paixão.

Não me importa que esse mundo
Me chame vadio ou louco ;
Falle embora , porque eu deixo
Murmurar de mim ;
Faço caso muito pouco ,
Por meu gosto e por vontade
Vou vivendo assim.

AVISO.

Da mulher ás meiguices
 Quem se dobra
 Vai metter-se entre as roscas
 D'uma cobra,
 Que entre afagos vos lança
 O seu veneno,
 Fugir dellas que é perigo
 Não pequeno.
 Quem deixar que o adormeçam
 Taes Serêas,
 Coitadinho do tolo!
 Stá nas teias.
 Muito geito co'as moças
 Deve ter
 Quem não quer em seus laços
 Preso ser.
 Que ellas teem muita trêta,
 Muita manha,
 E o laço que ellas armam
 Sempre apanha.

EPIGRAMMA.

Dizendo um tolo que estava
 Desconsolado da vida,
 Deo-lhe este pio conselho
 Uma alma compadecida.

—Amigo, o remedio é facil,
 Si quer, pode-se matar. . .
 —Ai! não (respondeo-lhe o triste)
 Tremo até de tal pensar!

Então, finja uma doença
 (Diz o outro) gema, e se deite;
 Mande chamar o Medico
 E peça que lhe receite.

—Mas si eu não estou enfermo,
 Como se hade fazer tal?
 —Como? Deixe estar que o Medico
 Lhe arranja a doença mortal! . . .

MOTTE.

Quem amar moça bonita,
 De Deus a lei cumpre bem.

GLOSA.

É obrigação restricta
 De todo christão amar,
 E bem a sabe guardar
 Quem ama moça bonita.
 Inda que copia infinita
 De moças o mundo tem,
 Ao christão muito convem
 Amar a toda que é formosa,
 E em regra tão caridosa
 A lei de Deus cumpre bem.

MOTTE.

Entre o copo e a garrafa
É doce a vida passar.

GLOSA.

Tomando a minha *muafa*
Assim uns por outros dias,
Combatto as melancolias
Entre o copo e a garrafa.
A tristeza assim se abafa
E se dissipa o pesar;
Pode-se a tudo arrostar
Com desprezo—até a morte!
Viva Deus!—E desta sorte
É doce a vida passar.

—
Que tal vai o mundo!... safa!...
Só confusões elle tem!
Deixal-o!... eu cá 'stou mui bem
Entre o copo e a garrafa!
Doudeje esta turba *gafa*
Vire de pernas p'ra o ar;
Que eu a encher e a vasar,
O meu caximbo fumando,
Digo que assim patuscando!...
É doce a vida passar!..

MOTTE.

Quen nan guesta de Maramota,
 Nan guesta de cõssa bon.

GLOSA.

Narise cumo borota,
 Fome sempre no bariga
 Na costa di êre um djiga
 Quen nan guesta de maramota.
 Perna di êre fica trota,
 Bocca cumo pacamon,
 Dente cumo tubaron,
 Nêre gimbatada i boro,
 Ben fêto já qui êre é toro
 Nan guesta de cõssa bon.

Esse quen fêce êre foi Ti Nicorão
 Benguêra.
 Vira de Catú dua de messe
 Di Fembrero di esse anno.

EPIGRAMMA.

Um Poeta estava enfermo:
 Eis por sua desventura,
 Um Doutor foi visital-o
 De mui grave catadura:

—Que profissão é a vossa?
 —Sou Poeta.—Que loucura!
 —Loucura! Dar culto às Deusas
 Lá da Parnasside altura?—
 —Não ha duvida: a Poesia
 É um mal que não tem cura:
 Quem a coroa de Poeta
 Em alcançar mais se apura,
 Mais louco é, mais pobre, feio,
 Sò o emenda a sepultura.

MOTTE.

Moça que passa dos trinta
 Por velha não casa mais.

GLOSA.

Em balde D. Jacintha
 Mil manhas, e ardis inventa:
 É louca se casar tenta
 Moça que passa dos trinta.
 Quem já não vê que ella pinta
 Na lata os claros signaes
 Dos progressos graduaes
 Que já na idade tem tido:
 Seu fado pois é sabido,
 Por velha não casa mais.

MOTTE.

A mulher é grande bem,
 A mulher é grande mal,
 Mulher tem grande valia,
 Mulher em si nada val.

GLOSA.

Si é sensível, carinhosa,
 Caritativa e honesta,
 Afavel, meiga, modesta,
 Sensata, espirituosa;
 Dos seus deveres zelosa,
 Discreta quanto convem,
 Si pudor e brio tem,
 E além disso formosura;
 É joia de estima pura,
 A mulher é grande bem.

Porem se ella for briguenta,
 Desmazellada, chorona,
 Preguiçosa, comilona,
 Dessarrasoada, ciumenta;
 Nem o diabo se aguenta
 A aturar um bixo tal,
 Não ha purgatorio igual
 Ao supportar esta fera,
 Quando nisso degenera
 A mulher é grande mal.

Como esposa fiel e amante,
 Como filha terna e grata,
 Como irman meiga cordata,
 Como mãe terna e constante,
 A mulher é bem prestante;
 É preciosa companhia,
 E benigna calmaria
 Do mundo entre as tempestades,
 Possuindo taes qualidades
 Mulher tem grande valia.

Mas quando não são ornadas
 D'aquellas prendas já ditas
 Inda que sejam bonitas,
 São desgraças enfeitadas:
 Tão somente acompanhadas
 Da fraqueza natural,
 Levando cheio o embornal
 Dos vicios e de vaidades,
 É compendio de maldades
 Mulher em si nada val.

EPIGRAMMA.

Entre os males d'um poeta
 O mal que mais dores tem,
 E que mais vezes o ataca
 E não professar vintem.
 Na bola—ideas
 Tamanhas!
 Na bolsa—têas
 D'aranhas!

A ROSA.

(LYRA.)

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Quanto és linda e graciosa,
 Minha rosa!
 D'este vergel o esplendor!
 Dando-te tanta belleza,
 Natureza
 Das flores te fez a flor.

Mas no mundo perfeição
 Sem senão
 Certo não se pode dar:
 As provas d'esta verdade
 Quem não hade
 Em ti mesma, ó flor, achar?

És na belleza e candura
 Virgem pura,
 Entre as illusões da vida:
 Que no seio da innocencia
 A existencia
 Gosa em prazer distrahida:

Que nos seus olhos formosos,
 Poderosos
 Tem não sei que lá dos céos,
 Pois no fulgor com que brilham
 Se assimilham
 Aos dos anjinhos de Deus.

Ou riso alegre e fagueiro,
 Prasenteiro
 Adeje no rosto d'ella,
 Ou 'steja em pranto banhada,
 Consternada,
 Nada a torna menos bella.

Ou o todo da face pura
 Si figura
 D'alma singela o candor,
 Pesar e melancholia
 E alegria
 E timidez e pudor.

Que a atmosphaera que a rodeia
 Torna cheia
 D'attractivo poderoso,
 Como rosa perfumada,
 Bafejada
 Pelo Favonio amoroso.

Si, ó rosa! ser concedida
 Longa vida
 Á formusura devesse,
 Qual mais que tú n'esses prados
 Esmaltados,
 Das flores o merecesse!

Si a que tão galharda nasce
 Se exemptasse
 Dos azares do viver;
 Qual mais que tu fora exempta?
 Qual ostenta
 Tão bisarro parecer?

Teu só um dia não fora ,
 Nem a aurora
 Só vira o teu des'brochar :
 Pois que tão bella te achou
 Desejou
 Mais vêzes te contemplar.

Nem de espinhos tão pungentes ,
 Renitentes
 Te cercara a multidão :
 Pois quando com graças tantas !
 Nos encantas ,
 Nos feres a incauta mão.

Tal donzella seductora ,
 Vencedora ,
 Que avassala os corações ,
 Os espinhos escondidos ,
 Não sabidos
 Tem entre as perfeições.

Tal é a nossa curta vida
 Combatida
 Sempre d'importuna dor ,
 Entre as illusões se esvae
 Té que cahe
 Como cahe no prado a flor.

Taes os prazeres mundanos
 Que d'enganos ,
 E pesar seguidos vem ,
 E como rosas murchadas ,
 Desfolhadas ,
 Espinhos al-fim só tem.

Gosa a vida, ó flor! que deve
 Muito breve
 Ser a vida para ti :
 Ai! quando outro sol raiar ,
 Quem passar
 Não mais te hade ver aqui.

MOTTE.

Moça que perde o pudor
 Devem todos fugir della.

GLOSA.

Quando já do pejo a côr
 Não mais lhe enrubece o rosto
 É perigoso composto
 Moça que perde o pudor.
 Já não tem moral valor,
 É richosa, é tagarella,
 Peior que febre amarella ;
 Vaidosa no ponto extremo :
 Como quem foge do demo
 Devem todos fugir della.

OS DOIS MACHOS.

(Fab. de Lafont. L. I. 4.^a)

Dois machos iam juntos, carregado
 D'aveia um, e o outro de dinheiro;
 Este, co'a carga preciosa inchado
 Não quiz que o ajudasse o companheiro;
 E com passo arrogante marchava,
 E o seu guizo sonante agitava.
 De ladrões uma tropa eis os rodeia,
 Que querendo o dinheiro, e não a aveia,
 Cabe sobre o triste que conduz o ouro;
 E o agarra e despoja do thesouro.

O macho, defendendo-se, coitado!
 É dos golpes da turba maltratado,
 Geme, suspira, e assim accusa a sorte:
 «—Eis o que prometteram-me. . . Este amigo
 Que era pobre não teve algum perigo;
 Eu que tanto ouro trouxe, encontro a morte.
 «—Amigo, (lhe tornou seu companheiro)
 Tem risco altos empregos, si serviras,
 Como eu, algum moleiro,
 Certo, que em tal desgraça não cahiras.—»

EPIGRAMMA.

Faz terrivel penitencia
 Frei Simão quando jejua,
 No convento a pão e agua;
 A trambulhões—pela rua!

QUEIXUMES.

Ó tú, que me tens captivo,
 Por quem eu morro,
 P'ra quem eu vivo,
 Dai-me socorro:
 Concede ao meu penar um lenitivo,
 Teu coração
 Duro, insensível,
 Sem compaixão,
 É sempre aos meus tormentos impassível.
 Ingrata tyranna,
 Bem podes cançar-te
 Com tantos rigores,
 Não hei de deixar-te.

A vida, a ventura—fruições de prazer,
 De amor finalmente—que mais posso ter?
 Conservo o desejo por ti meu amor,
 Por ti, que me pagas com tanto rigor.

Tú és meu incessante pensamento,
 Tú só, por quem meu coração palpita,
 Tú és do meu viver todo o tormento,
 Do meu viver podendo ser a dicta.

A Deus pedi que uma paixão tão pura
 Como a do peito meu sentir podesses;
 Porem Deus te negou essa ventura
 D'um reciproco amor que não conheces.

A Deus, porem, agora arrependido,
 Peço que do meu peito amor apague;

E em teu peito amor não correspondido
 Faça nascer, que te lascere, e esmague.

BIBLIOTHECA PUBLICA
 do
 ESTADO DO MARANHÃO

OS DEFEITOS DE MEU BEM.

Não chamo ao meu bem um anjo,
 Pois è mulher, è mortal,
 Não digo que è uma Venus,
 Que tem garbo divinal.
 Não digo que è tão perfeita
 Que um só defeito não tem,
 È mulher, tem seus desares,
 Como toda mulher tem;
 Mas para mim pouco importam
 Si eu tanto quero ao meu bem.

Não è uma flor—embora!
 Que uma flor não sente a vida;
 A flor não falla d'amores
 D'affectos destituida;
 Não tem um coração terno,
 Meigos sorrisos não tem.
 Mil bellas flores o prado
 Rivaes em belleza tem,
 Mas todas juntas não valem
 Um carinho de meu bem.

Não digo que tem o rosto
Seductor, como o da aurora;
Que sonha concerto d'anjos
Quem lhe ouve a vós sonora,
Que tem corpo airoso e esvelto
Como a mais esvelta tem.

Que seja mui defeituosa
Por isso não pense alguém,
He mulher...basta agradar-me,
Basta que eu ame a meu bem.

Aos defeitos que conhece
Fecha os olhos meu amor;
São como sombras do quadro
Que aos claros dão mais vigor;
Amor tudo doura e esmalta,
Encantos p'ra tudo tem.

Às vezes um desgostinho
Mesclado de prazer vem,
Assim è quando eu sou causa
Das raivinhas do meu bem.

E ninguem pense que encontra
Mulher sem defeitos, não;
Fora mister que Natura
Mudasse de condicção;
Quantos um demonio adoram,
Que em conta d'anjinho tem?!

Co'a lente d'amor nos olhos
Todos os amantes veem;
Enxergam de cá os defeitos,
Sonham perfeições alem.

O CANTO DO INDIGENA.

I

.....Vivi pervenimus; advina nostri,
ut possessor agelli
 Diceret:—Hæc mea sant; migrate coloni.
 Virgil.

Guerreiros amigos,
 Meu canto imitae,
 Guerreiros cantae
 Contentes commigo.

Que já Guaxenduba,¹
 Os brancos deixaram²
 As asas soltaram
 Aos ventos ligeiros.

Lá vão sobre as ondas
 As grande canoas
 Cortando co'as proas
 O lago sem fim.³

Guerreiros amigos
 Tocaé o toré,

1 O territorio do Munim, entre Anajatuba e a Villa Velha.

2 Jeronimo de Albuquerque e as suas forças depois da bat. de Guaxemduba em 1614.

3 Bahia de S. José.

Por tantas vezes tinha-se c'roado
 Com seus conymbos d'amarellas flores
 Esse páo que nos dá robustos arcos,
 E co'o longo floreante ramilhete
 Que o vento nas ribeiras embalouça,
 A taquara mirim que nos dá flechas
 Desde que eu vim ao mundo. Ah! bem pôdera,
 Ó grande manitou! guardar-me ainda
 Em teu profundo seio!. . Não tivera
 De ver males tamanhos!...
 Quantos, quantos ali sobre essa praia
 Guerreiros vi jazerem, vi já mortos
 Em defeza da patria!... Raio horrivel,
 Que o homem branco maneja furibundo,
 Tantos parentes meus, amigos tantos
 Ao reino dos esp'ritos enviaste!
 Mas eu tambem os vi mordendo a areia,
 Homens brancos vi muitos!... Entre os nossos
 Ah! com que gosto os contemplei defuntos.
 Si de raios lançar-nos poder tendes,
 Ao Grande Esp'rito iguaes não sois por certo:
 A flecha vos alcança, e fere, e mata,
 Como traspassa e mata
 Ferós oroporé, tapir enorme...
 Dos pelles brancas affrontando os raios
 Mil flechas despèdiu meu braço forte
 Que muitos delles; victimas fizeram;
 Mas todos elles foram poucas victimas
 Ao foror que animava e dirigia,
 Meu vingativo braço!...
 Ide, traidores, ide. - O Grand'Esp'rito
 Vos dê por sepultura o immenso lago!...
 Vorazes tubarões em vós se cevem,
 Ou negros urubùs sobre vos pouzem!
 Nem um vil Aymorè; nem isso ao menos!
 Vos coma a carne, ou beba em vossos craneos!

Minha linda Atamir, que eu amo tanto,
 A mais guapa cunhan da nossa aldeia,
 Si eu lá morresse... n'ultimo suspiro
 O teu nome, e o da patria, nomes gratos,
 Tão charos á minha alma!... eu soltalaria
 Como ultima oblação do meu affecto.
 A Patria, que amo, e Atamir que adoro,
 Vem, minha querida! vem commigo
 Dançar alegre, sobre a branca areia,
 Do immenso lago á borda.

Guerreiros amigos
 Tocaé o toré
 E a terra co'o pé
 Dançando battei.

Seus raios medonhos
 Os brancos lançaram,
 Que infindos mataram
 Dos nossos irmãos.

Que importa guerreiros,
 Si mortos eu vi,
 Mil delles ali
 Jazendo no chão.

A areia da praia
 Seu sangue tingio,
 Que irado o esparzio
 O fero anhangá.

A terra que cobre
 Os restos sagrados
 Dos nossos passados
 Tupá já livrou.

BIBLIOTHECA PUBLICA
 do
 ESTADO DO MARANHÃO

Da patria a alegria
Guerreiros cantemos ;
Depois choraremos
Os nossos irmãos.

Lá vão sobre as ondas
As grandes canoas
Cortando co'as proas
O lago sem fim.

Guerreiros amigos
Tocae o toré
E a terra co'o pé
Dançando battei.

No antigo jazigo
Dos nossos passados
Seus restos prezados
Que durmam em paz.

A terra que os cobre
Junquemos de flores,
Seus altos louvores
Saudosos cantemos.
E os brancos votemos
Ao mão manitou,
Seus mortos ao pasto
Do negro Urubù.

O BOGARIM.

LYRA.

Bella flor que o meu bem ama
 E cultiva em seu jardim,
 Quanto invejo a tua sorte,
 Melindroso bogarim.
 Muito te estimo,
 Mimosa flor ;
 A flor querida
 Do meu amor.

Suave perfume espalhas,
 Como a neve és branca e pura ;
 Não invejas as mais flores
 Em primor, em formosura.
 Eu te saúdo,
 Candida flor,
 A flor querida
 Do meu amor.

Com prazer sempre te vejo
 Nas tranças do meu amor ;
 Pois desta sorte succede
 Que uma flor orne outra flor !
 Que mais ventura
 Podes querer ;
 Si tão ditosa
 Chegas a ser.

Nem casquilha borboleta,
 Nem ousado beija-flor,
 Com seus beijos temerarios
 Venham magoar teu candor.

Só eu te beije
 Flor bemfadada,
 Somente adornes
 A minha amada,



O MEU ANJO.

Eu amo um anjinho mui bello e formoso,
 Só anjo é assim!
 Mas Deus castigou-me d'amar um seu anjo
 Não tem dò de mim!...

Quem vir esse anjinho donoso e galante,
 Si não lhe quer bem,
 Um peito sensível qual é o meu peito,
 Sensível não tem.

Quem é que resiste ao volver dos seus olhos
 Que exprimem candura,
 Que são os reflexos, reflexos brilhantes
 Da su'alma pura.

Quem é que resiste a inflexão que arrebatava
 Da vòs maviosa;
 E ao meigo sorriso, sorriso que mata,
 Da bocca mimosa?!

Quem é que resiste dos seus ademanes
Ao garbo nativo?

E as graças que adornam, que adornam mil graças
Seu todo attractivo?

O amor do meu peito consagro-lhe todo,
Eu amo ella só;

Mas Deus castigou-me de amar um seu anjo,
De mim não tem dó.

Tão bella como ella? só ella é tão bella,
Não vejo outra assim;

Feliz quanto eu fôra si tanto não fôra
Cruel para mim!

MOTTE.

O que não presa a amisade
É bruto não tem rasão.

GLOSA.

Da humana sociedade
De que é membro corrompido,
Deve logo ser bannido
O que não presa a amisade.
A doçura a flicidade
D'essa tão doce união
Não sente, nem coração
Para a sentir lhe foi dado;
É mysantropo é damnado
É bruto, não tem razão.

ISAURA.

OU UMA GENEROSA VINGANÇA.

Amis, qu'un même jour vit naitre,
Compagnons depuis, le berceau,
.....
Jamais l'espoir des matelots
Couronné—il d'autant de roses
Le navire qu'on lance aux flots?
Lamartine. Medit.

Ah! sexo generoso! e tal ingrato ha
Que tráia tanto amor?...
Garret.

Nas margens do Munim, tão deleitosas,
Uma soberba casa se elevava,
Que a lavrador mui rico pertencia,
O qual extensa possessão de terras
Com seus muitos escravos cultivava.
Todo goso e prazer, toda ventura,
Que do alto do seu throno off'recer pode
A orgulhosa opulencia, ali fruíra
O obesso proprietario, indifferente
Ás lidas afanosas e á penuria
D'aquelles que a pobreza, à gleba additos,
Obrigava a pagar-lhe oneroso fôro
Por limitado espaço de terreno.
E bem perto d'ali, detraz d'um bosque,
D'erguidos guanandis e jussareiras,
Que pequeno regato marginavam

Entre achaques sequazes da velhice ,
 E privações da esqualida pobreza ,
 Probo rendeiro antigo a choça tinha ,
 Que uma pensão annual exorbitante
 Pagava por layrar pequena roça ,
 Cujó exíguo producto mal bastava
 A seu congruo sustento , e d'uma filha ,
 Menina de annos quinze , mui formosa ,
 Doce consolação do pae , que n'ella
 D'uma esposa adorada , a imagem via ,
 Que ha tantos annos lhe roubara a morte ,
 Mas a memoria , d'um amor terno ,
 Que , alem tumulo , ao tempo inda resiste.
 Isaura era a cadeia que o ligava
 A esse passado que tão fertil era
 D'agras reminiscencias merencorias ;
 Era a joia por quem o ancião temia
 Duvidoso , e quiçá , infliz futuro :
 E quantas vezes succumbindo ao peso
 Do triste recordar a perda amarga ,
 E das app'hensões d'um porvir infausto ,
 Vireis seus olhos humectar o pranto
 —De saudade e d'amor voto sincero
 Á memoria d'objecto tão querido
 De fundo amor paterno ardente voto
 Por , de quem mais que a dicta nada anhela .

Sobre as margens do rio , junctos sempre
 Os dois gentis infantes passeiavam ,
 Ramiro , unico filho de Heliodoro
 (Eis do opulento agricultor o nome) ,
 E do virtuozo Armindo , a bella filha ,
 Quando a idade pueril inda não tinha
 A distancia marcado , que devia
 Na quadra adolescente separal-os.
 Elle colhendo brancas assucenas
 Que a praia adornam , ou a flor cheiroza

Do copado mamóim, em cujo tronco,
 Sob a sombria copa susurrante
 Se apraz o sabiá, cantor d'amores,
 O rouxinol da americana terra,
 Fazer o cavo ninho;—ou já nas francas,
 Do elevado engazeiro, ousadamente
 Se balouçava, em quanto os doces fructos
 Para Izaurá colhia, ou negros cachos
 De mimozo assai, tão abundante
 Pelas bordas do rio, onde florece
 Em copia tal, que não em outros solos;
 E a bella e productiva andirobeira,
 De cujo fructo extrahe-se oleo abundante.
 —Outras vezes, em quanto o Velho Armindo,
 Na porta da choupana, se entregava
 A tristonho scismar, os dois meninos
 Já correndo no verde fresco prado,
 Seguiam matizadas borboletas,
 Ou variegadas flores alternando,
 Formavam, para ornar-se, lindas c'roas,
 Já os laços e ardis aparelhavam
 Com que prender os lindos passarinhos,
 Ou o engodo fallaz com que no rio
 Attrahir e colher incautos peixes.

Assim annos volveram. Viera o tempo
 De a primaria instrucção dar-se a Ramiro,
 Longe do lar paterno lhe foi dada;
 Muito Izaura chorou, Ramiro muito,
 Nesta separação tão dolorosa,
 Que começava tão acerba ausencia.

Completo seus estudos regressara
 Á paterna morada, renovando
 Co'a bella Izaura as relações d'outr'ora,
 Que a estada no collegio interrompera.

Tão fino se ostentava e verdadeiro
 O reciproco affecto que mostravam,
 Que era improvavel obice ou barreira
 A união ditosa que previam todos,
 E a distancia não fosse superada
 Que aos jovens a fortuna interposera.
 Mas ah! Nella um amor tão verdadeiro,
 Tão cheio de effusões e d'esperanças!
 N'elle tão fraco amor, tão sem firmeza!
 Os labios della os mais ingenuos votos,
 Mentira os labios delle só diziam!

Do lince a vista aguda e penetrante
 Amor tem. Através d'esse sorriso,
 Com que elle antigas juras confirmava,
 Izaura suspeitou do amor antigo d'outr'ora,
 Nada mais restar já, que cinza fria:
 E esta suspeita que a alma lhe atormenta,
 Lhe faz verter amarguroso pranto.....

Izaura, tão bella e meiga,
 Como a innocencia sem véo;
 Como na mente d'um anjo
 Um pensamento do céu.

Izaura tão bella e pura,
 Como a-mais candida flor;
 Como na mente d'um anjo
 Um pensamento d'amor.

Dizei-me vós que não tendes
 Peitos p'ra duro cinzel,
 Quem aos encantos resiste
 Das virgens de Raphael?

Vêl-a não fôra possível
 Sem render-lhe o coração,
 Ella amou. e ella foi victima
 Da mais feia ingratição!

—
 Desd'a puericia mais tenra
 Unidos, sempre a se ver,
 No peito d'um ou nos d'ambos
 Podéra amor não nascer?

Entre os folgaes da infancia,
 E os prazeres da innocencia,
 Amor no peito d'Izaura
 Nasceu, cresceu com vehemencia.

Ramiro (oh! falso) ostentava
 Puro amor igual ao d'ella:
 Quem não veria em Ramiro
 O esposo de Izaura bella?

E n'esse longo futuro,
 Que ambos iam percorrer,
 Sò lhe anteviam venturas,
 Só incessante prazer.

Oh! que esperanças douradas!
 Que gozos n'esse porvir!
 Ah! Quem, transpondo as barreiras
 Se anticipasse a fruir!

Porèm, com tantos direitos
 Á flicidade esperar,
 Que dores ia a infelice
 N'esse futuro encontrar!

Formosa incauta donzella,
 Ah! Não o cresses tú não!
 Tudo mentira em seus labios,
 Desprezo em seu coração....

Ah! como póde Ramiro,
 Esse Ramiro gentil,
 A tanto amor, taes extremos
 Ser tão ingrato?! tão vil?!

Elle--o ouropel da opulencia,
 Ella--a libré da pobreza
 Trajam;—porem tudo aplaná
 D'um firme amor a pureza.

.....

Amou-te algum tempo o joven,
 O joven não te ama, não;
 Bem cedo, Izaura formosa
 Findará tua illusão.

II

O ENCONTRO.

Vi a rosa no deserto,
 Naquelle desterro seu:
 Vi-a tão linda onde o lyrio
 Cor da magoa e do martyrio
 Vai brotar onde floreja,
 E fez-me tamanha inveja,
 Que esta mão despiedosa
 Pelo pé cortou a rosa.

L. d'A Junior.

Em uma tarde aprasivel,
 Dentro de extenso pomar,
 Uma formosa Donzella
 Passeia só, e a cantar.

Sobre uma erguida latada
 Se espraíam frescas, viçosas
 D'um mar'cujazeiro as ramas
 Com rôxas flores formosas.

E d'uma rama mais baixa
 Pende uma flor muito bella ;
 Como a mais bella a distingue ,
 Quer colhel-a a donzella.

O braço estende o que pode
 Mas não lhe pode tocar :
 Salta uma vez , outra , e outra ;
 Mas é sem fructo o saltar.

Dos ramos d'um limoeiro ,
 Que terminam junto á flor
 Um dos espinhos a fere ;
 A moça geme co'a dor.

Ah ! oh espinho maldito !
 (Diz ella) feriu-me a mão ! . . .
 Nem uma pedra em que eu suba ,
 Nem uma vara no chão

E pedra ou vara procura
 Co'a vista em roda de si ,
 Mas eil-a cheia de susto
 Co'o que vê perto d'alí.

Gentil , robusto mancebo
 Ser caçador bem mostrando
 Por traje e armas que leva ,
 A moça está contemplando.

«—Senhora, (diz com respeito),
 Pois que essa flor desejaes
 Com tanto afan, vou colhel-a,
 Si permissão vós me daes.—»

Nada responde a Donzella
 (Pezar do bom caçador);
 O rosto baixa, e do pejo
 As faces tinge-lhe a cor.

E elle julgando o silencio
 Por tacita approvação,
 Com a sua longa clavina
 A rama traz junto ao chão.

E d'essa flor cubiçada
 O tenue caule cortou;
 Á joven desconhecida
 Com cortezia a offertou.

E só, ali, largo tempo
 Quedo o mancebo ficára,
 Seu venatorio exercicio
 Com este encontro olvidára.

Ai! Que tambem da lembrança
 A imagem se lhe apagou
 D'alguem que já pouco amava,
 Que outr'ora já muito amou.

Nem mais a Isaura esquecida
 Ramiro ingrato foi ver,
 E a triste bem presentia
 Que isto houvesse de ser.



A EXPROBRAÇÃO.

Mulher depois de amante e d'offendida
 Conhecerás o que é para teu damno ;
 Sou mulher offendida, amante e Cyrce.
 Bocage.

Garboso Ramiro, de galas vestido,
 Soberbo cavalga um valente alazão :
 E o bruto pungido por duro acicate
 Parece que vôa, e não põe pés no chão.

Porem o chão sôa co'o trote pesado
 E nuvens de poeira atraz vão ficando ;
 Passa altos outeiros, e valles relvosos,
 Em suor escorrendo, co'as ventas fumando.

.....

Mas eis n'uma volta do extenso caminho
 Menina formosa se vê...Perto vem
 Ramiro com gesto que exprime desprezo
 Murmura:—É Isaura: conheço-a mui bem.

«—Bem vindo, Ramiro (lhe diz a donzella),
 E, donosa sorrindo, o sauda ao passar :
 «—Adeus, minha Isaura, (diz elle, e soffrêa
 O ardente ginete.) Pareces chorar?!—»

«—Chorar?! Não; pois causa de pranto não tenho,
Só tenho motivos de puro prazer:
Dançar vou nas bodas de D. Emirena;
Meu pae m'ò permite... Lá heide te ver!...

Colher vou as flores de lyrio e laranja,
Como uma c'roa de noiva formar:
Talvez que, si a fronte me ornassem com ella,
Mui bella me achasses... Lá me hasde encontrar?

Adeus, meu Ramiro, não quero deter-te;
O noivo que a noiva quer ver, pressa tem:
Tambem tenho pressa, que meu Pae me espera
E importa que juntos nos não veja alguém.

São bem atrevidas as taes camponezas!
(Murmura Ramiro, fitando-a por traz):
Que julga a menina?... Que ao homem sujeitam
As loucas promessas que o menino faz.

Que estranhos projectos! São taes quaes os julgó,
E velhos! bem velhos! Q'estulta ambição,
Risada de mofa, estridente, metallica,
Completa o sentido daquella expressão.

Disse, e os flancos do bruto impaciente,
Co'as agudas esporas pungiu,
Eil-o ardente, com impeto duplo;
Devorando caminho partiu.

Eil-o aos altos outeiros subindo;
Eil-o aos valles relvosos descendo;
Eil-o o fumo das ventas lançando;
E co'os flancos em suor escorrendo.

Mas parece bem tardo a seu dono
 A quem pouco seria o voar :
 Pressa tal só de quem seus amores
 Corre a ver , longa ausencia ao findar.

I V

GENEROSA VINGANÇA.

C'est l'heure ou la nuit de ses passibles mains
 Repand le doux sommeil, ce nectar des humains.

.....
 Quel regard ! Son aspect m'a glace depouvante !

Lamartine. Morm. Poet

Vive, e lembrem-se os ingratos
 Qual se pune atroz rigor.

A. F. de Castilho. Ecc. e Narc.

Ha pouco o sol seu rutilante disco
 Tinha escondido, e já sobre o horisonte
 Com insensível gradação esvae-se
 A purpurena côr de que tingidas
 Em massa no occidente acastelladas
 As nuvens são nas vespertinas horas,
 Qual si as bordasse rutilante fimbria
 D'ouro e rubins flammigeros composta,
 Mil phantasticas formas caprichosas,
 No azul do firmamento desenhando.

Já brilha no occidente a bella estrella
 Que de tão perto os traços luminosos
 Segue do rei dos astros, e parece
 Da cúpola celeste estar pendente.
 Qual tocha d'uma lampada argentina,

Que o levita ascendeu junto dos ares,
 Ou bem como a primeira abelha d'ouro
 Com que o manto recama—a taciturna
 Da negra treva lôbrega princesa.

Dos cumes desiguaes dessas collinas,
 Que á vista se appresentam qual fileira
 De pyramides negras, multiformes,
 Á luz crepuscular inda distinctos,
 Pouco a pouco os contornos se confundem.
 No manto escuro da silente noite
 Numa arvore, já n'outra o canto solta
 Coleoptera cigarra dissonante;
 E o noitibo, fazendo ouvir seus gritos
 Para as estradas sahe, onde passeia.
 Já os verdes curvi-rostres papagaios,
 E fumantes guarás o pouso buscam;
 Desfere a sururina os seus trinados
 Perto do ninho tosco, d'entre as moitas,
 Em quanto que a pedrez torquaz queixosa
 Geme sobre o altivo pequizeiro.

Bem perto d'uma estrada entre arvoredos,
 Uma casa se via cujo tecto
 Cobriam da palmeira as pardas folhas.

Pela porta do centro que ladêam
 Duas baixas janellas muito estreitas
 Pelas paredes arrimada vê-se,
 Grão copia d'arcabús e outras armas,
 E mais petrexos bellicos diffrentes.

No centro desse quarto em larga rede
 Da fascinora tropa dorme o chefe,
 Velho de aspecto inobil, barba intensa,
 Tão cruel como o tigre, e pelo pateo,
 Tão perversos como elle em grande numero,
 Seus soldados estão. Antes seus complices
 Nos crimes, nos horrores d'essa guerra,

Que esta bella provincia depredaram.
 Todos de horrendo repugnante cenho,
 Todos de rubra-escura cor trajando,
 E grosseiras vestes—cor que os assignal-a:
 De andrajos cobrem-se uns, quasi nus outros,
 Estes no chão deitados 'stão dormindo
 (Quiçá bem agitado somno dormem)
 Esses aspiram grossas baforadas
 De tabaqueco fumo, outros conversam
 Em grupos, e canções alguns entoam,
 Canções que sangue e crapula respiram,
 Parte ebrios já, e o resto se enebria
 Com aguardente que tiquira chamam.

Allumia este quadro a vacillante,
 Já quasi extinta luz d'uma fogueira,
 Que no centro do pateo se formara,
 E a sua hediondez e horror augmenta.

O Sol d'esse atroz dia illuminara
 Um dos sangrentos factos de que abunda
 A chronica luctuosa d'essa guerra,
 De actos de vandalismo e crueldade
 Tão fecunda, e perante os quaes descoram
 Dos cannibae mais ferozes alguns actos.

Não mui longe d'ali na esquerda margem,
 Do riacho que—Descanço—denominam,
 Beira da estrada, que da Villa Velha
 Conduz a do Icatú, logar tivera
 O combate, que dizem—das Areias,
 Porque d'aquelle sitio teve o nome.

É alta noite. Tudo entregue ao somno,
 Tudo ao repouso está. Nada interrompe
 A solemne mudez da natureza,

Excepto o son variado e retumbante,
 Dos que em côro resonam sobre a areia,
 E em torno da fogueira, o pateo juncam;
 Tambem a invigilante sentinella,
 Postada junto ao angulo da casa,
 Cançada de velar, resomna forte.

N'um dos quartos do fundo junto ao canto
 Um mancebo se vê, que resupino;
 Ligados sobre o dorso tem os braços
 Por grossa corda que lhe cinge o corpo.
 N'este afflictivo estado olha tristonho
 Para a mortifica luz d'uma candeia
 Que lhe illumina o rosto. Assim convito
 De que já não lhe resta, outra esperança,
 O infeliz prisioneiro aguarda a morte,
 De que já tantas vezes ameaçado
 Pelos punhaes tem sido e pelas facas,
 Do bando dos sicarios malfeitores,
 Que entre as cruentas mãos o tem seguro;
 Mas para lh'a tornar mais dolorosa,
 D'esse transe a agonia duplicando,
 Retardam-na os malvados, que ruminam
 Generos bem horriveis de tormento:
 Exercer n'elle sua feridade,
 Gostoso pasto dando aos bronzeos peitos.

De subito eis de um lado, e qual se fosse
 Espectro. . . que da terra ali surgisse,
 Um vulto de mulher vê junto a elle,
 Brilhando-lhe na mão comprida faca,
 Roupas negras trajando, envolta a fronte
 Em branco lenço que lh'a occulta em parte,
 E co'um dedo na bocca impõe silencio,
 A candeia apagando. Observa attonito
 O prisioneiro, mal seus olhos crendo,
 As dubias formas e as acções do estranho
 Femeino vulto incognito! . . . Mas antes

Que do primeiro pasmo a si voltasse ,
 Vê curvando sobre elle o ignoto vulto ,
 E co'a faca que traz . . . Meu Deus que instante
 De susto e de incerteza angustiosa . . .
 E co'a faca que traz , que o pobre preso
 Julga ao seu coração encaminhar-se ,
 Corta a ignota mulher , as cordas e elle
 Já livres sente das prisões seus braços
 «—Silencio , e vamos.—» Diz-lhe a salvadora,
 A estranha apparição . . . Se bem que fraco
 O som d'aquella voz não lhe era estranho ,
 Mas não pôde á pessoa unir um nome ,
 Porque a debil memoria não lhe occorre.
 «—Quem sois (pergunta). Um gesto de impaciente
 Fez a ignota mulher , sem mais resposta ,
 E abrindo cautelosa uma janella ,
 Ao pateo ella saltou e logo o joven
 Salta ao pateo tambem . . . Caminho estreito ,
 Ella adiante , elle atraz , lá vão seguindo . . .

Mais sensivel se torna pouco a pouco
 O monotono som , undante , infindo ,
 Do mar que enrola as preguiçosas ondas
 Sobre arenosa praia , ou alta c'roa.

E já na praia estão. Dous masc'los vultos
 Em pequena canoa a elles correm.
 Em silencio ao mancebo a conductora
 Acenando que embarque , dentro salta
 E se assenta n'um banco. A novo aceno
 Foi impellida a barca para o largo.

Dois remeiros robustos remavam
 E a canoa corria ligeira ,
 Parecendo que a face das aguas
 Mal tocava na sua carreira.

E vencida uma grande distancia
 N'uma praia seixosa aportou:
 Salta em terra a mysteriosa dama
 E o mancebo traz ella saltou.

«—Ah! dizei-me quem sois, quem sois Senhora?
 (Diz elle supplicando) dai que eu saiba
 Qual o anjo cujas mãos eu devo a vida.
 A vida, sim; porque somente a morte,
 Eu prisioneiro ali de taes verdugos,
 Que mais tinha a esperar?... E genoflexo
 Ancioso o mancebo ouvir-lhe tarda
 Sua libertadora. Co'um acidente
 De profunda tristeza saturado,
 E revelando a magoa mais pungente,
 Começa inflexão terna e dolorosa
 Que ao pranto só é seguir, diz ella: Isaura.

Isaura, sim; nunca o crêras,
 Morta a julgáras tu ser!
 Não. De vingar-se inda gosa
 Antes da morte o prazer. .

Mas tal vingança não basta;
 Outra hade Isaura fruir:
 Essa reservo aos remorsos
 Que hão de a tua alma affligir.

E sem mais se deter, ligeiramente
 Na leve barca entrou. Busca o mancebo
 O movimento rapido estorvar-lhe,
 Porem já a embarcação no largo vòu.

Isaura! chamou elle; mas resposta
 De vós humana não obteve alguma
 Inda os já sons ouve dos remos,
 E percebe a canôa assaz distante.

Isaura! inda uma vez... Somente os eccos,
Das penhas cavernosas lhe respondem,
E depois nada mais que o som infido
Do mar que pela praia enrola as ondas.

E sobre as aguas deslizando rapida,
Presto a canôa se lhe somme á vista.

—
Volveram muitos annos. Veloz o tempo corre
A quem ditosos, ledos seus dias vê passar;
Mui tardo vai o tempo, bem agro e tormentoso
Ao triste, ao desgraçado que é preza do penar.

Volveram muitos annos. Morrera o Velho Armindo,
O Pae da bella Isaura, que a pobre habitação
Deixando sollicitaria, ninguem si viva ou morta
Ou qual o seu destino soubera até então.

Volveram muitos annos. Ramiro ingrato, perfido
Infeliz no seu consorcio, já tinha enviuvado,
Sentira muitas vezes o acúleo dos remorsos,
De Isaura o vaticinio haver verificado.

De pobre habitação n'um aposento
Sobre misera cama jaz enferma
Uma joven mulher inda formosa,
Mão grado ás dores, penas, soffrimentos
Da terrivel doença, que a consome,
Até cravar da dor o ultimo espinho
Nesse ainda não cadaver, que inda o sopro,
Da vida, e a sensação da dor lhe restam.

Ali gemendo, ali toda amargura,
Marasmo destructor lhe esgota as forças,
Secca-lhe as fontes do existir, que esvae-se
Qual prestes a extinguir-se a ultima gota
Do azeite, a luz da lampada vacila:

Um resto de existencia inda lhe pulsa
No coração, que vai gelando a morte.

Mas eis abre-se a porta... Mansamente
Um homem vem penetrando no aposento,
Descerra a doente os encovados olhos,
Crava seu fixo olhar no visitante,
Seu frenetico olhar, como que fulmina.
De novo os olhos fecha e do imo peito,
Rouco gemido prolongado solta,
No qual envolta sahe magoada queixa,
Severa exprobração; talvez. Os braços
Cruza o desconhecido sobre o peito,
E assim contempla a enferma longo espaço,
— «Isaura! (em fim lhe diz) não me conheces?

Então, fitando n'elle os negros olhos,
Seus delirantes olhos, que scintillam
Com sombria expressão, fazendo esforço
Por levantar-se sobre o dextro braço,
Com inflexão alterada assim lhe torna:—

Bem, por meu mal te conheço!
Não te conhecesse... oh! não!...
E's um infame... um perverso,
Um homem sem coração!

Que queres tú dos finados?
Eu morta sou para ti...
No meu descanso me deixa,
Vai-te, ó perjuro d'aqui!...

Vai-te, no instante supremo,
Deixa-me em paz expirar!
Meus derradeiros instantes
Só quero a Deus dedicar... .

Por este ultimo esforço consumida,
 Exhausta de vigor recahe na cama,
 E o ruidoso stertor bem annuncia
 O paroxismo percursor da morte.
 Ramiro então d'acerba magoa cheio,
 Diz com voz pelo pranto intercortada:—

—«Não, minha Isaura!... Não, morrer não hasde!
 Vim reparar meu erro!... Oh! boa Isaura!.....
 Ingrato a tanto amor eu bem mereço
 As tuas maldições... Não me perdoas?...
 Ah! vive para mim... Ser teu esposo
 É o que mais desejo... A teus pés venho
 Depor os votos d'um humilde escravo...
 Antigos laços já cortou a morte...
 Isaura, aqui me tens... Este Ramiro
 Arrepellido... de pesares cheio...
 Perdão te pede...—»

O braço descarnado

Ergue a enferma, em silencio o ceo aponta,

Expirou... Dentro em pouco a campa fria
 Te esconderá do Mundo, ó malfadada!
 Que na quadra de floreas esperanças,
 De illusões seductoras, d'aureos sonhos
 Foste ceifada pela morte dura,
 Qual perfumada rosa que desfolham
 Os irosos tufões; ou fresco lyrio,
 Que do virente valle era o ornamento
 E do tronco o abatera a tempestade,
 No pó jazendo está; ou como a corda
 D'harpa sonora que estalou gemendo
 Sob os dedos do bardo, em meio ao hymno
 Terno e flebil d'amor... Tão curta vida—
 Tiveste, sem d'amor os doces fructos,
 Tù que d'extremo amor victima foste

Quando, com taes direitos á existencia,
Esp'rar devias um porvir ditoso!.....

Cheio de dor, e de remorsos cheio,
Sim de crueis remorsos, que espedaçam
Seu coração, Ramiro juncto ao leito,
Genuflexo, curvado, soluçando,
Beija e banha de lagrimas amargas
As mãos de Isaura, que gelara a morte.....

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

EPIGRAMMAS.

Eu conheço certo moço
Mui grande murmurador
A quem deram murro grosso :
Perguntaram-lhe :— Ó Senhor...
O que causou tal destroço !
Eis responde o fallador :—
—Porque lingua não tem osso !—

Dizem que hontem nesta praça
Nereno enforcado foi
Por ladrão, pois que furtára
Duzia e meia e mais um boi.
Pouco furtou ! muitos outros
Furtam sem ter punição
Cem vezes esta porção.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

MINHA ESPERANÇA MORREU!...

Fadou-me Deus tanto amar-te ,
Sorte de sempre querer-te,
Por isso eu tinha de ver-te ;
Para te amar tanto assim !
Meu coração sentiu logo
Seres a que eu desejava ;
Quem meu sonho realisava ,
Meu ideal vendo emfim.

Meu ideal—pois julguei-te
Um cherubim que descia
E as azas d'ouro estendia
Dos annos meus sobre a flor ;
A flor que mal des'brochava
Brando e amoroso afagando ,
Já sobre ella espalhando
Efluvios d'almo dulçôr.

Amei-te , como si a um Anjo
Eu este amor dedicasse ;
Amei-te sem que julgasse
Que amava todo o mal :
Amei-te, sim ; nem amar-te
Mais do que amei-te eu podia ;
Louco este amor me fazia ,
Louca paixão tão fatal !

Amei-te, sim, bem o sabes!
 Pois dos meus labios o ouviste;
 Pois em meus olhos sentiste
 Quanto esse affecto era ardente.
 Muito folgavam meus labios
 Dizer-te, ingrata o que tinha
 No coração, n'alma minha,
 Que os olhos punham patente.

Meus olhos—pois bem pintavam
 Quando inda eu ver-te podia,
 Quanto em teus olhos bebia,
 D'enlevamento, e ventura.
 Quanta effusão em minha alma,
 Quanto alvoroço em meu peito,
 Rompendo aos olhos o effeito
 Do meu affecto e ternura.

Hoje porém que aspiram
 Meu fado e perjurio teu,
 Para que eu vá, pesar meu,
 Viver ausente de ti:
 Meus olhos não vêm teu rosto
 Nem posso a voz escutar-te;
 Mas constranger-me a olvidar-te!
 Quem possa tal não há hi.

No meu scismar melancolico
 Sentado á borda do mar,
 Folgo em teu nome juntar
 Ao murmurio das ondas;
 Na selva densa vagando,
 Da solidão lá no abrigo,
 Converso, ingrata, contigo
 Bem que tu não me respondas.»

E quantas vezes no templo ,
 Com maquinal prolação ,
 Na bocca tenho a oração
 N'alma a lembrança de ti ! . . .
 Peccado meu !—mas riscar-te
 Do meu pensar ? !—quando ? quando
 Não posso , oh ! não ; nem orando ,
 Não , porque estás sempre ali !

Meus labios , tanta doçura
 No nome teu saborêam ,
 Que de continuo o nomêam
 Só para os ouvidos meus ,
 Pois de teu nome zelosos
 O julgarão profanado
 Si elle não for escutado ,
 Por mim somente—ou por Deus.

Si só por ver-te eu mostrava
 Como feliz nisso era ,
 Quanto eu seria , ponderá !
 Quanto eu seria ditoso
 Co'um teu sorriso fagueiro ,
 Uma palavra amoroza ,
 Uma expressão carinhosa ,
 Um geito meigo , e bondoso ,

Mas si recordo que ingrata
 Foi-me a porque tanto peno ,
 Oh ! tal lembrança é veneno
 Que n'alma vem-me pungir !
 Torna-se anathema horrendo ,
 Queima-me os labios então ,
 Põe-me no peito um volção ,
 Teu nome ao só proferir

Que extasi doce entornava-se
 Sobre minha alma e sentidos!
 Tão nesse goso emmergidos
 Qual de prazeres n'um mar.
 Tudo minh'alma olvidava,
 Té o perjurio execrando;
 E que és mulher não cuidando,
 Nem o futuro pesar!...

Por tanto tempo, ó tyranna!
 Nutriste a minha paixão!
 Me engolphaste o coração
 Nessa ebridade do amor!
 Bordas de taça dourada
 Uugiste em mel de ventura!...
 Hoje no fundo amargura,
 Provo, entre as puas da dor!...

Longo sonhar de venturas
 Minha existencia tem sido,
 Mas d'esse sonho mentido
 Para a desgraça acordei!
 Quanto é amargo esse ai!
 Que soluçamos em pranto
 Quando, esvaindo-se o encanto,
 Ficamos—qual eu fiquei.—

Sonhei—que juntos aos altares,
 Perpetuos laços atando,
 Ouvi tua bocca expressando
 Votos d'amor puro e fido:
 Da flicidade suprema
 Ao cume então, eu levado,
 Votos por ti transportado
 Fiz, quaes os tinha te ouvido.

—Que n'esses teus rubros labios
 Tão doce netar bebia,
 Que todo o meu ser sentia
 Repleto de goso infindo,
 E que um amor terno e santo
 Me preparou nos teus braços
 Grata prisão suaves laços,
 Doces momentos fruindo.

—Juntos, nas luctas da vida
 Nosso viver era amar,
 Tal entrevia eu passar,
 Dias dictosos, serenos;
 Que o meu sorriso em teus labios
 Sempre um sorriso encontrava,
 Provas de amor se eu te dava,
 De ti as tinha não menos.

Não foi assim!... Qual a causa?
 O tredo perjurio teu!
 Perdoe-te o Céu! por quanto eu
 Eu te perdôo tanto mal.
 Qual si em abysmo profundo
 Eu fosse emfim despenhado,
 Tal me lançou negro fado
 Na desventura actual.

Foi pois assim!... Nada obtive,
 Nada, e jamais! ó ingrata!
 Teu abandono me mata,
 De morte lenta e cruel!
 Entre illusões eu vivia,
 Das decepções soffro as penas,
 E de illusões tão amenas
 Resta-me sò negro fel.

Muito inda te amo, máo grado
 Tanto mal teres-me feito ;
 Não é possível do peito
 Tão fino amor apagar.
 Sou da fortuna o ludibrio ,
 Sempre serei que é meu fado
 Deixar de ser desgraçado ,
 Como deixar de te amar.

Louco ! que o teu coração
 Suppuz thesouro d'amor !
 Louco ! cheguei-te a suppor
 Um ente não feminil !
 Cego ! adorei o meu idolo
 De um ser de outra esfera...
 E louco e cego a uma fera
 Prestei um culto febril !

Só resta secco e mirrado
 Da realidade o esqueleto ,
 Fugiu esse caro objecto ,--
 A flicidade anhelada !
 Fugiu qual roseo aroma ,
 Qual fumo odor do incenso ,
 Que corre o espaço immenso ,
 Qual flor do tufão levada.

Que mais esperar ? Na vida
 Só incessante tormento
 Até da morte ao momento ,
 Então repouso hei-de ter ,
 E n'este resto de vida ,
 Em que vegeto penando ,
 Sempre a uma perfida amando ,
 Só nisso praz-me o viver.

Agro prazer que me rala,
 Entre os prazeres—de dia,
 De noite—triste agonia,
 Em nenia lugubre, em ais:
 Bella visão me ameigava,
 Negro phantasma eis se offrece,
 Com a hirta mão a esvaece,
 Treva—horror—nada mais!

Nunca vivi no teu peito,
 Tudo acabou!...meu queixume
 Não ouças com azedume,
 Mas tem de mim compaixão.
 Deixa, si quer, que eu me queixe
 Inda a teus pés por vingança,
 De teres morto a esperança
 Dentro do meu coração.

Adeus. Eu vou entre as garras
 Da pena que consome,
 Entre martyrios sem nome,
 Pranto dorido a verter.
 Adeus. Oh! quanta amargura
 Nesta palavra... oh! que insano
 Ir co'um fatal desengano
 Passar a vida a morrer!

Adeus. Qual pallido spetro,
 Nada entre os vivos querendo,
 No ermo a deshoras gemendo
 Sobre uma campa... Assim eu
 Triste,—á soidão mais profunda
 Levo esta vida—em que anceio,
 De desespero só cheio...
 Pois minha esp'rança morreu!

—o—

O BELLEGUIM.

Em certa terra selvagem
Nasceu um menino feio,
Co'uma cara toda torta
E enorme nariz no meio.

Um diabo que perto estava
Quando ouviu esta noticia,
Foi vel-o e saber a sina
D'esse aborto de impericia.

Pelo nariz, pelos olhos,
E pelas outras feições,
Viu que um belleguim seria,
Dos belleguins mais ladrões.

E dice: Oh! que bella pinga!
Este sem duvida é meu!
E vou já dar tal noticia
Ao diabo de Asmodeu.

Quatro dias, quatro noites,
Ouviu-se certos rumores,
Qual si no centro da terra
Si tocassem mil tambores.

Eram os couces dos Diabos,
Que de contentes dançavam,
Que ver entre elles um dia,
Esse aguazil esperavam.

Cresceu em breve o rapaz,
Cresceu com elle a maldade,
Mas em-fim belleguim era,
Isso era necessidade.

Quando tinha 21 annos,
De malsim assentou praça,
Já elle era ha muito tempo,
E era um bello cão de caça.

Para um para outro lado
Sempre andava farejando:
Mentindo a cada palavra,
Certidões falsas passando.

Teve uma só ventura
Que foi sempre ser constante
Na mentira e falsidade
E traidor e petulante.

Tinha o carater tão firme
Era um guapo cavalheiro,
Pois a mentir era prompto
Mas não por pouco dinheiro.

Mas si em mentira o pillhavam
E o ameaçayam de pão;
Então—viremos de bordo,
Demos outro rumo a não.

Por força porque elle tinha
Grande amizade às costellas,
Que a mãe que o teve de certo
Não teria outras como ellas.

Belleguinando vivia ,
 Mas como a vida tem fim ,
 De uma ajuda de pimenta
 Morre o pobre belleguim.

Quando correu tal noticia
 Houve uma festa no inferno ,
 Que até o mesmo Padre eterno ,
 Se admirou de tal motim.

Mandou um dos seus archanjos
 Saber a causa a Asmodeu ,
 Bateu o anjo as azas d'ouro
 E sobre o inferno desceu.

Os demos no meio da dança
 Viram do anjo o esplendor ,
 Que um foi p'ra o seu buraco ,
 Cheio de espanto e d'horror.

E o anjo disse :—Ó Dannados !
 Que bulha é esta ? que horror ?
 Ai ! Lucifer diz tremendo :—
 Perdoe-nos Nosso Senhor.

É porque hoje chegou-nos
 Um belleguim um marmanjo :
 Que ha muito tempo p'ra elle
 Prompto está cá certo arranjo.

Pois dansem lá , pulem , berrem ,
 Diz o anjo do Senhor :
 Podem uivar como diabos ,
 Mas não com tanto fragor.

Disse e de novo eis voou.
 Sae Satanaz negro e feio,
 Manda que façam a roda
 E o belleguim bem no meio:

Andava a roda e parava
 E cada um demonio então:
 Co'a mão de ferro, unhas d'urso,
 Pregava-lhe um belliscão.

Cançados já os demonios,
 Lucifer mandou parar;
 E as malditas orelhas
 Manda ao belleguim cortar.

E disse:—Terá como Judas
 Um par de orelhas de burro,
 Pois foi aguazil como elle
 Digno de as ter o casmurro.

Ha muito tempo que nós
 Cá te esperamos meu mono;
 Pega o patife e depressa,
 E o mettam já nesse forno.

GRATIDÃO.

Amigo, que da terra ao céu voaste,
 Deixando o mundo na manhan da vida
 E mal desabrochada, ó flor, seccaste
 Proximo da haste ao pó cahida....

Não pode o anjo a quem é ermo a terra
 Habitar o ermo, foi buscar a Deus,
 A flor seccou-se, mas o aroma della
 Grato perfume elevou aos céos.

Mal preludiando o hymno na harpa tua,
 Tendo a expandir-te em terno e doce canto,
 Estalou a corda—co'um gemido triste,
 Queixoso accento em que começa o pranto.

Essa existencia começada apenas
 Tão embalada de brilhantes sonhos,
 E no porvir entre illusões fagueiras,
 Nas idéas vendo quadros tão risonhos.

Essa deixaste pela que desfructas,
 De eternos gosos,—de prazer,—d'amor,
 Em que os choreos hymnos nunca cançam,
 Nem secca, ou perde o seu aroma a flor.

Nem dores há, nem afflicções, que é tudo
 Ventura e goso eterno junto a Deus,
 Estes bens de que em premio da virtude
 Prodigas o Eterno aos escolhidos seus.

Eu sobre a campa em que deixaste á terra,
 O que é da terra, entre saudades venho
 Rogar-te accites, do meu puro affecto,
 Este signal que a tributar-te tenho.

A CEGUEIRA DE AMOR.

Dizem que amor é cego
 E que é menino também,
 Ou cego ou menino eu julgo
 Que elle direitos não tem,
 De dever toda a gente
 Seus caprichos tolerar!
 Si é cego—que peça esmola;
 Si o não é—vá trabalhar,
 Si é menino vá p'ra escola;
 Deixe de tanto vadiar:

Outros o dizem tão velho
 Com'Adão no Paraiso,
 Si é assim porque atégora
 O Velho não tem juizo?
 È de rasão que aos meninos
 Perdoem-se os desatinos;
 Mas ao Velho? disparates
 Vá faser para os Orates.

—
 Vem da taberna alta noite
 Um insigne beberrão,
 Co'os olhos turvos; e as pernas
 Mal sustendo o borrachão.
 Eis tropeça... e já de borço
 Gagueja esta reflexão:—
 Di... zem que a terra... se move...
 Já vejo que é com... razão!
 Porque hoje está tão... ligeira,
 Qu'até me... atirou no... chão!...

A ROSA HUMANA.

Rosinha, tu és uma rosa
Mais do que todas feliz ;
Pois de tal belleza e dotes
O Céu adornar-te quiz.

Quando a brisa matutina
Dá á rosa beijos d'amor,
É mais muda do que a brisa ;
Que lhe dirá a pobre flor ?

Porém o céu deu-te bocca
Para affectos expressar :
Deu-te vida e sentimentos
E um coração para amar.

Um só dia vive a rosa,
Envolta em gratos odores,
Desabrocha, brilha—e morre
No vergel, como outras flores

Ali, gloria do teu sexo,
Da-te o céu longo existir :
Feliz de mim se pudesse
Meu destino ao teu unir !

Espinho cruel como esses,
Que a flor soberana tem,
Só tens um que bem me fere,
E é—não me queres bem ! . . .

Rosinha, si eu ser podesse
Objecto do teu amor,
Jardineiro nunca houvera
Tão zeloso de uma flor!

EM UM ALBUM.

Deu-me Deus um coração;
Deu-me a ventura de ver-te,
Tambem a sorte de amar-te,
Sina de sempre querer-te.

Como Deus ama seus anjos
Tú és amada por mim;
E si Deus manda que eu te ame,
Quando este amor terá fim?

BEIJO DE VELHA.

Uma velha beijocava
Sem das suas cans ter pejo,
Encheu-me a cara de baba
Querendo-me dar um beijo.

O effeito bom ou nocivo
Dos beijos, é mui notorio:
Das moças—é nuetrictivo,
Das velhas—é vomitorio.

EPIGRAMMAS.

Dê espertalhões que só estudam
De viver á custa alheia ,
Ha no mercado abundancia ;
D'elles a praça está cheia.—

A UM NARIZ PEQUENINO.

Que na raça dos narizes
É certo haverem Gigantes,
Eu o creio vendo o vosso ;
Pois não vejo outro semelhante.

Do rapé não façais uso ;
Que muito dispendioso é ;
Pois vai-se em cada pitada
Uma quarta de rapé.

CARTA.

Recebi vossa charada ,
Que de resto decifrei ,
Sem que pouco me custasse ,
Por ser bastante intrincada ,
Mas o nó gordio cortei ,
Sem que a espada manejasse
Do macedonico rei :
Porem não pouco admirei
Que o meu nome vos lembrasse ,

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Como eu de vós me lembrei:
 Assim pois vos agradeço
 Tal prova de sympathia,
 Que porque eu a não mereço
 Mais augmenta de valia.

AOS MÁOS POETAS.

Pensaes vós ser o Parnaso
 Pantanoso campo raso,
 Onde vão soltar as rans
 Suas algazarras vans?
 Desenganae-vos que a lyra
 Não é p'ra todo maráo,
 Pois não é corda d'embira,
 Atada em arco de páo.

O MEU RETRATO.

Lá te mando o meu retrato
 Tirado com todo aceio:
 Elle não é lá tão feio,
 Que seja bicho do matto:
 Não casa com carrapato,
 A mulher, por não poder
 Qual o macho conhecer;
 E si uma casou contigo
 Tenho esperança, amigo

De solteirão não morrer.

— E si me achares mui feio
 Eu te direi que és um tolo :
 E sempre tenho o consolo
 De que és guaribão e meio :
 Isto affirmo ; e sem receio ,
 Sem ser tabellião dou fé
 De cousa qu'exacta é ,
 E confirmando-a eu acabo ,
 Que si poserem-te um rabo
 És um guapo jacaré.

A PEDIR ANNOS BONS.

Com violas , flautas , rabecas ,
 Clarins , ophclides , pistons ,
 Heide compor uma orchestra ,
 Tocando em todos os tons ,
 As peças mais escolhidas ,
 Nos mais afinados sons :
 E co'esta estrondosa festa
 Vos vou pedir Annos Bons.

EPIGRAMMA.

Dizem que Alceo é mui sobrio ,
 Que em casa bem pouco come ,
 Mas nos alheios banquetes
 Mata bem a sua fome.

É desta classe d'espertos
 Que achando-se em mesa alheia,
 Apesar do seu fastio,
 Sahem de barriga bem cheia.

BIBLIOTHECA PUBLICA
 do
 ESTADO DO MARANHÃO
 SONETOS.

Como Marcia, só Marcia é tão formosa,
 Pois seus olhos, são olhos vencedores;
 Os seus gestos, são gestos matadores,
 Sua voz, é voz d'anjo harmoniosa.

Sua bocca, é bocca breve e melindrosa;
 Da face, a côr dão-neve rosa as cores,
 Seus risos, risos são encantadores,
 Té sua raiva, é raiva graciosa.

Quando um composto vi tão bem composto
 Entre os amantes alistei-me amante,
 D'amor quiz os desgostos por meu gosto.

Com dor já vi o que não vira d'antes,
 Que si rosto não ha como seu rosto,
 Não ha fera a esta fera semelhante.

Brazil querido, em eleições fecundo,
 Que o famoso problema decifraste,
 E o nó-gordio politico cortaste,
 De eleições podes dar lições ao mundo!

Parto admiravel de saber profundo,
 Aquella lei—modelo promulgaste,
 Com que a trapaça e dolo acabaste,
 Brazil querido, em eleições fecundo.

Eu a vejo essa lei, astro brilhante
 De quatro mil satellites cercada,
 Labyrinthosa turba comitante!

Das eleições na tortuosa estrada,
 Co'essa lei d'êstes passos de gigante,
 Andaste muito, adiantaste nada.

—v—

Queria trabalhar porem não posso,
 Porque a preguiça está no meu cachaço;
 Sinto enorme peso no espinhaço;
 Doem-me os braços, pernas, e pescoço.

Com grande comichão todo me cosso;
 Sinto nas juntas um geral cançasso;
 Desejo fazer tudo e nada faço,
 Pois a preguiça é dura como um osso.

Levanto-me, bocejo... e me espreguiço,
 E de novo na cama me arremesso:
 Pois só para dormir não sou remisso.

Tudo está bom, pois se eu não appeteco
 Riquezas ei de me ir matar por isso?
 Para a morte rouba-l-as? Ora sêso!

Com vaivens se derrubam fortalezas ,
 Entre os vaivens fluctua o Navegante ;
 Com vaivens commercia o Negociante ,
 Com vaivens se conseguem mil empresas.

Com vaivens se conquistam as Bellezas ,
 Com vaivens as enlaça o terno amante ;
 Com vaivens vence o pleito o litigante ,
 Com vaivens o soldado obra proezas.

Com vaivens , move-se , anda , e se alimenta
 O homem e toda a Classe organizada ;
 Por tudo , em tudo , o tal vaivem se ostenta.

Deixa dar-te uns vaivens , Marcia adorada ,
 Pois se d'elles o Mundo se sustenta ;
 Dez ou vinte vaivens que valem ? Nada.

-199-

Na idade em que as paixões o peito humano
 A combater começam com furor ,
 Minha paixão primeira foi—amor ,
 Que eu conheci bem cedo por meu damno.

Predeu-me , ferropeou-me esse tyramno ,
 Aos encantos de um ente seductor ,
 Exerceu contra mim todo o rigor ,
 E fez-me o seu escravo cego insano.

Será sempre uma victima infamada
 Do desprezo (Amor diz de furor cheio)
 Pois tens uma cara tão mal organizada.

Cruel Amor !... é certo... eu bem receio
 Que assim se passe a vida desgraçada !...
 Leitor , teme igual sorte si és um feio.

Perfida que por outro me deixaste,
 Pois que os teus juramentos esqueceste,
 E os votos de ser minha que fizeste,
 Tão depressa, mudando, quebrantaste;

Estou certo que a mim tu nunca amaste,
 Pura mentira foi quanto diceste:
 Facil no prometter, tu prometteste,
 E facil no faltar—tu me fallaste.

É proprio da mulher, ser inconstante,
 Por tanta ingravidão, mal não te quero,
 E nem é isso cousa que me espante.

Despresa o meu amor puro e sincero,
 Vai segue os passos do teu novo amante,
 O tempo hade vingar-me, assim o espero.



Junto do porto que se chama—E...
 Habita uma belleza muito esquiua,
 A quem eu tenho feito guerra viva;
 Porem de balde a guerra feito tenho.

Armas todas d'amor em vão empenho
 Para vencer essa alma dura, e altiva;
 Debalde para ver a fugitiva
 Rua abaixo e ariba vou e venho.

Amisade não tenho ao Periquito,
 Nem ao Pedro Caixeiro do Carvalho,
 Porque nem um, nem outro é tão bonito.

Porém de os visitar é que eu me valho
 Para esconder a todos o meu fito;
 E vou perdendo o tempo e o trabalho.

Ingrata Olintha, faze o que quizeres
 D'um coração que te ama ternamente,
 Se me queres matar, eu mui contente
 A morte soffrerei, que tu me deres.

Mas para que com taes despresos feres
 Um coração que é teu inteiramente?
 A quem tanto te ama e vive ausente;
 Ó cruel, que mais morte dar-lhe queres?

Si eu só vivo por ti, como é que eu viva,
 Quando com teus despresos vou soffrendo
 Ausencia tão amarga e afflictiva?

Desta sorte, ó tyranna, eu vou vivendo,
 E si não me socorres compassiva,
 Morrerei, pois me sinto já morrendo.

Vai-te embora, Cupido endiabrado,
 Que me tens dado tantos dissabores,
 Que não sei si me possas dar maiores,
 Que tantos que até agora tens me dado.

Quanto insensato sou, tendo gastado,
 Mais de meia existencia com amores,
 Desta paixão curtindo os amargores,
 E em vez de te culpar, culpando o fado!

Vai-te, vai-te, menino impertinente,
 Põe-te no andar da rua, sem demora;
 Ou sahirás talvez, não mui contente!

Arre só velhaquete, va-se embora,
 Á Velha Venus vá que que o acalante,
 Que o tolo que o soffreu, já cá não mora!...

Menina do nariz arrebitado,
 Esse vosso nariz tem certo modo,
 Que inda não vi nariz no mundo todo,
 Que com o vosso seja aparentado;

Narizinho bregeiro, malcriado,
 Que a pobre gente faz andar a rodo,
 É mesmo um anzolzinho cujo engodo
 É certa graça de que está cercado.

Menina nenhuns olhos vêm sem medo
 O voso narisinho tão temido
 Porque esse nariz vosso vence tudo.

Esse vosso nariz não e briqueado
 Quem sabe se elle já não tem vencido
 Mesmo algum olho cego remeludo?

—

Adeus, Marilia amada.—Inda aqui vem?!
 Sim porque quiz-te ver... —Quem o chamou?
 Como estás tão raivosa!—Muito estou.
 Mas eu não te fiz mal.—Nem me fez bem.

Ah! quanto és adorada... —Mas por quem?
 Por mim, cruel, por mim.—Quem o mandou? .
 Porem és tão ingrata!... —Pouco o sou.
 Tal não devera ser!—E isso que tem?...

Tu fazes-me infeliz!—A culpa è sua.
 Não tem remorsos d'isso?—Pouco importa,
 Marilia isto è verdade?—Nua e crúa.

Meu Deus! que triste vida!—Vai bem torta!
 Vou-me embora, Marilia?—É franca a rua.
 Adeus, perfida, ingrata.—Encoste a porta.

Ah! Marilia formosa, eu perco o tino
 Ao verte tão galante e seductora!
 Eu já tão velho que de balde agora
 De ti pretendo amor... Cruel destino!

Mas ouve; queres ver-me já menino?
 Mostra-me affecto ao menos uma hora,
 Dize que me tens amor, e sem demora
 Verás esse milagre repentino.

Ver-me-has joven activo e diligente
 E excessos mil fazer por te agradecer,
 Que estes prodigios faz o amor somente.

Anda, dize... Porque tanto hesitar?...
 Tres palavras de amor simplesmente,
 Trinta janeiros podem me tirar.

Quanto sou infeliz, Marcia querida!
 Eu vou longe de ti triste viver;
 Porem não sei que vida possa ter.
 Longe de ti, si em ti me fica a vida...

A minha infausta sorte desabrida,
 Assim o quiz... não sei que heide fazer...
 É certo que n'ausencia vou morrer
 E começo a morrer na despedida...

Adeus, Marcia adorada... Mas espera!...
 Não chores... vê que ainda estou presente...
 Inda dizer-te adeus eu não quizera...

Que horrivel afflicção meu peito sente!
 Oh! si ao darte este adeus antes morrera,
 Que este longo morrer estando ausente...

Suspirava o Brazil entre grilhões ,
 Anhelando a preciosa liberdade ,
 Exempto da orgulhosa potestade
 De estranhos e Despoticos Mandões.

Tantos os brasileiros corações
 Quantas victimas são que á Divindade
 Consagra a patriotica piedade
 Em sacrificio e puras oblações.

Ouvio o Sacro Nume ao Deprecante
 E disse : Seja livre e seja imperio
 No Mundo-Novo , unico e possante.

Dos ferros longe arroje o vituperio ,
 O Brazil se erga altivo , triumphante ,
 Entre as Nações do Mundo Hemispherio.

Papel, papel! que vales tu , papel?
 Vales ouro, papel, sendo tão vil!
 De reis arrotas tu centos de mil
 Nos Paços, na choupana, no bordel.

Papel, papel, que sorte tão cruel,
 A John Bull te comprou por um seutil,
 Para valeres o ouro do Brazil,
 Avára levantou-te do granel.

Vede immenso papel, mas que ouro val;
 Cróa a vergonha em verde, roxo, azul,
 Emphtisica o thesouro avulta o mal.

E a epidemia grassa a Norte, a Sul!
 Valha-nos Deus! E os démos que a final
 Levem papel, moeda, e mais John Bull.

Deseja o ouro o aváro afadigado ;
 Deseja o porto o hardido navegante ;
 Deseja ver a amada o terno amante ,
 Deseja a cura o enfermo atribulado.

Deseja a liberdade o encarcerado ,
 Deseja bom despacho o litigante ,
 Deseja o lucro , activo Negociante ,
 Deseja ver a patria o desterrado.

Deseja desaffronta o offendido ,
 Deseja o foragido a noite escura ,
 Deseja a ingenua moça o bom marido.

Eu que da infausta e negra desventura ,
 Tantos tão crueis golpes hei soffrido ,
 Tão somente desejo a Sepultura.

—

Carpindo a minha negra desventura
 Em ais vãos e queixumes embebido ,
 Pouco e pouco me tinha surprehendido
 Em sombria floresta noite escura.

Por uma deshumana formusura
 A que o coração tinha rendido ,
 De quem só um ludibrio havia sido ,
 E a quem sempre encontrei tyranna e dura.

«—Ah ! vem ! (chamei chorando) não demores
 Ó morte , o duro golpe desejado ,
 Põe fim a tantas pennas , tantas dores ! . . . »

Porem horrida voz sôa a meu lado :
 « Baldados são (me diz) os teus clamores ,
 Pois se unem contra ti. Amor e o Fado. »

Formosa Elvina quando vi teu rosto,
De taes graças e encantos adornado,
Por teu amor deixei o antigo estado,
D'amor me fiz escravo por meu gosto.

Fôra ao cego menino sempre opposto,
Mas de inimigo accerrimo, exaltado
Em amigo d'amor me vi tornado,
Formosa Elvina, quando vi teu rosto.

Ouviste que te amava com candura,
Teu meigo coração não foi-me esquivo,
Sensível me juraste a fé mais pura.

Formosa Elvina quão ditoso vivo!
Teu captiveiro trouxe-me a ventura,
Assim desejo sempre ser captivo.

- - -

Bella Olaia, estes sitios certamente
Nada tem d'agradavel, mas confesso
Que ha pouco mais de um mez que te conheço
Acho o lugar em tudo differente.

Ando a pensar em ti constantemente
E da tal Sapocaia não me esqueço;
Assim Cupido tudo torna avesso
Si em seus grilhões dourados prende a gente.

Na Sapocaia triste, erma, lodosa
Me parece ver quadros seductores
Quando te vejo a face graciosa:

Por toda a parte vejo nascer flores;
E até a ilhota feia e pedregosa
Torna-se logo a Ilha dos Amores.

Nas Margens do Munim andando um dia
 Vi uma rapariga não mui feia ,
 Tendo na mão mais de duzia e meia
 De batatas cosidas que comia.

Cheguei a ella , e disse-lhe : Bom dia
 Minha menina bella , então passeia ?
 E a moça respondeu co'a boca cheia :
 Patseio , sim , tsenhor : que mais queria ?

Fiz deligencia d'apertar-lhe a mão ,
 Mas debalde que moça mui ligeira
 Revirou-me um tremendo bofetão :

Sem duvida julgava essa grosseira
 Que eu queria as batatas ! Que lição !
 Nunca mais namorar na caxoeira !

Offerece a magestosa Natureza ,
 Nos seus variadissimos aspectos ,
 Para o canto dos Vates mil objectos ,
 Gratos , sublimes , cheios de belleza.

Nobres , dignos assumptos , com largura
 Nos dá o humano coração nos seus affectos :
 De variados fructos tão seletos ,
 Ó Vates explorae tanta riqueza.

Deixae Cupido e Venus fabulosos ,
 Cantae o Amor , Virtude , Formusura ,
 E a Natureza em versos harmoniosos.

Sem recorrer a insipida impostura
 D'esses Deuzes ficticios já rançosos ,
 A vossa gloria , ó Vates , é segura.